



eu mereço!

gossip girl

Cecily von Ziegehaar

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

Fevereiro é como aquela garota da festa que eu dei quando meus pais saíram para uma "segunda lua-de-mel" no Cabo na semana passada (eu sei:é triste). Vocês se lembram - a garota que vomitou todo o piso de mármore espanhol do banheiro de hóspedes e depois se recusou a ir embora. Atiramos a bolsa Dior e o exagerado casaco de pele de ovelha Oscar de la Renta dela no elevador e ela finalmente entendeu o recado. Mas, ao contrário da maioria dos lugares do mundo, Nova York se recusa a cair na depressão de fevereiro e se tornar um deserto cinzento, frio e melancólico. Pelo menos, a *minha* Nova York não é assim. Aqui no Upper East Side, todos conhecemos a cura para a melancolia: uma dose de vestidos de noite totalmente *sexy* Jedediah Angel, uma par de Manolos de cetim preto, aquele novo batom vermelho "Ready or Not" que você só pode comprar na Bendel's, uma boa depilação com cera na virilha e uma montanha generosa de loção de auto-bronzeamento Estée Lauder, para o caso do bronzeado de St. Barts que restou do feriado de Natal finalmente ter desaparecido. A maioria de nós está terminando o ensino médio - *até que enfim*. Nosso pedido de admissão na faculdade foi encaminhado e nossa agenda está livre, com dois tempos livres todo dia, durante os quais podemos ver um desfile da Fashion Week na tevê ou ir á cobertura de uma amiga beber lattes desnatados, fumar cigarros e ajudar a escolher a roupa para a festa de foda-se-o-dever-de-casa da noite. Outra coisa que compensa em fevereiro é meu dia favorito, que devia ser feriado nacional, o Valentines's Day, nosso Dia dos Namorados. Se você já tem namorado, sorte sua. Se não tem, agora é sua oportunidade de se aproximar daquele gato por quem você ficou babando o inverno todo. Quem sabe? Você pode encontrar o verdadeiro amor, ou pelo menos o verdadeiro sexo, e logo *todo dia* será Dia dos Namorados. Ou isso ou você pode simplesmente se sentar em casa escrevendo tristes e anônimas mensagens instantâneas para as pessoas e comer chocolate em forma de coração ate que não caiba mais no seu jeans Seven preferido. Você escolhe.

Flagra

S e **A** de mãos dadas andando lentamente pela **Quinta Avenida** para o bar do **Compton Hotel**, onde podem ser vistos na maioria das noites de sexta-feira, virando **Red Bull** com **Veuve Clicquot** e dando risadinhas um para o outro, sabendo que são sem dúvida o casal mais quente do salão. **B** recusando-se a entrar na **Veronique** - uma loja para mães na Madison - com a mamãe ardentemente grávida. **D** e **V** usando gola rulê preta combinando com as pernas trançadas enquanto assistem ao filme tortuoso e deprimente de **Ken Mogul** no centro, no **Angelika**. Os dois são mórbidos, artísticos, igualzinhos - tão loucamente perfeitos um para o outro que a gente tem vontade de gritar para eles: "Ei, por que demoraram tanto?!"

J no ônibus circular da rua 96 analisando cuidadosamente um folheto de cirurgia para a redução de seios. Era o que eu definitivamente faria se estivesse no sutiã tamanho G... Hmmm, quer dizer, se eu estivesse no lugar dela. O sempre adorável *N* num jogo chapado de golfe no gelo com os colegas no **Sky Rink**. Ele não parece ligar por estar sem namorada. Não que vá ter algum problema em arranjar uma nova...

E, FINALMENTE: *QUEM VAI ENTRAR ANTES??*

Esta semana um grupinho irritante de nós vai descobrir se conseguiu entrar ou não para as melhores universidades do país. É isso. Não dá mais tempo de nossos pais comprarem outra ala da biblioteca. Não dá mais tempo de subornar outro estimado ex-aluno para mandar uma carta de recomendação ao sub-reitor da admissão. Não dá mais tempo de estrelar outra peça da escola. Os envelopes já estão no correio.

Gostaria de ter um minuto para assinalar que a decisão é totalmente arbitrária, porque basicamente somos todos espécimes perfeitos. Somos lindos, inteligentes, eloqüentes e educados, temos pais influentes e históricos escolares perfeitos (exceto por um probleminha ou outro, como ser expulsa de um internato ou ter de fazer os testes de aptidão escolar oito vezes.)

Também gostaria de dar um conselho para aqueles de nós que realmente vão entrar cedo: procurem não falar *demais* nisso, tá legal? O resto de nós ainda tem alguns meses de espera e, se vocês querem ser convidados para sair conosco, é melhor nem pronunciar as palavras *Ivy League* em nossa presença. Nossos pais já fazem isso demais, muito obrigada. Não que seja um tema tabu, nada disso.

Acho que posso dizer com segurança que todos estamos sofrendo de febre do confinamento de esperar-notícias-da-universidade do último inverno. É hora de pirar um pouco! Pense nisso: quanto mais tempo ficarmos fora, mais rápido o tempo passa. E, podem acreditar, cada coisa depravada que fizermos será glamourizada, dissecada e sairá totalmente de proporção bem aqui, cordialmente. Alguma coisa eu decepcionei vocês? Pra você que me ama,
gossip girl

b se alia a j no tamanho dos peitos

- Só umas fritas e ketchup, por favor - disse Jenny Humphrey a Irene, a atendente barbada de cem anos colocada atrás do balcão do refeitório do subsolo da Constance Billard School for Girls. - Só um *pouquinho* - insistiu. Hoje era o primeiro dia do grupo de discussão e Jenny não queria que as líderes veteranas do grupo pensassem que ela era uma porca total.

O grupo de discussão era um novo programa que a escola estava experimentando. Toda segunda-feira, na hora do almoço, as calouras se reuniam em grupos de cinco, com duas veteranas, para discutir a pressão dos colegas, imagem corporal, meninos, sexo, drogas, álcool e qualquer outro assunto que possa estar incomodando as calouras ou que as líderes veteranas do grupo considerem importante o bastante para ser discutido. A idéia era a seguinte: se as meninas mais velhas dividissem suas experiências com as mais

novas e começassem um diálogo simpático, as mais novas tomariam decisões sensatas em vez de cometer erros idiotas que estragassem a carreira no ensino médio e constrangessem os pais ou a escola.

Com teto de vigas, paredes de espelhos e mesas e cadeiras modernistas de bétula, o refeitório da Constance Billard School mais parecia um novo restaurante da moda do que um salão de jantar institucional. O velho refeitório encardido tinha sido reformado no verão passado porque muitas alunas saíam para almoçar ou levavam a própria comida, e a escola estava perdendo dinheiro e desperdiçando alimentos. O novo refeitório ganhou um prêmio de arquitetura pelo design atraente e a cozinha high-tech, e agora era o ponto de encontro preferido das alunas na escola, apesar de ser Irene e suas camaradas mesquinhas, as avarentas de unhas encardidas, quem serviam a comida do cardápio nouvelle americano do refeitório modernizado.

Jenny abriu caminho pelo grupo de meninas de saís pregueadas azul-marinho, cinza e marrom, pegando seus hambúrgueres de atum defumado-wasabi e batatas fritas Red Bliss e conversando sobre as festas a que foram no fim de semana. Ela deslizou a bandeja de aço inox para uma mesa redonda desocupada, que fora reservada para o grupo de discussão A, e se sentou com as costas na parede espelhada, para não ter de se ver enquanto comia. Mal podia esperar para descobrir quais seriam as líderes veteranas de seu grupo. Parece que a concorrência foi feroz, uma vez que ser líder era uma forma relativamente indolor de mostrar à universidade que você ainda estava envolvida em atividades escolares, embora seu pedido de admissão já tivesse sido entregue. Era como ganhar um crédito a mais por comer fritas e falar de sexo por 15 minutos.

Quem não ia querer isso?

- Oi, Ginny. - Blair Waldorf, a garota mais piranha e mais fútil de toda a turma do terceiro ano, ou talvez de todo o mundo, deslizou a bandeja para o lugar na frente de Jenny e se sentou. Enfiou uma mecha ondulada de cabelos castanhos por trás da orelha e murmurou para seu reflexo na parede espelhada: - Estou louca pra cortar o cabelo. - Ela olhou para Jenny, pegou o garfo e despejou um monte de creme chantilly por cima do bolo de chocolate. - Sou uma das líderes do grupo de discussão A. *Você está mesmo no grupo A?*

Jenny assentiu, agarrando o assento da cadeira enquanto olhava desanimada e fixamente para o prato de fritas frias e gordurosas. Não conseguia acreditar em sua falta de sorte. Não só Blair Waldorf era a veterana mais apavorante da escola como também era a ex-namorada de Nate Archibald. Blair e Nate sempre foram o casal perfeito; os que estavam destinados a ficar juntos para todo o sempre. Então, por mais estranho que pareça, Nate realmente trocara Blair por Jenny depois de conhecê-la no parque e dividir um baseado com ela.

Foi o primeiro baseado de Jenny e Nate foi o primeiro amor. Ela nunca sonhou em ter um namorado mais velho, e muito menos um namorado tão bonito e cool como Nate. Mas depois de uns dois meses bons demais para serem verdade, Nate se encheu de Jenny e a magoou da forma mais cruel possível, largando-a na festa de Ano-novo. Então agora ela e Blair Waldorf realmente tinham alguma coisa em comum - as duas foram chutadas pelo mesmo cara. Não que isso fizesse alguma diferença. Jenny tinha certeza absoluta de que Blair ainda a odiava até a medula.

Blair sabia perfeitamente bem que Jenny era a caloura peituda que lhe roubara o Nate, mas também sabia que Nate tinha dado um pé na bunda de Jenny depois de algumas fotos

extremamente constrangedoras do traseiro nu e da tanga de Jenny foram publicadas na Internet pouco antes da véspera de Ano-novo. Blair pensou que Jenny já tivera o castigo merecido e ela realmente não ia se incomodar em odiá-la mais.

Jenny olhou para Blair.

- Que é a outra líder? - perguntou ela timidamente. Jenny queria que os outros membros do grupo se apressassem e chegassem logo, antes que Blair dilacerasse sua cabeça com as unhas rosas opalescentes perfeitamente manicuradas.

- Serena está chegando. - Blair revirou os olhos. - Sabe como é a Serena. Ela sempre se atrasa. - Ela penteou o cabelo com os dedos, imaginando o corte que ia fazer quando fosse ao salão na hora que marcara durante os dois tempos livres. Ia fazer uma rinsagem mogno para se livrar das luzes cor de cobre e depois cortá-lo curto, de um jeito moderno e superfashion, tipo Audrey Hepburn em *Como roubar um milhão de dólares*.

- Ah - respondeu Jenny, aliviada. Serena van der Woodsen era a melhor amiga de Blair, mas não era nem um pouco apavorante, porque era realmente *legal*.

- Oi, gente. Este é o grupo de discussão A? - Uma caloura grandalhona e sardenta chamada Elise Wells se sentou ao lado de Jenny. Cheirava a talco de bebê e o cabelo louro-palha era cortado na altura do queixo, com mechas grossas cobrindo a testa, exatamente como a babá cortava seu cabelo quando você tinha dois anos. - Preciso dizer a vocês agora que tenho um problema com comida - anunciou Elise. - Não consigo comer em público.

Blair assentiu e empurrou a fatia de bolo de chocolate para longe dela. No treinamento para líder do grupo de discussão com a professora de saúde, a Sra. Doherty, disseram-lhe para *ouvir* e tentar ser *sensível*, colocando-se no lugar das meninas mais novas. a Sra. Doherty tinha de dizer isso. Só o que ela fala na aula de saúde da oitava série era dos namorados que teve e todas as posições sexuais que experimentou. Ainda assim, a Sra. Doherty era uma das professoras que Blair tinha atormentado para conseguir uma recomendação extra a ser enviada ao departamento de admissão de Yale, e ela realmente queria se destacar como a melhor líder de grupo de discussão da turma do terceiro ano. Queria que as calouras de seu grupo gostassem dela - não, *adorassem-na* - e, se uma delas tinha problemas para comer em público, Blair não ia ficar sentada ali se entupindo de bolo de chocolate, especialmente quando estava planejando vomitar assim que a sineta tocasse.

Blair puxou um maço de papéis da bolsa vermelha Louis Vuitton.

- Imagem corporal e auto-estima são duas das questões que vamos discutir hoje - disse ela a Elise e Jenny, tentando parecer profissional. - Se minha colega na liderança e o resto do grupo decidirem chegar aqui - acrescentou com impaciência. Seria fisicamente possível para Serena chegar a tempo *uma vez que fosse?*

Aparentemente, não.

Foi nesse momento que, em uma lufada de cashmere e cabelos louro-claros, Serena van der Woodsen sentou a bunda bronzeada e modelada na cadeira ao lado de Blair. As três outras calouras do grupo de discussão a seguiam como patinhos.

- Olha o que a gente conseguiu depois de encher o saco da Irene! - falou Serena, jogando um prato cheio de anéis de cebola gordurosos no meio da mesa. - Eu disse a ela que íamos ter uma reunião especial e estávamos *famintas*.

Blair olhou solidariamente para Elise, que fitou carrancuda o prato de anéis com os olhos

azuis de pestanas louras que seriam bonitos se ela tentasse usar um pouco de rímel castanho-escuro Stila.

- Está atrasada - acusou Blair, passando as notas para Serena e as outras calouras. - Eu sou a Blair - disse ela a todas. - E vocês são...?

- Mary Goldberg, Vicky Reinerson e Cassie Inwirth - responderam as três em uníssono. Elise cutucou o cotovelo de Jenny. Mary, Vicky e Cassie eram o trio mais irritantemente inseparável do primeiro ano. Elas sempre estavam escovando os cabelos uma da outra nos corredores, e faziam tudo juntas, até xixi.

Blair olhou para as notas e leu em voz alta:

- "Imagem corporal: aceitando e adotando quem você é." - Ela olhou pra cima e sorriu para as calouras, cheias de expectativas. - Alguma de vocês tem um problema específico de imagem corporal que queria discutir?

Jenny sentiu o sangue insinuar no pescoço e no rosto enquanto pensava corajosamente em contar a elas sobre a consulta para redução de seios. Mas, antes que pudesse falar alguma coisa, Serena enfiou um enorme anel de cebola na boca delicada e perguntou:

- Posso dizer uma coisa antes?

Blair fez uma carranca para a melhor amiga, mas Mary, Vicky e Cassie assentiram ansiosas. Ouvir qualquer coisa que Serena van der Woodsen tivesse para dizer era muito mais interessante do que qualquer discussão idiota sobre imagem corporal.

Serena cravou os cotovelos nas anotações e pousou o queixo perfeitamente cinzelado nas mãos manicuradas, os enormes olhos azul-escuros mirando sonhadoramente o próprio reflexo idílico na parede espelhada.

- Estou tão apaixonada. - suspirou ela.

Blair agarrou o garfo e cavucou novamente o bolo de chocolate, esquecendo-se da sua solidariedade nada-de-comida com Elise. Serena estava sendo tremendamente insensível. Primeiro, o cara por quem Serena aparentemente estava "tão apaixonada" era por acaso o meio-irmão pseudo-hippie, guitarrista e cheio de trancinhas de Blair, Aaron Rose, o que era simplesmente um *absurdo*. E segundo, embora Nate tenha largado Blair em novembro, Blair *ainda* não havia superado Nate, e a simples menção da palavra *apaixonada* fazia-a querer explodir em pedaços.

- Acho que devemos fazer com que *elas* falem dos problemas *delas*, e não dos *nossos* - sibilou ela para Serena. É claro, se Serena realmente tivesse se incomodado em aparecer no treinamento do grupo de discussão, ela saberia disso.

Serena matou o treinamento para poder ir ao cinema com Aaron e, como uma idiota simplória, Blair deu cobertura a ela. Disse é Sra. Doherty que Serena teve uma enxaqueca, mas que ela lhe passaria pessoalmente os principais pontos pelo treinamento quando Serena estivesse melhor. Era tão típico. Sempre que Blair fazia algo por alguém, em geral se arrependia de tê-lo feito.

O que meio que explica por que ela era uma piranha daquelas a maior parte do tempo. Serena balançou os ombros perfeitos em uma frente única.

- Acho que o amor é um tema muito melhor do que imagem corporal. Quer dizer, já falamos de imagem corporal até morrer na oitava série. - Ela olhou para as calouras sentadas em volta da mesa. - Não é ?

- Eu só acho que a gente devia seguir o programa - insistiu Blair, obstinada.

- É com vocês, meninas - disse Serena às garotas mais novas.

Mary, Vicky e Cassie esperavam, as orelhas em pé, pelo furo da vida amorosa de Serena.

Elise estendeu a mão e futucou um anel de cebola gorduroso com um dedo trêmulo e uma unha roída, retirando depois a mão rapidamente como se tivesse se queimado. Jenny passou a língua pelos lábios rachados pelo inverno.

- Como a gente devia falar de imagem corporal, acho que tenho uma coisa a dizer - disse ela ao grupo, em voz tremida. Jenny ergueu os olhos e deu com Blair assentindo sorrindo para ela, estimulando-se.

- Sim, Ginny?

Jenny baixou os olhos para a mesa novamente. Por que estava sempre dizendo essas coisas a elas? *Porque eu preciso falar com alguém*, percebeu ela e se obrigou a continuar falando, apesar do rubor furioso de constrangimento que ardia em seu rosto.

- Neste fim de semana eu quase tive uma consulta para uma redução de seios.

Mary, Vicky e Cassie se inclinaram para a frente para ouvir melhor. Não só o grupo de discussão ia ser o lugar para pegar as últimas tendências da moda das duas garotas mais cool da escola como ia ser uma fonte preciosa de fofoca!

- Marquei uma consulta - continuou Jenny -, mas não fui. - Ela afastou o prato e tomou um gole d'água, tentando ignorar os olhares curiosos das outras meninas. O grupo estava concentrado, e roubar os refletores de Blair e Serena não era uma proeza fácil.

Elise pegou um anel de cebola, deu uma mordidinha e deixou-o cair no prato novamente.

- Por que mudou de idéia? - perguntou ela.

- Você não precisa responder. - interrompeu Blair, lembrando-se de uma coisa que a Sra. Doherty tinha dito no treinamento sobre não pressionar nenhuma garota do grupo a se abrir antes que estivesse preparada para isso. Ela olhou para sua co-líder. Serena estava ocupada, examinando as pontas do cabelo com um olhar sonhador e distante, como se não tivesse ouvido uma palavra do que foi dito. Blair se virou para Jenny de novo e tentou pensar em alguma coisa tranquilizadora para dizer, para que Jenny não se sentisse a única pessoa no grupo que tinha problema com o tamanho dos peitos. - Eu sempre quis ter seios maiores. Pensei seriamente em colocar silicone. - Não era uma mentira total. Ela era somente tamanho P e sempre quis usar M.

Quer não quer?

- É mesmo? - perguntou Serena, voltando à Terra. - Desde quando?

Blair deu outra dentada raivosa no bolo. Será que Serena estava mesmo tentando sabotar suas habilidades de liderança?

- Você não sabe tudo sobre mim. - rebateu ela.

Cassie, Vicky e Mary se chutaram por baixo da mesa. Isso era tão excitante! Serena van der Woodsen e Blair Waldorf estavam brigando e elas testemunhavam cada palavra da briga!

Elise penteou a franja com as unhas roídas.

- Acho que foi mesmo, hmmm, maravilhoso você nos contar isso, Jenny. - Ela sorriu com timidez para Jenny. - E eu acho que foi coragem sua não fazer.

Blair fez uma carranca. Por que *ela* não disse alguma coisa sobre como Jenny fora corajosa em vez de fazer aquela declaração ultrajante sobre querer colocar silicone?

Quem sabia o que essas calouras imbecis iam falar dela quando o grupo se separasse?

Depois ela se lembrou de outra coisa que a Sra. Doherty tinha dito no treinamento.

- Opa. Acho que tínhamos que falar um pouco da questão da confidencialidade antes de começarmos. Sabe como é, tipo assim, nada do que dissermos aqui será repetido fora do grupo, entenderam?

Tarde demais. Em questão de minutos cada garota da escola estaria discutindo os implantes iminentes de Blair Waldorf. *Eu soube que ela está esperando pela formatura...* etc, etc.

Jenny deu de ombros.

- Tudo bem. Não ligo se vocês contarem. - Não é que ela pudesse esconder os peitos enormes, de qualquer forma. Eles simplesmente estavam *ali*.

Elise se inclinou e pegou a bolsa bege Kenneth Cole.

- Hmm, só faltam oito minutos para a sineta tocar. Tudo bem se eu sair e comprar um iogurte agora? - perguntou ela.

Serena empurrou o prato de anéis de cebola para Elise.

- Coma mais uns desses - ofereceu ela generosamente.

Elise sacudiu a cabeça, o rosto sardento ficando rosa.

- Não, obrigada. Não como em público.

Serena franziu a testa.

- É mesmo? Que estranho. - Ela recuou quando Blair lhe deu uma cotovelada no braço, *com força*. - Ai! Meu Deus, pra que isso?

- Talvez, se você realmente tivesse ido ao treinamento do grupo de discussão, entendesse o porquê - grunhiu Blair entre dentes.

- Posso ir agora? - perguntou Elise novamente.

Ocorreu a Blair que as calouras do grupo de discussão ia adorá-la de verdade se ela as deixasse sair cedo. Ela podia usar os oito minutos extras para chegar ao cabeleireiro a tempo.

- *Todas* vocês podem ir. - disse ela, sorrindo com doçura - , a não ser que realmente queiram ficar e ouvir Serena falar de *amor* pelo resto do tempo.

Serena sacudiu os braços para cima e deu uma risadinha para o teto.

- Eu podia falar de amor o dia todo.

Jenny se levantou. Desde que Nate a chutara, a última coisa que queria falar era de amor. Engraçado - ela achara que Blair ia ser a líder do grupo de discussão com quem teria problemas, mas acabou sendo Serena.

Elise se levantou, puxando o enorme suéter rosa de gola rulê como se estivesse apertado demais.

- Sem ofensas, mas, se eu não comer um iogurte antes de terminar o almoço, vou desmaiar na aula de geometria.

- Vou comprar um com você - disse Jenny a ela, usando essa desculpa para sair da mesa.

- Posso ir com vocês, meninas. - bocejou Blair, levantando-se também.

- Aonde você vai? - perguntou Serena, toda inocente. Normalmente, na segunda-feira depois do almoço, as duas passavam os suntuosos dois tempos livres no Jackson Hole, bebendo capuccino e fazendo planos malucos e incríveis para o verão depois da formatura.

- Não é da sua conta - rebateu Blair. Ela ia convidar Serena para ir com ela ao salão, mas agora que Serena se comportava como uma egoísta patricinha cretina isso estava totalmente fora de questão. Ela jogou o cabelo por sobre o ombro e pendurou a bolsa no braço. - Vejo vocês na semana que vem - acrescentou ela a Mary, Vicky e Cassie enquanto seguia Jenny e Elise pela saída e pegava a escada para a rua 93.

No refeitório lotado, Vicky se inclinou para a mesa meio vazia.

- E aí, *conta* - insistiu com Serena.

Mary deu um golinho no leite com um por cento de gordura e assentiu, ansiosa.

- É, é. *Conta*.

Cassie apertou o rabo-de-cavalo castanho claro.

- Conta *tudinho*.

um dever de casa bem diferente

- E aí, o que você quer filmar primeiro? - perguntou Daniel Humphrey a sua melhor amiga e namorada à seis semanas, Vanessa Abrams. Dan freqüentava a renomada escola para meninos do Upper West Side, a Riverside Prep, e Vanessa era aluna da Constance Billard, mas eles conseguiram permissão para colaborar em um projeto especial do terceiro ano chamado *A construção da poesia*. Vanessa, uma cineasta nascente, ia filmar Dan, um poeta nascente e astro ocasional dos filmes de Vanessa, escrevendo e revisando seus poemas.

Não era exatamente um material de detonar as bilheterias, mas Dan ficava tão bonitinho no modelito artista amarrotado e desmazelado que solta sua angústia que as pessoas provavelmente iam querer ver.

- Só fique sentado à mesa e escreva alguma coisa em um dos blocos pretos, como você sempre faz - instruiu Vanessa, olhando pela lente da câmera de vídeo digital para ver se a luz estava correta. - Pode tirar algumas dessas porcarias da sua mesa?

Dan passou o braço na mesa e mandou canetas, clipes, folhas de papel, elásticos, livros, maços vazios de Camel sem filtro, caixas de fósforos e latas vazias e amassadas de Coca-cola para o chão de carpete marrom. Eles estavam filmando no quarto de Dan porque era ali que ele em geral trabalhava. Além disso, bastava atravessar o parque, vindo da Constance Billard, na rua 93 Leste, entre a Quinta e a Madison, para chegar ao prédio de Dan, na 99 Oeste com a West End Avenue.

- E talvez tirar a camisa também - sugeriu Vanessa. *A construção da poesia* seria sobre o processo artístico, ilustrando que o que *não é feito* no trabalho é tão importante como o que é feito. Havia montes de tomadas de Dan amassando papel e atirando-os com raiva pelo quarto. Vanessa queria mostrar que escrever - ou criar alguma coisa, aliás - não era um mero exercício mental; era *físico*. Além disso, Dan tinha aqueles musculinhos nas costas que ela estava doida pra filmar.

Dan se levantou e tirou a camiseta básica preta, jogando-a em uma cama desfeita onde o gato gordo dos Humphrey, Marx, dormia de costas como uma baleia encalhada e peluda. Tudo no apartamento que Dan dividia com o pai, Rufus, um editor de poetas beat nada conhecidos, e sua irmã mais nova, Jenny, era desfeito, caindo aos pedaços ou no mínimo completamente coberto de pêlo de gato e rolos de poeira. Era um grande apartamento claro, de pé-direito alto, mas não era limpo adequadamente há vinte anos e as paredes esfareladas imploravam por uma nova demão de tinta. Dan, o pai e a irmã raramente jogavam alguma coisa fora, então a mobília arqueada e o chão de madeira arranhada estavam salpicados de jornais e revistas velhos, livros esgotados, baralhos incompletos, pilhas usadas e lápis sem ponta. Era o tipo de lugar onde seu café ganhava pêlo de gato no minuto em que você o colocava na xícara, um problema com o qual Dan lidava constantemente porque ele era viciado em cafeína.

- Quer que eu olhe para a câmera? - perguntou ele, sentando-se na cadeira de madeira gasta e girando para Vanessa. - Eu podia colocar o bloco no colo e escrever, assim -

demonstrou ele.

Vanessa se ajoelhou e espiou pela lente da câmera. Estava usando o uniforme cinza pregueado da Constance Billard com meia-calça preta, e o carpete marrom puído parecia eriçado em seus joelhos.

- Aí, isso é legal - murmurou ela. Ah, olha só como o peito de Dan era branco e macio! Ela podia ver cada costela, e aquela linha de penugem castanho-amarelada, como pêsego, que corria até o umbigo! Ela avançou um pouco para a frente de joelhos, tentando chegar o mais perto possível sem estragar o enquadramento.

Dan mordeu a ponta da caneta, sorrindo para si mesmo, e depois escreveu: *Ela tem a cabeça raspada, usa preto o tempo todo, ela precisa de um novo par de botas de combate e ela odeia usar maquiagem. Mas ela é o tipo de garota que acredita em você e consegue secretamente que seu melhor poeta seja publicado na New Yorker. Acho que se pode dizer que eu a amo.*

Provavelmente era a coisa mais piegas que ele já escrevera, mas ele não ia publicar aquilo em suas "Obras Escolhidas" ou coisa assim. Vanessa se aproximou um pouco mais, tentando capturar o branco fervente dos nós dos dedos de Dan enquanto ele escrevia.

- O que está escrevendo? - Ela apertou o botão de gravação da câmera.

Dan olhou para cima, sorrindo para ela através das mechas embaraçadas nos olhos castanhos-dourados brilhando.

- Não é um poema. É só um conto sobre você.

Vanessa sentiu o corpo esquentar.

- Leia para mim.

Dan empinou o queixo, constrangido, e depois deu um pigarro.

- Tudo bem. "Ela tem a cabeça raspada..." - começou ele, lendo o que havia escrito.

Vanessa corou enquanto ouvia e depois deixou a câmera no chão. Foi de joelhos até onde Dan estava sentado, tirou o bloco do caminho e deixou a cabeça no colo dele.

- Você sabe como a gente sempre fala de transar, mas nunca fez, né? - sussurrou ela, os lábios roçando o tecido duro das calças cargo verde-oliva dele. - Por que não transamos agora mesmo?

Por baixo da bochecha, ela sentiu os músculos de Dan se retesarem.

- Agora? - Ele olhou para baixo e passou o dedo pela borda da orelha de Vanessa. Tinha quatro piercings em cada uma delas, mas nenhum brinco. Ele respirou fundo. Vinha poupando o sexo para um momento em que parecesse poético e correto. Talvez essa hora fosse agora, um momento espontâneo. Talvez especialmente adequado e irônico, que exatamente daqui a uma hora, ele iria voltar à Riverside Prep, sentar no curso de latim avançado do último tempo e ouvir o Dr. Werd ler Ovídio com seu sotaque exagerado de nerd em latim.

Introdução ao sexo nos dois tempos livres - a mais recente disciplina do currículo de primavera.

- Tá legal - concordou Dan. - Vamos nessa.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados

para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

Oi, gente !

REJEIÇÃO PRECOCE

Então eu soube que as universidades da Ivy League montaram uma conspiração para manter a intriga e exclusividade: este ano não estão aceitando ninguém cedo. Talvez seja só um boato falso. Mas se você não entrar cedo, tente pensar desta forma: talvez você seja perfeito demais. Eles simplesmente não conseguem lidar com isso. E so pense em como vamos nos divertir se todos formos para a mesma universidade comunitária !

MELHORAR OU NÃO MELHORAR CIRURGICAMENTE, EIS A QUESTÃO

A idéia de alterar cirurgicamente o corpo por qualquer meio sempre me assustou, não por que eu não pense que Dolly Parton seja ótima. Ela não parece ter passado dos quarenta nem um dia e agora deve ter uns duzentos anos. Mas eu nem me preocupo se os médicos cometessem um erro e desinflassem totalmente um dos peitos ou tirassem uma narina ou coisa parecida. É claro que sou tão mulherzinha quanto qualquer garota e sei da importância de se sentir bem com a propria aparência. Tento pensar nisso assim: sabe quando você vê um cara lindo na rua e diz à amiga " Olha só esse aí!" e depois a amiga faz uma cara tipo, feio? Todas nós temos gostos totalmente variados e alguém vai olhar pra você e pensar, hmmm-hmmm, gostosinha, independentemente do que você pensar da sua aparência. Você so precisa aprender a ver o que eles vêem.

Seu e-mail

P: Cara G-Girl,

Eu soube que você foi aceita na Bryn Mawr e ficou maluca porque queria ir para faculdade com meninas e é essa sapata enorme que joga volei. hihhi
-dorf

R: Oi, dorf

Que tipo de nome é dorf, aliás? Eu me recuso a me rebaixar a seu nivel de humor ou dizer a você que universidade me candidatei, mas minha mãe e minha irmã foram para Bryn Mawr, e sabe de uma coisa ? As duas são umas gatas.
- GG

Vou correndo pra casa procurar na correspondência por um envelope tamanho ofício com um jeito de importante que pode ou não determinar todo meu futuro próximo. Desejem-me sorte!

Pra você que me ama,
gossip girl

o mauricinho inútilóide tenta se dar bem

Quando o ultimo tempo de francês finalmente acabou, Nate Archibald deu um até mais apressado aos colegas de turma da St. Jude's School e correu pela Madison até a pizzaria na esquina 86, o local de trabalho de seu confiável traficante de maconha, Mitchell. Para a sorte de Nate, a St. Jude's era a mais antiga escola para meninos de Manhattan e tinha como tradição terminar as aulas de todos os meninos às duas da tarde, embora a maioria das outras escolas da cidade liberasse os alunos às quatro. O raciocínio da escola era que isso dava aos garotos um tempo a mais para praticar esportes e fazer as copiosas quantidades de dever de casa que levavam consigo todo dia. Também dava tempo para dar uns tapas e ficar chapado antes, durante e depois da pratica de esporte e fazer o dever de casa.

A ultima vez que Nate tinha visto Mitchell, o traficante engraçadinho que usava um chapéu Kangol disse que ia voltar para Amsterdã muito em breve. Hoje era a ultima chance de Nate conseguir o maior saco de erva peruana doce que Mitchell podia fornecer. Blair sempre reclamava do hábito de Nate fumar maconha quando estava, juntos, queixando-se de como era chato vê-lo encarar o tapete persa no quarto dela por dez minutos quando eles podiam estar se agarrando ou ir a uma festa em algum lugar. Nate sempre sustentava que sua maconha era apenas um prazer, como comer chocolate - uma coisa que ele podia largar a qualquer momento. E só provar isso - não que ele *precisasse* provar mais alguma coisa a Blair - ele ia parar depois de fumar cada folhinha de maconha do saco gigante que ia comprar hoje. Se tivesse cuidado, o saco podia durar umas oito semanas. Até lá, ele preferiu nem *pensar* em largar.

- Duas fatias simples - disse Nate ao pizzaiolo careca que usava uma camiseta roxo berrante WELCOME TO LOSERVILLE. Ele pousou os cotovelos no balcão vermelho da pizzaria, afastando para o lado recipientes de sal e alho, flocos de pimenta vermelha e orégano. - Cadê o Mitchell?

O negociinho paralelo de Mitchell não era segredo no salão da pizzaria. O pizzaiolo ergueu as grossas sobrelanceiras pretas. O nome dele bem que podia ser Ray, mas, mesmo depois de nos comprando pizza e maconha ali, Nate não tinha certeza.

- O Mitchell já foi. Você o perdeu.

Nate bateu no bolso traseiro de sua calça de sarja cáqui, onde havia enfiado a carteira Coach estufada, um tijolo amargo de pânico subindo pela garganta. É claro que ele não era *viciado*, mas não gostava de ficar sem maconha quando tinha planejado apertar um dos gordos para passar o resto da tarde. E a tarde de manhã, e de depois de amanhã...

- O quê? Quer dizer que ele já foi para Amsterdã?

Ray - ou talvez fosse Roy - abriu a reluzente porta cromada do forno e, num movimento de expert, puxou duas fatias quentes para pratos duplos de papel e os deslizou pelo balcão na direção de Nate.

- Lamento, cara - disse ele, só meio solidário. - Mas de agora em diante vendemos pizza e refrigerante, e só pizza e refrigerante. Sacou ?

Nate pegou o prato de pizza e o pôs no balcão novamente. Não conseguia acreditar na falta de sorte. Puxou a carteira e tirou uma nota de dez dólares do gordo maço dentro dela.

- Fica com o troco - murmurou ele, largando a nota no balcão antes de sair com a pizza. Na rua, Nate vagou meio sem rumo para o parque, sentindo-se um cachorro abandonado. Vinha comprando erva do Mitchell desde a sexta série. Numa tarde qualquer de maio,

Nate e o colega Jeremy Scott Tomplinson foram à pizzaria para comprar uma fatia de pizza e Mitchell ouviu Jeremy dizer a Nate para roubar o recipiente de orégano para que eles levassem para casa e fumassem. Mitchell propôs vender a eles uma coisa que melhorava ainda mais o humor, e desde então Nate e os colegas voltavam lá. O que devia fazer agora, comprar trouxinhas baratas de um daqueles espertinhos do Central Park? A maioria daqueles caras vendia um bagulho do Texas, seco e quebradiço, e não as trouxas verdes e suculentas que Mitchell conseguia diretamente do tio dele no Peru. Além disso, ele soube que metade dos traficantes do Central Park eram policiais da Entorpecentes só esperando para acabar com um garoto com ele.

Depois de atirar as fatias de pizza meio comidas na lixeira mais próxima, Nate vasculhou os bolsos do casaco naval Hugo Boss em busca de um baseado que tivesse sobrado.

Depois de encontrar um ele atravessou a Quinta Avenida e se agachou um banco do parque para acender, ignorando a aproximação de um grupo de meninas da oitava série que davam risadinhas no uniforme azul-escuro da Constance Billard, lançando olhares sensuais para ele.

Com seu sorriso eu-sei-que-sou-gostoso, os cabelos dourados, os olhos cor de esmeralda, a pele sempre bronzeada e o conhecimento sexy de construção de barcos e regatas a vela, Nate Archibald era o cara mais cobiçado do Upper East Side. Ele não tinha de procurar pelas garotas. Elas caíam no colo dele. Literalmente.

Nate deu uma puxada forte no baseado aceso e tirou o celular do bolso. O problema era que os outros chapados da St. Jude's - Jeremy Scott Tompkinson, Charlie Dern e Anthony Avuldsen - também compravam com Mitchell. O cara era o melhor. Mas valia a pena ligar para saber se um deles tinha conseguido uma boa trouxa antes do sumiço do traficante.

Jeremy estava num táxi a caminho de um jogo interescolar de squash.

- Desculpa, cara. - A voz dele estalou na linha. - Fiquei tomando o Zolofit da mamãe o dia todo. Por que não compra uma trouxinha de um daqueles traficantes do parque ou coisa assim?

Nate deu de ombros. Comprar uma trouxinha no parque parecia tão... *capenga*.

- Deixa pra lá, cara - disse ele a Jeremy - A gente se vê amanhã.

Charlie estava numa megaloja da Virgin, comprando DVD's com o irmão mais novo.

- Que droga - exclamou ele quando Nate contou a situação. - Mas você está perto do parque, né? Então compra uma trouxinha lá.

- É, tá, deixa pra lá. - respondeu Nate. - A gente se vê amanhã.

Anthony estava numa aula de direção do novo BMW M3 esporte que os pais deram a ele no aniversário de 18 anos na semana anterior.

- Dá uma olhada no armário de remédios da sua mãe - aconselhou ele. - Os pais são o último recurso.

- Vou ver - respondeu Nate. - Mais tarde. - Ele desligou e deu uma puxada no insignificante baseado. - Droga! - praguejou ele, esmagando a bagana queimada na neve suja com o pé. Este semestre era para ser zoeira 24 horas por dia. Ele teve uma entrevista espantosa com a Brown em novembro e tinha certeza absoluta de que sua solicitação de admissão fora bastante boa o suficiente para colocá-lo lá dentro. Além disso, ele não estava mais saindo com a Jenny Humphrey, que era muito doce e tinha uns peitões ótimos, mas tomava muito tempo livre dele. No resto do terceiro ano, Nate pretendia fumar, relaxar e ficar calminho até a formatura, mas sem o traficante de confiança esse

plano era no mínimo discutível.

Nate se sentou no banco de madeira verde e olhou para os suntuosos prédios de calcário que se enfileiravam na Quinta Avenida. À direita dele, podia ver o canto do prédio de Blair, na 72 leste. Na cobertura, o gato Russian Blue, Kitty Minky, provavelmente estava deitado na colcha rosa de Blair, esperando ansiosamente que a dona chegasse em casa e o coçasse no queixo com as unhas rosa-coral.

Impulsivamente, Nate pressionou os botões de discagem rápida para Blair no celular. Tocou seis vezes antes de ela atender.

- Alô- respondeu Blair numa voz fininha. Estava sentada no novo salão Garren na 57 Leste, decorado com um harém turco. Cachecóis diáfanos e seda rosa e amarela se penduravam do teto, e enormes almofadas de tapeçaria rosa e amarela foram atiradas aleatoriamente pelo salão para as clientes se encostarem e beberem café turco enquanto esperavam pela hora marcada. Diante de cada cabeleireiro havia um enorme espelho com moldura dourada. Gianni, o novo cabeleireiro de Blair, tinha acabado de pentear as mechas recém-lavadas e condicionadas de sua cliente. Com o celular encostado na orelha molhada, Blair olhou o reflexo no espelho. Era o momento decisivo: ela ousaria cortar curto ?

- Oi. Sou eu, o Nate.- Ela ouviu uma voz murmurar em seu ouvido.

Blair ficou atordoada demais para responder. Eles não se falavam desde a festa do Ano-Novo, e mesmo então a conversa tinha terminado mal. O que Nate estava fazendo ligando para ela agora ?

-Nate?- respondeu Blair, meio impaciente, meio curiosa.- Isso é realmente importante? Porque não posso falar. Estou meio que numa hora muito ruim.

-Não, não é importante- respondeu Nate enquanto tentava pensar numa explicação razoável para ter ligado para ela.- Só achei que você quisesse saber que eu decidi parar. Sabe como é...parar de fumar bagulho.-Ele chutou um monte de lixo congelado. Nem tinha certeza se era verdade. Ele estava largando realmente? Para sempre?

Blair ficou segurando o telefone num silêncio confuso do outro lado da linha. Nate sempre era imprevisível- especialmente quando estava chapado-, mas nunca desse jeito. Gianni bateu o pente de tartaruga impaciente no encosto da cadeira de Blair.

- Bem, legal pra você- respondeu ela por fim - Olha eu tenho que ir, ta bem ?

Blair parecia distraída e Nate não tinha certeza por que tinha ligado pra ela.

- A gente se vê- murmurou ele, enfiando o telefone de volta no bolso do casaco.

- Tchau - Blair atirou o Nokia metalizado de volta na bolsa vermelha e se endireitou na cadeira giratória de couro.- Estou pronta- disse confiante.

- Lembre-se quero curto mais feminino.

Rugas de diversão apareceram nas bochechas bronzeadas e intencionalmente eriçadas de pêlos de Gianni. Ele piscou um olho castanho de cílios longos.

- Como la Katerina Hepburn. Certo ?

Epa.

Blair apertou o cinto do roupão bege do salão e olhou no espelho o cabelo preto de Gianni completamente cheio de gel, rezando para que ele não fosse idiota nem incompetente como parecia. Talvez fosse um problema de idioma.

- Não, não Katherine Hepburn. Audrey Hepburn. Sabe quem é, de bonequinha de luxo? My Fair Lady? Cinderela em paris? - Blair vasculhou o cérebro em busca de uma celebridade mais atual, alguém com o cabelo curto decente - ou talvez como Selma Blair

-acrescentou ela desesperadamente, embora pensasse que o corte de cabelo de Selma era mais moleque que o cabelo que tinha em mente.

Gianni não respondeu. Em vez disso, passou os dedos nos cabelos castanhos e molhados de Blair.

- Que belo cabelo - disse ele pensativo enquanto pegava a tesoura e reunia os cabelos em uma mecha. Depois, sem nenhum aviso, ele decepou todo o rabo-de-cavalo com uma tesourada brutal.

Blair fechou os olhos enquanto o feixe de cabelos caía no chão. *Por Favor, deixe-me bonita, rezava ela em silêncio, e sofisticada, com atitude e elegância.* Ela abriu os olhos e viu, horrorizada, seu reflexo. A franja molhada, rombuda, na altura da orelha apontava para todo lado.

- Não se preocupe – tranqüilizou-a Gianni enquanto passava da tesoura grande para uma tosquiadora menor. - Agora modelamos.

Blair respirou fundo, enrijecendo-se. Era tarde demais para voltar atrás. A maior parte do cabelo estava no chão.

- Tudo bem - gaguejou ela. Depois o celular tocou de novo e ela investiu para ele. -

Espera - disse a Gianni. - Alô. - É Blair Waldorf? Filha de Harold?

Blair se estudou no espelho. Não tinha mais muita certeza de *quem* era. Ela parecia mais uma nova prisioneira preparando-se para a penitenciária do que a filha do famoso advogado corporativo Harold Waldorf, que se divorciou da mãe de Blair dois anos antes e agora morava em um chateau na França, onde administrava um vinhedo com uma "pessoa", que por acaso era um homem.

Considerando o estado turbulento de sua existência atual, Blair realmente não se importava em ser completamente diferente, e era em parte por isso que ela se submetia a Gianni.

Nem ligava de virar Katherine em vez de Audrey, desde que o visual fosse totalmente novo.

- Sim - respondeu Blair com a voz fraquinha.

- Ótimo - respondeu o cara no telefone. A voz dele era profunda e lisonjeira, dificultando adivinhar a idade. Dezenove ou 35? - Aqui é Owen Wells. Seu pai foi meu orientador na firma quando eu comecei na carreira. Nos dois fomos alunos de Yale, e eu soube que você está interessada em ir para lá.

Interessada? Blair não estava só *interessada* em ir para Yale - era seu único propósito na vida. Por que diabos teria feito *cinco* matérias de estudos avançados?

É estou - guinchou ela. Ela olhou para Gianni, que cantarolava as palavras de uma música melosa de Celine Dion que saía do sistema de som do salão. - Mas eu meio que estraguei minha entrevista.

Na verdade, ela meio que contou toda a lacrimosa história da vida dela ao entrevistador e depois meio que o *beijou*, o que era mais do que uma simples mancada.

- Bem, e exatamente por isso que eu estou ligando - respondeu Owen Wells, a voz sensual ressoando como as notas graves de um violoncelo. - O apoio de seu pai significa muito para a universidade e eles querem dar uma segunda chance a você. Estou oferecendo meus serviços como ex-aluno entrevistador, e o departamento de admissão já concordou em usar meu relatório quando analisar sua solicitação, em vez da entrevista que você fez em novembro.

Blair ficou pasma. Uma segunda chance - era quase bom demais para ser verdade. Cansado de esperar, Gianni largou a tesoura no carrinho sobre rodas ao lado da cadeira de Blair, arrancou a última edição da *Vogue* do colo dela e foi, rebolando, reclamar com os colegas.

- E então, quando você está disponível? - insistiu Owen Wells.

Agora, Blair queria dizer. Mas não podia pedir a Owen para se sentar e esperar que Gianni cortasse o cabelo enquanto ele lhe fazia todas aquelas perguntas típicas de entrevista, tipo

Quem é a pessoa mais influente de sua vida?

- A qualquer hora - piou ela. Depois ela percebeu que não devia parecer *tão* desesperada, não quando devia ser uma menina prodígio total com uma agenda insana. - Na verdade, hoje eu estou meio ocupada e amanhã pode ser um dia meio louco também. Na quarta ou quinta-feira depois da aula seria melhor.

- Em geral eu trabalho até mais tarde, e tenho muitas reuniões esta semana, mas que tal quinta à noite? Lá pelas oito e meia?

- Tudo bem - respondeu Blair ansiosa. - Quer que eu vá ao seu escritório?

Owen fez uma pausa. Blair podia ouvir a cadeira de escritório dele estalar e ela o imaginou examinando a sala em Tribeca decorada por Philippe Starck com vista para o porto de Nova York, perguntando-se se era um lugar adequado para a reunião. Ela o imaginou alto e louro, com um bronzado do tênis, como o pai. Mas Owen Wells seria pelo menos dez anos mais novo do que o pai, e por isso a aparência dele seria muito melhor. Ela se perguntou se ele sabia como era cool ter um *w* no nome e no sobrenome.

- Por que não nos encontramos no Compton Hotel?

Eles tem um ótimo bar que deve ser bem tranquilo. - Ele riu. - Posso te pagar uma Coca, embora seu pai diga que você prefere Dom Perignon.

O rosto de Blair corou. O idiota do pai dela - o que mais ele tinha dito?

- Ah, não, Coca está ótimo - gaguejou ela.

- Que bom. Vejo você na quinta à noite. Estarei usando minha gravata de Yale.

- Espero ansiosamente por isso. - Blair tentou manter um tom de executiva apesar da vívida fantasia Owen-no-escritório.

- Muito obrigada por me ligar. - Ela desligou o celular e olhou diretamente para o espelho dourado diante dela. Os olhos azuis já pareciam maiores e mais intensos, agora que tinha menos cabelo.

Se fosse realmente uma atriz estrelando o filme de sua vida - o que ela sempre gostava de imaginar -, *este* seria o momento da virada: o dia em que ela mudou de cara e começou a ensaiar para o maior papel de sua carreira. Olhou o relógio.

Só tinha meia hora para voltar a Constance para a aula de educação física. Mas não havia motivo para voltar correndo, especialmente agora que a Bendel's ficava a apenas três quadras e um vestido novo para a reunião com Owen Wells chamava por ela. Valia a pena se ferrar por matar a educação física se o novo corte de cabelo e o novo vestido a ajudassem a ingressar em Yale.

Gianni estava bebendo café e dando mole para os garotos do xampu. Blair lançou-lhe um olhar ameaçador, ele que se atrevesse a foder com o cabelo dela.

- Quando estiver pronta, senhorita - gritou ele num tom de tédio, como se pouco importasse se ia cortar ou não o cabelo dela.

Blair respirou fundo. Estava apagando o passado – seu relacionamento fracassado com Nate, o novo marido revoltante e a gravidez constrangedora da mãe, a entrevista malfeita em Yale - e se recriando com uma nova imagem. Yale estava lhe dando uma segunda chance, e de agora em diante ela seria a senhora de seu próprio destino, escrevendo, dirigindo e estrelando o filme que era a sua vida. Ela já podia ver as manchetes no caderno Styles do *New York Times*, mostrando seu corte de cabelo. *A Frente dos Tempos: linda morena encurta estréia para Yale!*

Seu rosto se abriu num sorriso que ela já praticava para a nova entrevista com Owen Wells na quinta a noite.

- Estou pronta.

os poemas eróticos são cheios de mentiras

- E aí... - disse Vanessa, balançando o joelho na coxa de Dan enquanto estavam deitados nus de costas, contemplando o teto rachado do quarto em um deslumbramento pós-sexo. – o que achou?

Vanessa já havia experimentado sexo algumas vezes com o ex-namorado Clark, um bartender mais velho com quem ela ficou por pouco tempo no outono, quando Dan (como o resto da população masculina previsível) estava ocupado demais babando Serena van der Woodsen para perceber que Vanessa era apaixonada por ele. Mesmo que Vanessa tivesse transado pela primeira vez, ela teria lidado com tudo de uma forma banal, porque era assim que lidava com tudo. Dan, por outro lado, não era banal em nada, e foi *ele* que foi deflorado.

Ela estava doida para saber da reação dele.

- Foi ... - Dan encarou sem piscar a lâmpada cinza desligada pendurada no meio do teto, sentindo-se imobilizado e superestimulado ao mesmo tempo. Os quadris dos dois se tocavam sob o fino lençol vinho e parecia que uma corrente elétrica passava entre eles, zunindo nos dedos dos pés, nos joelhos, no umbigo, nos cotovelos e terminando no cabelo de Dan.

- Indescritível- respondeu ele finalmente, porque não havia palavras para descrever como se sentira. Escrever um poema sobre o sexo seria impossível, a não ser que ele recorresse a clichês metafóricos tediosos como fogos de artifício explodindo ou crescendos musicais. Até isso era totalmente impreciso.

Não descreviam a verdadeira sensação, ou como o sexo era todo esse processo de descoberta durante o qual tudo que era com um se tornava absolutamente maravilhoso. Por exemplo, o braço esquerdo de Vanessa: não era um braço particularmente espetacular - carnudo e branco, recoberto de uma penugem acastanhada e salpicado de sardas. Enquanto estavam transando não era mais o mesmo braço que ele conhecia e amava desde que ele e Vanessa ficaram acidentalmente presos em uma festa na oitava série - era uma coisa preciosa e extraordinária que ele não conseguia parar de beijar; algo novo, excitante e delicioso. Ah, *meu Deus*. Está vendo? Tudo o que podia pensar para descrever o que era o sexo soava como uma propaganda idiota de um novo cereal ou coisa parecida.

Até a palavra sexo estava errada, e *fazer amor* parecia novela vagabunda.

Elétrico teria sido uma boa palavra para descrever o que era o sexo, mas novamente tinha conotações negativas demais, como cadeira elétrica e cerca eletrificada. *Prolífico* era

outra palavra boa, mas o que significava exatamente? E *trepidante* parecia requintado demais e fraco, como um ratinho assustado.

Se era para escrever um poema sobre sexo, ele que ria provocar idéias de sexo, feras musculosas como leões e veados, mas não ratos.

- Terra chamando Dan. - Vanessa estendeu o braço e mexeu no lóbulo da orelha dele com a unha.

- Pináculo - murmurou Dan desvairado. - Epifania.

Vanessa se enfiou por baixo do lençol e deu um chupão na barriga branca e magra de Dan.

- Oi! Você está em choque ou coisa assim?

Dan deu uma risadinha e a puxou para si para poder beijar a boca de gato de Cheshire e o queixo de covinha de Vanessa.

- Vamos de novo.

Uaaaau!

Vanessa riu e esfregou o nariz nas sobrancelhas castanhas e desgrenhadas dele.

- Então parece que você gostou, hein?

Dan beijou o olho direito dela e depois o esquerdo.

- Hrrmmm - suspirou ele, todo o corpo zunindo de prazer e desejo. - Eu te amo.

Vanessa tombou no peito de Dan e fechou bem os olhos.

Não era uma garota muito mulherzinha, mas nenhuma garota consegue deixar de derreter na primeira vez que ouve um cara dizer essas três palavras.

- Eu também te amo - sussurrou ela em resposta.

Para Dan, parecia que todo o corpo estava sorrindo. Quem diria que essa segunda-feira comum de fevereiro seria tão...*ótima*?

Era demais para descrições floreadas, elegantes e poéticas.

De repente o celular de Dan disparou seu toque vibrante e alarmante na mesa-de-cabeceira, a alguns centímetros de distancia. Dan tinha certeza absoluta de que era só sua irmã mais nova, Jenny, ligando para reclamar da escola de novo. Ele virou a cabeça para ler o numero no visor. PRIVADO, piscava a mensagem, o que só acontecia quando Vanessa ligava de casa para ele.

- É a sua irmã. - Dan se apoiou no cotovelo enquanto pegava o telefone. - Talvez ela esteja ligando para dizer que você *finalmente* tem um celular - brincou ele. - Devo atender?

Vanessa revirou os olhos. Ela e a irmã guitarrista de 22 anos, Ruby, dividiam um apartamento em Williamsburg, no Brooklyn.

Ruby tomou três resoluções de Ano-novo: fazer ioga todo dia, beber chá verde em vez de café e cuidar mais de Vanessa, uma vez que os pais das duas estavam ocupados demais sendo umas aberrações hippies da arte em Vermont para cuidar dela.

Vanessa tinha certeza de que Ruby só estava ligando para perguntar se ela ia para casa, para que Ruby preparasse um bolo de carne e purê quando ela chegasse, mas era tão improvável que Ruby ligasse para o celular de Dan no meio do horário de aula que ela não podia deixar de atender.

Ela pegou o telefone tocando e o abriu.

- Oi! Como sabe onde me encontrar?

- Bem, boa tarde pra você, minha querida irmã – piou Ruby alegremente. - Lembra? Eu preguei seu horário na geladeira para saber exatamente onde você esta e o que está

pensando o tempo todo, como uma nova versão melhorada de um Big Brother de Irmãs. De qualquer forma, só queria que você soubesse que chegou a correspondência e tem um envelope meio suspeito da Universidade de Nova York pra você.

Não resisti e abri. Adivinha só? *Você entrou!*

- Tá brincando! - O corpo de Vanessa já havia sido atingido pela adrenalina quando ouviu "Eu te amo", e agora *isso*.

Que piegas que nada, isso e que era orgásmico! Ela nunca teve certeza das chances que tinha de entrar cedo. E só para mostrar seu alcance artístico ao pessoal da admissão da NYU e para provar como falava a sério quando dizia que queria ser uma cineasta importante, Vanessa mandou para a universidade o filme sobre Nova York que tinha feito no Natal. Depois de mandar, ela se preocupou que eles pensassem que ela estava exagerando. Mas agora suas preocupações se dissiparam. Eles gostaram dela! Eles a queriam! Vanessa finalmente podia se livrar para sempre dos grilhões ociosos e cretinos da Constance Billard e se concentrar em sua arte num lugar para artistas sérios, como ela. Dan a encarava da cama. Seus doces olhos castanhos pareciam estar brilhando com um êxtase um pouco menor do que antes.

- Estou tão orgulhosa de você, querida – cantarolou Ruby em sua voz mais maternal. - Você vem jantar em casa? Andei lendo uns livros de culinária do Leste europeu. Estou pensando em fazer pierogi.

- Claro - respondeu Vanessa baixinho, subitamente preocupada com Dan. Ele não tinha se candidatado a universidade nenhuma cedo, então ele só saberia para onde ia no ano seguinte daqui a alguns meses. Dan era tão sensível. Esse era o tipo de coisa que podia atirá-lo em uma depressão de insegurança, do tipo em que ele se trancava no quarto e escrevia poemas sobre morrer em acidentes de carro ou coisa assim. - Obrigada por me contar - disse ela a Ruby rapidamente. - Te vejo mais tarde, tá bem?

Dan ainda encarava Vanessa cheio de expectativa quando ela desligou o telefone e o largou na cama.

- Você entrou para a NYU - disse ele, tentando inutilmente esconder o tom de acusação na voz. Ah, como ele era magrela, idiota e inadequado! Não que ele não ficasse feliz por ela, mas Vanessa já estava na faculdade e ele era só aquele cara esquelético que gostava de escrever poemas e que podia nunca entrar em faculdade nenhuma. - Uau - acrescentou ele com a voz rouca. - Isso é ótimo.

Vanessa deitou novamente na cama e puxou o lençol por sobre o corpo, o quarto parecia mais gelado agora que o suor da paixão tinha esfriado no corpo dos dois.

- Não é grande coisa - afirmou ela, tentando disfarçar a empolgação que transpirou quando ouviu a novidade. - Você é o cara do poema que vai sair na *New Yorker*.

Nos feriados de Natal, Vanessa mandou um poema de Dan, "Putas", para a *The New Yorker* sem o conhecimento dele e o poema fora aceito para publicação na edição dupla do Dia dos Namorados, que sairia no fim daquela semana.

- Parece que sim - concordou Dan, dando de ombros dubiamente. - Mas eu ainda não sei nada ... Quer dizer, sobre *meu futuro*.

Vanessa abraçou a cintura de Dan e apertou o rosto no peito branco e ossudo dele. Ela ainda não conseguia acreditar que ia para a NYU no outono. Era uma coisa certa, o destino dela.

Ainda tremendo de empolgação, ela tentou se concentrar em consolar Dan.

- Quantos caras de 17 anos você conhece que publicam poemas na *New Yorker*? É incrível- murmurou ela com delicadeza.
- E assim que os funcionários da admissão das universidades a que você se candidatou descobrirem isso, você vai ingressar onde quiser, e talvez até seja aceito onde não quer.
- Talvez - respondeu Dan. Era fácil para Vanessa parecer tão confiante. Ela já estava *dentro*.

Vanessa se apoiou no cotovelo. Havia uma maneira certa de fazer com que Dan se sentisse melhor, pelo menos por algum tempo.

- Lembra do que estávamos fazendo antes de Ruby telefonar? - ronronou ela como uma gatinha preta safada.

Dan fez uma carranca para ela. Uma sobrancelha castanha estava erguida em um ângulo ardente e suas narinas pálidas ficaram vermelhas. Ele não achou que ia ficar excitado de novo, mas seu corpo o surpreendeu. Ele puxou Vanessa e a beijou com força. Se havia uma coisa que fazia um garoto se sentir um leão, e não um ratinho, era um ronronar.

Mi-au.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

A BAIXA DOS VETERANOS

Eu já conhecia a expressão “baixa dos veteranos”, mas não sabia o que significava exatamente. Agora está claro como cristal. Baixa dos veteranos é quando você mata as aulas da tarde e vai para a casa de um amigo pedir veggie lo mein, beber chardonnay e fumar cigarros. É quando você acaba na cama com um cara às três horas da tarde. É quando você mata a aula de cálculo para se abastecer de vestidos de seda colantes na sala privativa da Diane von Furstenberg. É quando você por acaso dorme até as dez numa terça-feira. Epa. No semestre passado, éramos os cachorrinhos dengosinhos dos professores. Neste semestre somos maus. Também cometemos nossas extravagâncias de jovens. Tenho certeza absoluta de que metade das garotas da minha turma de educação física estava lá fora beijando os caras na escada do Metropolitan Museum of Art em vez de fazer flexões nas barras da academia. Continuem assim, meninas – namorar é um exercício *muito* melhor!

Flagra

J é uma garota alta e sardenta com um corte de cabelo infeliz dando risadinhas durante uma aula de dança na Constance Billard. Acho que **J** tem uma amiga nova. **N** e os amigos pedindo chai no **Starbucks** na esperança de toparem com alguma coisa que altere a consciência. **V** na loja da NYU comprando uma caneca NYU, um suéter NYU e um boné

de beisebol da NYU. E ela afirma não ser tarada nesse tipo de coisa. **D** vasculhando a banca de jornais do bairro em busca de uma edição da *New Yorker*. **S** e **A** curtindo uns amassos em público, como sempre. Ela nunca teve namorado por mais de cinco minutos, então vamos ver quanto tempo isso vai durar...

Tudo bem, eu admito. Estou matando aula enquanto falo aqui. Prometam que não vão contar nada!

Pra você que me ama,
gossip girl

s está apaixonada

Parado em um banco de neve na calada da Constance Billard School for Girls na 93 leste, Aaron Rose esperava que Serena zunisse pelas altas portas azuis da escola e corresse para seus braços. *Mookie*, o boxer castanho e branco, ofegava sentado ao lado dele na calçada, usando a manta vermelha e preta que Serena tinha comprado para ele na véspera na Burberry. Nas mãos de Aaron havia dois copos fumegantes do Starbucks.

Desde que ficaram juntos na festa de Ano-novo maluca de Serena seis semanas antes, era este o ritualzinho deles. Aaron encontrava Serena depois da escola e eles andavam pela Quinta Avenida de braços dados, bebendo lattes de soja e parando de vez em quando para se beijar. O Ano-novo tinha sido um lance espontâneo do tipo foda-se-estamos-a-fim-e-por-que-não-namorar?

Total, mas no último mês eles passaram cada momento fora da escola juntos e agora eram conhecidos como o mais adorável e mais bonito casal - bom trio, se você incluir Mookie - do Upper East Side.

De repente um raio de sol do inverno bateu na linda cabeça loura de Serena enquanto ela abria as portas da escola, descia a escada correndo nas botas de camurça marrom Stephane Kelian e casaco azul-marinho Les Best e chegava a calçada cheia de neve. Todo o rosto dela brilhava de excitação angelical ao ver Aaron e Mookie.

- Oi, neném! - gritou Serena quando Mookie abanou o rabo para ela e enfiou o focinho em suas mãos com luvas de cashmere. Ela se abaixou e deixou que o cachorro lambesse seu rosto enquanto afagava a cabeça dele. - Está *tão* lindo hoje.

Aaron observou os dois com um orgulho meio indolente. *É essa é minha namorada. É, ela não é linda?*

Serena se ergueu e atirou os braços no pescoço dele. O ar em volta deles se encheu do aroma de óleo essencial de sândalo e patchouli que ela sempre usava.

- Sabe no que andei pensando o dia todo? - perguntou Serena entusiasmada, dando um beijo nos lábios finos e vermelho-escuros de Aaron com a boca carnuda de batom de pêssego.

Aaron afastou os pés para não cair para trás e derrubar os lattes.

- Em *mim*? - chutou ele. Serena era o tipo de garota que se entregava *totalmente* ao que estivesse se dedicando no momento, e por acaso neste momento ela se dedicava a Aaron. Isso o deixava meio bêbado.

Ela fechou os olhos e eles se beijaram de novo, desta vez profundamente. Atrás deles, as meninas com elegantes casacos de lã e botas de couro de cano alto safam pelas portas da

escola, gritando vertiginosamente. Algumas se reuniram para observar com assombro enquanto Serena e Aaron continuavam a se beijar.

- Ai, meu Deus - sussurrou uma da sexta serie, tendo uma síncope na presença de tanta elegância. - Estão vendo o que estou vendo?

Mookie bateu a pata na neve e gemeu de impaciência. Serena passou o rosto no áspero gorro de lã de alpaca cinza e roxo que tinha com prado para Aaron no fim de semana na Kirna Zabete, no Soho. Ela adorava o modo como as lindas trancinhas castanho-escuro ficavam por trás das orelheiras.

Tudo em Aaron era tão adorável que ela queria comê-lo de colher!

- *É claro* que fiquei pensando em você - disse ela, pegando o latte. Ela abriu a tampa num estalo e soprou o líquido doce e fumegante. - Eu estava pensando que a gente devia fazer uma tatuagem. - Ela se interrompeu, esperando que Aaron respondesse, mas os olhos castanho-claros dele pareciam confusos, então ela prosseguiu: - Sabe como é, tipo o nome da gente. Para mostrar nosso compromisso um com o outro.

- Ela tomou um gole do café e lambeu os lábios adoráveis e suculentos. - Eu sempre quis uma tatuagem que só eu conhecesse.

Sabe, num lugar *privado*.

Aaron sorriu, hesitante. Ele gostava muito de Serena. Ela era embriagadoramente bonita, um doce total e não era nada exigente. Estava acima e além de qualquer outra garota que ele tinha conhecido. Mas ele não tinha certeza se queria tatuar o nome dela no corpo. Na verdade, ele sempre achou que as tatuagens eram meio violentas, como ferro em gado, e, na qualidade de vegetariano e rastáfari, ele se opunha moralmente a qualquer tipo de violência.

- Tatuagem é contra a minha religião - declarou ele, mas, quando viu a linda cara de Serena se enrugando de decepção, pegou a mão dela e acrescentou rapidamente: - Mas vou pensar no assunto, tá legal?

Serena não era de guardar rancor, certamente não contra o garoto mais gracinha do universo. Já superando o problema, ela pegou a mão dele e os dois começaram a andar para a Quinta Avenida. O céu estava de um cinza sombrio e um vento gelado picava o rosto dos dois. Uma hora depois escureceria.

- E ai, o que vamos fazer? - perguntou ela. - Estava pensando que podia ser meio doido ir ao topo do Empire State.

Morei a vida toda aqui e nunca fui lá. E esta *tão frio*. Aposto que ninguém pensa em subir lá nesta época do ano. Deve estar totalmente vazio e romântico, tipo um filme antigo.

Aaron riu.

- Você anda demais com a Blair. - A meia-irmã dele sempre transformava tudo em um romântico filme em preto-e-branco da década de 1950, tentando tomar a vida ainda mais glamourosa do que já era. Quando eles entraram na Quinta, Mookie galopou a frente deles, apertando a guia que estava frouxa na mão de Aaron. - Ei, calma ai, Mook.

Serena enfiou a mão livre no bolso da parca preta North Face de Aaron.

- Blair estava muito esquisita no grupo de discussão, aquele troço novo que estamos fazendo com as calouras na hora do almoço. Depois da reunião, ela sumiu. Nem apareceu na educação física.

Aaron deu de ombros e bebeu o latte.

- Talvez ela estivesse com cólica, ou coisa assim.

Serena sacudiu a cabeça bonita.

- Estou achando que ela está meio com ciúme. Sabe como é, *da gente*.

Aaron não disse nada. Nos feriados de Natal, ele estava a fim de Blair, embora ela fosse meia-irmã dele. Ficar com Serena o fizera esquecer de tudo isso, mas ainda era estranho pensar que Blair realmente podia ter ciúme *deles*, quando ele ficou grudado *nela* aquele tempo todo.

- E aí, vamos ao Empire State? - perguntou Serena, parando na esquina seguinte e virando-se para olhar a Quinta Avenida, atrás deles. Uma frota de ônibus passou rugindo.

- Se a gente for, vai ter de pegar um táxi.

Aaron olhou o relógio. Eram quatro e dez.

- Eu meio que pensei em dar uma passada lá em casa para ver a correspondência. - Ele deu uma risadinha tímida, constrangido por ter parecido tão nerd. - As cartas da admissão estão chegando esta semana.

Os grandes olhos azul-escuros de Serena se arregalaram.

- Por que não disse isso antes? - Ela atirou o copo de papel na lixeira próxima e começou a correr. - Venha, Mook! - gritou ela enquanto o boxer pulava de felicidade atrás dela. -

Vamos para casa ver se seu papai sabe-tudo vai para Harvard!

b faz um favorzinho a j

Jenny sempre foi tímida e sempre teve problemas para fazer amigos, mas conseguiu uma amiga no grupo de discussão naquele dia.

- Sabe de uma coisa, eu nunca tinha percebido seu, hmmm... tamanho de sutiã – murmurou Elise timidamente enquanto as duas pegavam os livros para voltar para casa. Dos dois lados as outras meninas batiam as portas dos armários de metal e gritavam umas com as outras enquanto desciam a escada correndo e saíam pelas portas da escola.

- Ah, táa - respondeu Jenny sarcasticamente, tentando enfiar o caderno de geometria entre o livro de francês e *Anna Karenina* na mochila listrada de preto e vermelho Le Sportsae. Elise deu uma risadinha enquanto passava o cachecol rosa em volta do pescoço e fechava os botões de veludo preto de seu casaco nerd de tweed. Definitivamente, parecia que a mãe dela ainda a vestia toda manhã.

- Tá legal, eu percebi. Mas nunca pensei que isso te incomodasse.

Jenny enfiou o cabelo crespo castanho atrás das orelhas e olhou para Elise.

- Isso *não* me incomoda.

Elise tirou a boina rosa da cabeça loura e arrancou a mochila do ombro. Ela era quase trinta centímetros mais alta do que Jenny.

- Hmmm, está ocupada agora? Quer, tipo assim, fazer alguma coisa?

- Tipo o quê? - Jenny fechou o zíper da parca preta corpulenta. Agora que não estava mais grudada em Nate nem no irmão mais velho, Dan, ela realmente precisava de novos amigos e podia ser meio legal sair com uma garota pelo menos uma vez, embora Elise parecesse meio afetada e imatura.

- Não sei. Tipo ir comprar maquiagem nova na Bendel's ou coisa assim? - sugeriu Elise.

Jenny inclinou a cabeça, agradavelmente surpresa. Por um minuto tinha pensado que Elise ia sugerir comprar uma casquinha de sorvete ou visitar o zoológico.

- Eu adoraria - concordou ela, batendo a porta do armário e começando a andar para a escada. - Vamos.

- A partir de agora eu só vou usar cores sólidas – sussurrou Blair enquanto abotoava o uniforme e pendurava o último vestido rejeitado no cabide. - E tudo deve ter gola. - Ela abriu a cortina de veludo vermelho e atirou seis tops Diane von Furstenberg de estampas fortes nas mãos da vendedora.

-Mudei de idéia. Estou procurando roupas simples em azul-marinho e preto. E camisetas brancas básicas com gola. – Ela queria ficar sensual num estilo parisiense-chique-usando-um-simples-vestido-preto-enquanto-pedala-uma-bicicleta-e-leva-uma-baguete-debaixo-do-braço. Nate sempre teve uma queda por garotas francesas. Ele se desviava do caminho normal e passava pela Ecole Française só para se embasbacar com as meninas de saia cinza curtinha, saltos altos e sue teres pretos de gola em V. Aquelas vagabas.

Logo Blair encontrou o primeiro item de seu novo guarda-roupa e a coisa perfeita para vestir na entrevista de quinta a noite: um vestido abotoado de tricô azul-marinho Les Best com cinto de contas e uma linda gola de rendinha branca. Era formal e no entanto intrigante - exatamente o que Blair procurava.

Ela pagou pelo vestido e depois desceu para a seção de cosméticos para se munir de sombra azul-marinho e um brilho labial sutil que não fosse tão mulherzinha nem sexualmente convidativo como a sombra habitual rosa-claro ou vermelho-escuro.

- Olha quem está aqui - cochichou Jenny para Elise diante do balcão da Stila. - Oi, Blair.

- Ótimo cabelo! - acrescentou Elise alegremente.

Blair se virou e viu as duas calouras do grupo de discussão: Ginny ela-realmente-deve-fazer-redução-dos-seios e a que precisava-desesperadamente-de-maquagem, Eliza, ou sei lá qual era o nome das duas, olhando-a com admiração. Ela ficou apavorada em ver que estavam experimentando algumas das mesmas sombras para os olhos e batons que ela usava o tempo todo. Será possível que não podiam se limitar a Maybelline de Rite Aid ou coisa assim?

Elise fez uma careta para o frasco de sombra preta com glitter na mão dela.

- Esse troço é bom mesmo?

É, e bom. Mas você ainda não está pronta para isso.

Blair não conseguiu deixar de dar um conselhozinho de irmã mais velha a elas. Pendurou no pulso a sacola de compras da Bendel's listrada de marrom e branco e pôs mãos à obra.

- No seu tom, eu usaria alguma coisa mais leve. – Ela pegou uma amostra de sombra em gel verde-claro prateado. - Isto aqui realmente daria u, tom aqua a seus olhos – instruiu ela, maravilhando-se com o fato de parecer tão *legal*.

Elise pegou o tubo e passou um pouco nas pálpebras. Mal era visível, mas capturou a luz e deixou seus olhos azuis pequenos e próximos miraculosamente mais brilhantes e mais bonitos.

- Uau - trinou Elise, mesmerizada.

Jenny pegou o tubo.

- Posso experimentar?

Blair o pegou de volta.

- De jeito nenhum. Você precisa de algo em bege ou pêssego. - Blair nem acreditava em si mesma. O estranho era que estava gostando. - Tome. - Ela estendeu a Jenny um lápis para olhos grosso e de cor ferrugem. - É mais suave do que parece.

Jenny desenhou uma linha cuidadosa na borda da pálpebra e piscou com o resultado.

Parecia instantaneamente mais velha e a cor dava a seus olhos castanhos um lindo brilho

âmbar. Ela se inclinou para a frente para fazer o olho esquerdo, mas uma coisa refletida no espelho atraiu sua atenção.

Ou *alguém*, para ser mais precisa.

A loja estava num alvoroço só de compradores fazendo estoque para o inverno, mas a Bendel's só fornecia a mulheres, então todas as compradoras eram mulheres. Exceto uma pessoa.

Ele parecia ter uns 16 anos, era alto e magro, com cabelos louros desgrelhados e usava uma jaqueta de veludo cotelê marrom-chocolate e jeans largo no corpo emaciado. Meio como o cara da propaganda de Eternity for Men, da Calvin Klein, só que não tão bonito.

- Uau – exclamou Jenny baixinho.

- Não fica ótimo? - disse Blair num tom cadenciado.

- Borre um pouco com o dedo. Você deve usar sombra marrom também. Deixará seus olhos ainda maiores.

- Não, quero dizer uau, olhe pra *ele* - esclareceu Jenny. -Atrás de mim.

Blair olhou por sobre o ombro para ver um garoto louro meio esquisito, novo demais para ela, examinando as bolsas de cosmético da Bendel's. Ela se voltou para Jenny.

- O que? Acha que ele é bonitinho?

Elise deu uma risadinha.

- Ele parece meio palerma.

A campanhazinha Ampare os Desamparados de Blair estava começando a melar.

- Se está comprando na Bendel's, provavelmente é gay.

Por que não vai até lá e fala com ele, se acha ele tão bonitinho?

Jenny ficou mortificada. Ir lá e falar com ele como uma anormal desesperada que persegue os caras pela rua? *De jeito nenhum.*

- Vá - espicacou Elise. - Sabe muito bem que quer.

Jenny mal conseguia respirar. Toda vez que pensava que estava ficando mais confiante, acontecia uma coisa dessas para provar que ela era a mesma insegura de sempre.

- Talvez a gente deva ir embora - murmurou ela nervosa, como se Blair e Elise a estivessem aliciando a participar de algum negócio obscuro com drogas. Ela pegou a mochila com os livros do chão. - Obrigada pela ajuda - disse ela a Blair rapidamente.

Depois pegou a mão de Elise e a arrastou para fora da loja, olhando diretamente para a frente enquanto passava pelo lourinho.

Ridículo. Blair suspirou enquanto as observava ir. Mas estava num humor tão bom desde o telefonema de Owen Wells que não a mataria dar a Jenny mais uma ajudazinha quando ela precisava tão obviamente dela. Blair pegou o recibo do vestido na sacola de compras e, usando o lápis para olho de cor ferrugem, desenhou um grande coração no verso e escreveu o e-mail de Jenny na Constance Billard dentro dele. Os e-mails de todos na escola eram os mesmos, só a primeira inicial e o último nome, para que não fosse difícil de memorizar. Depois ela amassou o recibo numa bola e passou pelo louro magrela, atirando a bola nas costas dele com fora e disparando pelas portas giratórias antes que ele tivesse a chance de ver quem era.

Blair Waldorf esforçando-se para fazer uma coisa boa por outra pessoa? Mas isso é que é renovação! Era mais do que uma mudança do tipo troca de óleo no corte de cabelo. Como uma verdadeira diva, ela ia adotar todo o pacote do spa de fim de semana, inclusive recondicionamento espiritual.

como se já não bastasse

Exatamente como Aaron suspeitava, havia um envelope creme de Harvard esperando por ele atrás do vaso de porcelana chinesa Spode com rosas brancas no aparador do hall do apartamento do pai e da madrasta na cobertura da 72 Leste. Aaron deixou que um Mookie extremamente sedento fosse para a cozinha ainda com a coleira e pegou a carta com os dedos rígidos. Serena esperava ansiosa atrás dele, mas Aaron na verdade queria abrir o envelope sozinho. *E se ele não entrou?*

Serena tirou o casaco e o atirou na cadeira com estofado de tapeçaria azul no canto.

- Eu ainda te amo, independentemente do que vier - disse ela a meia voz.

Aaron encarou o envelope, irritado consigo mesmo por ficar tão tenso. Em geral ele era muito calmo com esse tipo de coisa.

- Foda-se - declarou ele baixinho e rasgou o envelope selado. Abriu a folha de papel creme elegantemente dobrada e leu duas vezes o curto parágrafo datilografado. Depois olhou para Serena. - Epa.

Que coisa horrível um namorado passar por isso!

- Ah, coitadinho. Eu sinto muito.

Aaron passou a carta a ela, que a leu com relutância. *Caro Sr. Rose. Analisamos sua solicitação e temos o enorme prazer de informá-lo de sua admissão a Universidade de Harvard para o curso de...* Os olhos azuis de Serena de repente ficaram enormes.

- Você entrou! Ah, gato, você entrou!

Atrás de les, Myrtle, a cozinheira, andou animadamente pelo corredor com um Mookie babando e trotando atrás dela. O uniforme amarelo-claro de empregada estava manchado com alguma coisa vermelho-alaranjada e ela parecia irritada.

- Myrtle, Aaron entrou pra *Harvard* - anunciou Serena orgulhosa. Ela colocou os braços em volta do namorado e deu um apertado. - Não é maravilhoso?

Myrtle não ficou impressionada. Passou a coleira de Mookie para Aaron, os pulsos carnudos tilintando com as pulseiras e as mãos calejadas cheirando a alho.

- É melhor levar o cachorro com você para onde você vai - repreendeu ela antes de marchar de volta para a cozinha em seus tênis Nike brancos e novos.

Serena e Aaron riram maliciosamente um para o outro.

- Acho que isso merece uma comemoração, né? - perguntou Aaron, o alívio transformando-se imediatamente em petulância.

Serena beliscou o adorável nariz sardento dele com um indicador esguio.

- Eu sei onde eles guardam o champanha.

Blair subiu o elevador para a cobertura da família com vista para o Central Park na 72. Quando as portas do elevador se abriram, ela reconheceu de imediato o novo casaco de cashmere azul-marinho atirado com descuido na cadeira de tapeçaria Luís XVI no hall. Ainda era difícil se acostumar com a idéia de Serena namorando em sua casa quando ela não estava lá.

- Blair? - A voz de Serena ecoou do antigo quarto de hóspedes, que agora pertencia a Aaron. - Vem cá. Aonde você foi?

- Peraí - gritou Blair. Ela tirou o casaco de lã azul-claro e o pendurou no armário. Não queria explicar seu novo look a Serena e Aaron enquanto eles estivessem sentados de roupa íntima ou com alguma coisa igualmente nauseante, mas não via como sair dessa.

Se os ignorasse, eles logo estariam batendo na porta de seu quarto, quicando na cama dela e exigindo atenção como imbecis imaturos.

O cheiro de cigarro natural flutuou para o corredor.

- Oi - falou ela, parada do lado de fora da porta entreaberta.

- Entra - disse Aaron com a voz abafada. Depois de duas taças de Dom Perignon, ele já estava de porre. - Estamos dando uma festinha.

Blair abriu a porta. O quarto tinha sido redecorado por Aaron em tons de roxo e azul-celeste, com persianas de metal cinza da década de 1950 nas janelas em vez de cortinas e pufes de vinil gigantes no chão para quem quisesse descansar. O tapete de cânhamo orgânico que cobria o chão estava cheio de caixas de CDs, jogos de computador, DVDs, revistas de música e livros da biblioteca sobre a cultura rastáfari e os males da indústria de carne. Serena e Aaron estavam sentados na cama de baldaquino eduardiana, bebendo champanha nas melhores flûtes de cristal da mãe de Blair, *de roupa íntima*, como Blair previra. Na verdade, Serena usava uma das camisetas verdes grandonas BRONXDALE ATHLETIC de Aaron, com as calcinhas de cetim branco La Perla meio visíveis por baixo.

Bem, pelo menos era uma calcinha *elegante*.

Blair estava prestes a perguntar que grande ocasião era quando Serena deixou escapar:

- Aaron entrou! Ele entrou pra Harvard!

Blair os encarou, a bile subindo pela garganta. Já era difícil ver a abundância de cabelos louros claros e lindos de Serena, agora que seu próprio cabelo estava numa lata de lixo na rua 57, mas o sorriso presunçoso na irritante cara de trancinhas de Aaron foi o suficiente para ela querer espirrar vômito em todo o tapete sem-crueldade-de-animais dele.

- Puxa um pufe - ofereceu Aaron. Ele apontou para a caneca de Harvard na mesa. - Essa caneca esta limpinha, se quiser um pouco de champanha.

Serena acenou uma folha de papel creme no ar.

- Ouve só. "Caro Sr. Rose" - leu ela em voz alta. - "Analisamos sua solicitação e temos o enorme prazer de informá-lo de sua admissão à Universidade de Harvard para o curso de..."

Blair tinha ido ao salão sem almoçar nada e essa veneração nós-amamos-o-Aaron a estava deixando tonta de nojo. *Ela* é que devia ter aberto a carta de admissão *dela*, mas, depois daquela entrevista meia-boca, a conselheira universitária da Constance Billard disse a ela que era melhor não se candidatar a uma vaga cedo. Entrar para Yale tinha sido a única missão de Blair na vida - bem, além de casar com Nate Archibald e viver feliz para sempre na casa de tijolinhos aparentes coberta de hera pertinho da Quinta Avenida que ela já escolhera -, mas agora Blair tinha de esperar até abril, como todas as outras idiotas da turma, para saber se entrou ou não. Era totalmente injusto.

- Lamento, Blair. - Aaron bebericou o champanha. Ele sempre era supersensível para provocar Blair, mas estava se sentindo bem demais consigo mesmo agora para se incomodar. - Não vou me desculpar por entrar. Eu mereço isso.

Como se a enorme ala nova de ciência que a construtora do pai dele fez no campus no ano passado não tivesse absolutamente nada a ver com isso.

- Vai se foder - respondeu Blair. - Caso tenha se esquecido, eu teria a resposta de Yale agora mesmo se você não tivesse me dado um porre de cerveja vagabunda e me fizesse comer aquele lixo naquele hotel pulguento na véspera da entrevista.

Aaron revirou os olhos.

- Eu nunca te disse para beijar o entrevistador.

Serena deixou escapar um suspiro e Blair a encarou.

- Desculpe - disse Serena rapidamente. - Vamos lá, Blair. - Você é, tipo assim, a melhor aluna da nossa turma. Está totalmente dentro. Só tem de esperar até abril para saber disso.

Blair ainda olhava para ela. Não queria esperar até abril. Queria saber *agora*.

Aaron acendeu outro cigarro natural e apontou o queixo para o teto para soprar anéis de fumaça. Já havia um ar meio superior e indolente nele, como se ele soubesse que podia beber champanha o dia todo pelo resto da escola e ainda ir para Harvard. O fodão.

- Ei - bocejou ele. - Tenho de ir a Scarsdale ensaiar com minha banda, mas vamos sair mais tarde para comemorar.

Serena se levantou da cama e deu uns saltos, como se precisasse de exercícios.

- É claro que sim.

Blair viu o lindo cabelo de Serena voar no ar sobre a cabeça dela e depois cair em cascata bem nos ombros, enquanto Aaron fazia mais anéis de fumaça. De repente Blair não conseguia mais ficar no mesmo ambiente que eles.

- Tenho dever de casa - disse Blair ofendida, estendendo o braço para sentir o novo corte de cabelo enquanto se virava para sair.

- Ai, meu Deus - gritou Serena, atirando-se na cama de Aaron. - Espera, Blair... seu *cabelo!*

Legal ela finalmente ter percebido.

Blair parou na soleira da porta e colocou a mão onde os cabelos escuros caíam em uma linha reta na altura da nuca.

- Eu gosto - declarou ela na defensiva.

Serena foi até Blair como se ela fosse uma daquelas esculturas de mármore gregas no piso principal do Met.

- Ai, meu Deus! - repetiu ela e estendeu a mão para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha de Blair. - Eu *adorei!* - exclamou ela, meio entusiasmada demais.

Blair franziu o nariz arrebitado, desconfiada. Será que Serena realmente adorou, ou só estava sendo falsa? Sempre era difícil saber.

- Você está exatamente como Audrey Hepburn - lembrou Aaron da cama.

Blair sabia que ele só estava dizendo o que ela queria ouvir para compensar ter sido um imbecil presunçoso por ter entrado em Harvard. Ela pensou em mencionar a entrevista para Yale com Owen Wells na quinta-feira a noite, mas decidiu manter a entrevista em segredo.

- Com licença - disse ela friamente. - Tenho umas coisas para fazer.

Serena viu Blair sair e depois voltou a subir na cama ao lado de Aaron. Ela pegou a carta de Harvard e a dobrou, enfiando-a cuidadosamente no envelope.

- Estou tão orgulhosa de você - murmurou ela, caindo nos braços de Aaron e o beijando. Aaron acabou se afastando, mas Serena continuou de olhos fechados, lambendo o gosto doce de erva do beijo dele em seus lábios. "Eu te amo", ela se ouviu dizer. As palavras pareciam simplesmente ter saído de sua boca. Ela abriu os olhos, sonhadora.

Aaron nunca disse a uma garota que a amava e não pretendia dizer isso a Serena, pelo menos não agora. Mas o dia já havia sido maravilhoso e ela era do totalmente linda com as bochechas ruborizadas e a boca toda vermelha de beijar. Por que não? Era como o fim

de suas secretas fantasias bregas de rock-star, em que ele e uma garota incrivelmente gostosa disparavam juntos em uma Harley pelo pôr-do-sol.
- Eu também te amo - respondeu ele e a beijou novamente.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

NÓS NÃO SOMOS ESPECIAIS?

Então o boato que circulou por aí de que as universidades da Ivy League não iam admitir ninguém cedo este ano acabou sendo totalmente falso. Oba – alguns de nós entraram! Sei que nos sentimos muito especiais, mas se começarmos a festejar como se fosse 2099, bebendo champanha antes da aula inaugural e matando metade das aulas, vamos acabar comemorando só entre nós, porque os outros amigos vão nos odiar mortalmente. Procure guardar isso para você, se puder, pelo menos até abril, quando o resto da turma vai saber se entrou. É para seu próprio bem, eu prometo.

A PALAVRA QUE COMEÇA COM A

Com o Dia dos Namorados a menos de uma semana, o amor está no ar *em* toda parte. Está na ponta da nossa língua. É no que pensamos antes de dormir. Pegamos a nós mesmos e a nossas vizinhas desenhando corações flechados nas aulas de matemática. Mas só porque o mundo se transformou num enorme coração de chocolate BE MINE, não quer dizer que temos de sair por aí fazendo promessas que não vamos cumprir. Usar a palavra A em ambientes íntimos pode ser perigoso. Prefiro usar mais genericamente, como em *Eu amo todos vocês*. E é verdade, mesmo!

Flagra

N vagando pela **Madison Avenue** com as mãos nos bolsos do casaco, parecendo incomumente tenso e preocupado. **V** e **D** beijando-se na **Shakespeare Books**, perto da **NYU** – ai, que gracinha. **B** na **Sigerson Morrison** no **NoHo**, experimentando um par de sapatos na loja. **S** na **Fetch** da **Bleecker Street**, comprando outra roupinha irresistível para seu au-au favorito. **J** e sua nova amiga, **E**, rindo no setor de higiene feminina da **Duane Reade**. Ah, a juventude. E **A** comprando montes de discos usados de reggae em uma lojinha minúscula e anônima da rua 3 Leste. Vai ter o que ouvir enquanto mata o resto das aulas.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu soube que o traficante que costumava trabalhar na pizzaria levou uma dura da polícia e agora fica lá feito um X9 no parque, entregando todos os antigos clientes.

- Dawg

R: Caro Dawg,

Parece um filme vagabundo da TNT. Só espero que nenhum de nossos amigos acabe como protagonista.

- GG

P: Cara GossipG,

Eu esqueci totalmente de te contar antes, mas eu vi aquela calourinha dos peitões na sala de espera do meu cirurgião plástico. Ela olhava um livro chamado *Seios de celebridades*.

É sério. Tipo assim, escolhendo totalmente os que ela vai ter.

- tattletail

R: Cara tattle,

Isso é muito interessante, mas, a propósito, por que é mesmo que *você* estava lá?

- GG

COMO SE VOCÊ JÁ NÃO ESTIVESSE BASTANTE EMPOLGADO...

Agora que as admissões precoces acabaram, podemos nos concentrar em alguma coisa verdadeiramente importante: a Fashion Week. Começa na quinta-feira e todas as minhas personalidades favoritas estarão lá, inclusive eu. Te vejo na primeira fila!

Pra você que me ama,
gossip girl

o poeta magrelo do west side tem seu primeiro gostinho da fama

A caminho da Riverside Prep na terça de manhã, Dan parou na banca de jornais na 79 com a Broadway para comprar a edição de Dia dos Namorados da *New Yorker* e um café preto grande que parecia ter uns três anos de idade - do jeito que ele gostava. A capa da *New Yorker* era uma ilustração da Arca de Noé atracada em um pier do porto de Nova York, com a Estátua da Liberdade assomando ao fundo. As palavras *O Barco do Arnor* estavam impressas na lateral da arca e todos os animais enfileirados na prancha estavam de mãos dadas, beijando-se e se apalpando. Era bem engraçado. Dan parou na esquina e acendeu um Camel sem filtro com os dedos trêmulos enquanto virava a capa e procurava por seu poema no sumário. Estava sob o título Poemas: Daniel Humphrey, página 42, "Putas". Ele folheou a revista, esquecendo-se totalmente do cigarro aceso entre os dedos. A página 42, por acaso, era a primeira de um Conto de 14 páginas de Gabriel Garcia Rhodes intitulado "Amor con los Gatos" e, bem ali, no meio do conto, estava o poema de Dan.

Tire o sono de meus olhos e me sirva outra xícara.

Vejo o que tentou me dizer o dia todo,

Raspando a cabeça e me apalpando (com tanta delicadeza)

*Com cetim e renda:
Você é uma puta.*

Estava congelante na rua, mas o suor nervoso se acumulava nas sobrancelhas de Dan e sua língua estava seca como lenha. Dan jogou o cigarro aceso na calçada e fechou a revista, enfiando-a na bolsa preta de carteiro. Se abrisse na página de colaboradores, teria visto a entrada: *Daniel Humphrey (Poema, p. 42) é um aluno do terceiro ano do secundário de Nova York. Este é seu primeiro trabalho publicado.* Mas Dan não conseguia olhar para a revista por nem mais um segundo, não quando milhares de pessoas estavam agora mesmo folheando-a e parando para ler seu poema brutal e raivoso, que ele sinceramente não tinha certeza se era bom.

Dan andou pela Broadway para a escola, as mãos tremendo como loucas. Se ao menos tivesse feito uma sabotagem nas impressoras da *New Yorker* para que eles não conseguissem mais imprimir nenhuma vogal. Então toda a edição do Dia dos Namorados teria sido recolhida das bancas no fim da noite passada.

Como se ele sequer pudesse fazer *isso*.

- Ei, cara. - Dan ouviu a voz conhecida e afetada de seu colega de turma nada favorito da Riverside Prep atrás dele. Dan parou e se virou, vendo Chuck Bass jogando no ombro o cachecol de cashmere azul-marinho monogramado e passando os dedos manicurados nos cabelos castanhos com luzes douradas.

- Legal o poema na *New Yorker*, cara. - Ele deu um tapa de parabéns no ombro de Dan, o anel rosado com monogramado brilhando na luz de inverno. - Quem diria que você é um fodão?

Será que havia alguma coisa distintamente gay em Chuck Bass hoje? Ou talvez não. Só porque ele tinha feito luzes louras e estava usando um casaco de lã creme apertado Ralph Lauren e tênis Prada de couro laranja não significava que ele tivesse desistido de molestar garotas bêbadas e indefesas em festas. Talvez ele simplesmente estivesse se expressando. Certamente não havia nada de errado nisso.

- Obrigado - murmurou Dan enquanto brincava com a tampa de plástico do copo de café. Ele se perguntou se Chuck estava pretendendo andar todo o caminho da escola com ele para que pudessem discutir o poema. Mas então o celular de Dan tocou, poupando-o de ter de responder a perguntas insanas de Chuck sobre quantas garotas ele tinha pegado antes de escrever o poema, ou o que quer que Chuck Bass gostasse de falar a caminho da escola pela manhã. Dan colocou o fone na orelha e Chuck bateu em seu ombro de novo e continuou andando.

- Alô?

- Parabéns, Danielson! - gritou Rufus no telefone. Seu pai nunca saía da cama antes das oito, então aquela era a primeira vez que Dan falava com ele de manhã. - Você é pura dinamite, o artigo genuíno! *The New Yorker*, a maldita *New Yorker*!

Dan riu, sentindo-se meio envergonhado. Incontáveis cadernos cheios dos poemas estranhos e desconjuntados do pai estavam enfiados em uma caixa poeirenta no armário de vassouras.

Embora ele fosse editor de poetas beat nada conhecidos, a verdade era que Rufus nunca foi realmente publicado.

- E você não vai acreditar... - continuou Rufus, mas depois a voz sumiu. Dan ouviu a descarga ao fundo. Típico. Seu pai falava com ele enquanto estava na privada.

Dan tomou um gole do café e voltou a andar, atravessando a Broadway e seguindo pela 77. Ia se atrasar para a aula de química se não se apressasse. Não que isso fosse uma coisa ruim.

- Pai? Ainda está aí? - perguntou ele.

- Peraí, garoto - respondeu Rufus distraído. – Estou com as mãos ocupadas.

Dan podia imaginar seu pai enxugando as mãos na toalha vermelha puída pendurada atrás da porta do banheiro e depois tirando o exemplar enrolado da *New Yorker* de sob o braço cabeludo para ler o poema de Dan novamente.

- Os sub-reitores da admissão da Brown e da Columbia acabaram de me dizer o prodígio que você é - explicou Rufus. Parecia que sua boca estava cheia de alguma coisa e Dan pode ouvir a água correndo. Estaria escovando os dentes? – Ficaram todos babando, os grandes calhordas.

- Brown e Columbia? É mesmo? - repetiu Dan, sem acreditar. Diante dele, na calçada, as fachadas das lojas e os pedestres de repente viraram um borrão em câmera lenta, uma massa oceânica. - Tem certeza de que eram eles? Columbia e Brown?

- A mesma certeza que tenho de que meu mijo é amarelo - respondeu Rufus alegremente. Em geral Dan estranharia a grosseria do pai, mas agora estava preocupado demais com o próprio sucesso. Talvez ser um poeta publicado não fosse assim tão ruim. À frente dele assomavam as portas de metal preto da entrada da escola de elite Riverside Prep.

- Ei, pai, tenho de ir para a aula, mas obrigado por ligar. Obrigado por *tudo* - falou entusiasmado, com um súbito afeto pelo velho pai belicoso.

- Está tudo bem, garoto. Mas não deixe que isso suba a cabeça - brincou Rufus, incapaz de esconder o orgulho na voz rouca. - Lembre-se, os poetas são humildes.

- Vou me lembrar - prometeu Dan com sinceridade.

- Obrigado de novo, pai.

Ele desligou e abriu as portas da escola, acenando para Aggie, o recepcionista idoso que usava uma peruca diferente a cada dia da semana, como ele assinalou. O celular bipou e ele percebeu que tinha perdido uma ligação enquanto falava com o pai. Os celulares eram proibidos durante as aulas, mas o primeiro período já havia começado e os corredores estavam vazios. Arrastando-se pela escada de concreto a caminho do laboratório de química, ele ligou para a caixa postal.

"Daniel Humphrey, aqui é Rusty Klein, da Klein, Lowenstein & Schutt. Li seu poema na *New Yorker* e, pressupondo-se que você ainda não tenha um agente, vou representá-lo. Coloquei você na lista de convidados para o Better Than Naked da quinta à noite. Vamos conversar lá. Você pode não saber ainda, mas é material quente, Daniel. O público precisa de um poeta jovem e sério para fazer com que se sintam inúteis e superficiais. E, agora que conseguimos sua atenção, vamos fazer o diabo para que o ímpeto não se perca. Você é o Keats do futuro e vamos te deixar famoso com tanta rapidez que você vai pensar que já nasceu assim. Aguarde. Ciao!"

Dan cambaleou do lado de fora do laboratório de química enquanto ouvia o recado alto e esbaforido de Rusty Klein pela segunda vez. Tinha ouvido falar em Rusty Klein. A agente que negociou o acordo editorial de um milhão de dólares para o escocês engraçadinho que afirmou ser filho ilegítimo do príncipe Charles. Dan tinha lido sobre isso no *New York Post*. Ele não tinha idéia do que era o Better Than Naked, mas foi muito legal da parte de Rusty colocá-lo na lista de convidados, porque eles ainda não se conheciam. Ele também adorou ser chamado de o Keats do futuro. Keats era uma de suas

maiores influências, e se Rusty Klein podia reconhecer *isso* depois de ler apenas um de seus poemas, Dan definitivamente queria que ela o representasse.

Enfiando o celular na bolsa novamente, ele pegou o exemplar da *New Yorker* de novo. Desta vez virou na página de colaboradores, lendo sua curta biografia antes de se voltar para o poema na página 42. Leu o poema do começo ao fim, não mais envergonhado de ver seu trabalho impresso. Rusty Klein achava que ele era bom - *Rusty Klein* !Então talvez fosse verdade.

Talvez ele fosse *mesmo* bom. Esticou a cabeça e espiou pela janelinha da porta do laboratório de química, vendo a fila de cabeças de meninos, todas alinhadas como peças de xadrez diante do quadro-negro. De repente a escola parecia tão banal. Ele estava vivendo coisas incrivelmente maiores e infinitamente melhores!

De repente, a porta do laboratório se abriu e o baixinho bisonho do Sr. Schindledecker apareceu olhando para Dan, usando um terno trespassado feio e puxando o bigode castanho de arame.

- Pretende se juntar a nós, Sr. Humphrey, ou vai ficar aqui e assistir através da janela?

Dan enrolou o exemplar da *New Yorker* e o enfiou debaixo do braço.

- Gostaria de me juntar a vocês - respondeu ele, entrando no laboratório e andando calmamente para uma carteira nos fundos da sala. Que coisa estranha. Dan nunca fazia nada com calma, e mal reconheceu a voz quando acabou de falar, com um tom de petulância, como se alguma coisa nova dentro dele tivesse florescido e estivesse pronta para se libertar.

Era como aquele verso de um poema de Keats, "Por que Eu Ri Esta Noite?" *Verso, Fama e Beleza são deveras intensos...*

E Dan definitivamente sentia isso.

a novidade no alpendre

- Vamos lá fora fumar um cigarro - cochichou Elise no ouvido de Jenny enquanto as duas iam para o refeitório na hora do recreio, o intervalo das onze da manhã para suco e biscoitos da Constance Billard. Só as alunas do terceiro ano no segundo semestre podiam sair da escola durante o recreio, então ela estava muito claramente propondo uma coisa totalmente ilegal.

Jenny parou na escada.

- Eu não sabia que você fumava.

Elise abriu o fecho do bolso externo da mochila bege Kenneth Cole e puxou um maço de Marlboro Lights meio para fora.

- Só de vez em quando - respondeu ela, empurrando o maço de volta para o caso de algum professor aparecer na escada. - Você vem?

Jenny hesitou. Se a recepcionista percebesse as duas saindo, podia gritar e depois chamar a professora ou até os pais.

- Como...?

- E só *sair* - instou Elise, pegando a mão de Jenny. Ela começou a correr pela escada, puxando Jenny atrás de si.-Anda, anda, *anda!*

Jenny prendeu a respiração enquanto seguia Elise escada abaixo e disparava pela recepção acarpeta de vermelho em direção às portas da frente. Trina, a recepcionista

da escola, vociferava no headset e separava a correspondência ao mesmo tempo. Nem percebeu as duas calouras passando como um raio, sem parar para registrar a saída.

Blair se sentou sozinha no alpendre da rua 94 Leste preferido das meninas do terceiro ano da Constance Billard, fumando furiosamente um Merit Ultra Light e repassando as perguntas da entrevista para a universidade que tinha preparado para responder em outubro. Só havia dois dias até ser entrevistada por Owen Wells, e ela se recusava totalmente a ferrar esta também.

Fale-me de seus interesses. Em que tipo de coisas você se envolve depois da escola? Sou presidente do clube de francês e do conselho de serviços sociais da escola. Também sou Líder de um grupo de discussão, aconselhando calouras sobre questões sociais. Estou no ranking nacional de tênis - eu jogo todo verão, mas só duas vezes por semana durante o inverno. Trabalho como voluntária no sopão dos pobres sempre que posso. Também presido os comitês organizadores de umas oito funções de caridade por ano. Vamos dar um baile de Dia dos Namorados no domingo em benefício da Little Hearts, uma organização filantrópica para crianças com problemas cardíacos, mas o baile foi cancelado por causa da Fashion Week. Ficamos preocupadas que ninguém fosse. Mande uma carta a todos da lista de convidados e ainda levantei quase 300 mil dólares. O levantamento de fundos sempre foi um de meus pontos fortes, e eu definitivamente pretendo oferecer meus serviços a Yale.

Blair só podia imaginar os olhos de Wells se arregalando, impressionado e surpreso. Como Yale podia não aceitá-la? Ela era de primeira classe.

Uma mentirosa de primeira classe, isso sim. A história do sopão dos pobres é totalmente falsa, e ela meio que pulou a parte sobre outras sete pessoas que ajudaram a levantar o dinheiro para a Little Hearts.

- Oi, Blair!

Serena andava pela calçada em direção a ela, usando meias arrastão pretas com um buraco em um joelho, os cabelos louros luminosos puxados num coque meio embolado. Para algumas meninas, este seria um exemplo de falta de classe, mas para Serena era um exemplo de posso-sair-assim-porque-fico-bem-de-qualquer-jeito. Um táxi passou pela rua e o motorista assoviou da janela e buzinou enquanto passava. Serena estava tão acostumada com o som de homens assoviando e carros buzinando que não se incomodou em se virar para ver.

Ela se sentou ao lado de Blair e pegou um maço turquesa amassado de American Spirits do bolso. Começou a fumar estes quando ela e Aaron ficaram juntos, porque deviam ser totalmente naturais e sem aditivos.

Como se houvesse uma grande diferença entre monóxido de carbono totalmente natural e monóxido de carbono falso. Cai na real.

- Ainda não acredito em como você ficou cool- disse Serena esbaforida, admirando o corte de cabelo de Blair enquanto acendia o cigarro. - Quem diria que você ia ficar tão gostosa de cabelo curto.

Blair tocou a cabeça constrangida. Pensou que devia ficar irritada com Serena, mas agora nem conseguia se lembrar por quê. Seu corte de cabelo era mesmo de gata.

A bajulação pode fazer maravilhas.

- E aí, andei tentando pensar em um bom presente para o Aaron, sabe como é, como parabéns por ele ter entrado para Harvard. Sabe de alguma coisa que ele realmente queira, ou talvez uma coisa de que ele precise?

Agora Blair se lembrou por que estava irritada com Serena. *Aaron, Aaron, Aaron*. Era tão chato que dava náuseas.

- Na verdade não - bocejou ela em resposta. – Uma plástica?

- Muito engraçado - respondeu Serena. - Ei, a gente não conhece aquelas meninas?

Do outro lado da rua, Jenny e Elise andavam daquele jeito envergonhado, esbarrando uma na outra, que as garotas de 14 anos tem quando se aproximam de pessoas com quem tem vergonha de falar.

Por fim as duas vieram tropeçando pelo outro lado da rua.

- Trouxemos nossos cigarros - anunciou Jenny com o Maximo de indiferença que pode, ainda apavorada por ter fugido da escola.

Elise tirou um maço de Marlboro da mochila, mas, antes que pudesse oferecer um a Jenny, Serena jogou o maço de American Spirits para ela.

- Joga isso fora. Estes aqui são muito melhores pra você.

Elise assentiu com seriedade.

- Obrigada. - Ela tirou dois cigarros do maço e os colocou entre os lábios. Depois acendeu o isqueiro Bic verde hortelã, puxando os dois simultaneamente antes de passar um a Jenny.

Jenny pegou-o hesitante. Depois que Nate terminou o namoro, ela tentou continuar fumando como parte da nova imagem de mulher vivida, mas o cigarro deixava sua garganta tão irritada que ela teve de largar depois de alguns dias.

- E aí, já viu seu e-mail hoje? - perguntou Blair a ela, erguendo uma sobrancelha recém-tirada de um jeito misterioso.

Jenny tossiu uma lufada de fumaça.

- Meu e-mail?

Blair sorriu afetada para si mesma. Embora aquele louro na Bendel's parecesse meio monge, ele e Jenny fariam um casal bem bonitinho. O varapau e a lindinha peituda.

- Deixa pra lá - respondeu ela ainda mais misteriosamente. - Só vê se verifica regularmente a partir de agora.

É claro que Jenny queria voltar correndo para a escola para ver o e-mail, mas não podia abandonar Elise, especialmente agora, quando duas meninas mais velhas estavam vindo para o alpendre para participar da festinha de cigarro.

- A porra do meu pé está me matando nestas botas. Parecem aqueles enfaixamentos de pé japoneses. - Kati Farkas se atirou ao lado de Blair e abriu o zíper das botas azul-pavão Charles Jourdan até os tornozelos.

- *Chega* de reclamar de botas - queixou-se a amiga quase xifófaga de Kati, Isabel Coates. Isabel se apoiou na grade de metal do alpendre e tomou um gole de chocolate quente com creme de um copo de papelão. Estava usando um casaco Dolce & Gabbana verde de uma venda previa de fim de semana. Não tinha botões e era amarrado na cintura com uma corda verde grossa, como o hábito verde de um monge.

Não surpreende que isso não voltasse a ser vendido em outubro.

- Talvez, se você *tivesse* usado uma faixa de pé japonesa, essas botas não machucassem tanto - continuou Isabel. - Ou se você deixasse que *eu* comprasse, em vez de você, porque fui *eu* que vi primeiro.

- Chinês. -Jenny não conseguiu deixar de corrigir. -Eram os chineses que costumavam amarrar os pés das mulheres.

Kati e Isabel a encararam confusas.

- Você não devia estar na escola? - perguntou Isabel.

- Elas estão fumando com a gente - disse Blair, de um jeito protetor. Era meio divertido ter duas irmãzinhas do primeiro ano. Não que ela quisesse ter uma irmã menor *de verdade* nem nada disso.

Kati fingiu não perceber que Blair estava sendo legal com aquelas duas garotinhas cheias de ranho no nariz e atirou os braços em volta do pescoço de Blair, beijando-a em cada bochecha maquiada com pó Stila.

Muá! Muá!

- Nem acredito que eu não disse nada, mas seu cabelo está totalmente *lindo*. Eu adorei, adorei, *adorei!* – guinchou ela. - Você foi tão corajosa. Eu soube que grudou chiclete nele. Foi por isso que decidi cortar tão curto?

- Posso pegar? - perguntou Isabel. Ela baixou o chocolate quente e estendeu a mão para passar atrás da cabeça de Blair. - Parece tão estranho! Como de um garoto!

Blair de repente queria ter vindo com um chapéu ou algum tipo de turbante para a escola. Largou o cigarro no degrau e o esmagou com o bico pontudo da bota.

- Vamos, meninas - acenou ela, erguendo-se e dando as mãos enluvadas a Jenny e Elise como Mary Poppins pegando as crianças no parque. - Vamos voltar para a escola.

Jenny e Elise atiraram os cigarros nos arbustos na frente da casa vizinha de arenito e se levantaram, passando a alça da bolsa nos ombros. Agora que haviam tentado fumar cigarros com as veteranas em um alpendre congelante, elas não tinham muita certeza se isso era atraente.

- Acha que meu cabelo ficaria melhor curto assim? -perguntou Elise, correndo para acompanhar Blair.

Qualquer coisa teria sido uma evolução no cabelo tipo meu-primeiro-corte que Elise exibia, mas Blair não teve coragem nem energia para dizer a ela.

- Vou te dar o numero do meu cabeleireiro – ofereceu ela generosamente.

Quando viraram na 93 Leste, Mary, Vicky e Cassie irromperam pelas portas e acenaram para elas.

- Vimos vocês saírem no recreio!

- Viemos pegar vocês!

- Não queremos que se ferrem!

Blair colocou os braços em volta de Jenny e Elise e as guiou para as portas da escola, ciente do fato de que as três meninas só estavam sendo detestavelmente xeretas.

- Estamos bem - disse Blair a elas com frieza. – Vocês não deviam estar na aula?

Mary, Vicky e Cassie olharam-nas numa descrença ofendida. Elas eram *tão* mais cool do que Jenny e Elise. O que tinham de fazer para provar isso?

Serena continuou no alpendre gelado, não exatamente emocionada por ter ficado sozinha com Kati e Isabel. Ela examinou as pontas do cabelo, tentando pensar no presente perfeito voce-entrou-na-faculdade! para Aaron enquanto Kati e Isabel esperavam ansiosas pelo furo de notícia sobre o cabelo de Blair.

- Ela tem piolho ou coisa assim?

- Ouvi dizer que ela teve uma crise maníaco-depressiva e retalhou o cabelo com uma tesoura de unha. Teve de ir ao salão para consertar.

- Eu acho que ficou cool- respondeu Serena sonhadoramente. Kati e Isabel olharam para ela decepcionadas. Se Serena não ia soltar nada, elas teriam de inventar alguma coisa.
- Vamos falar com franqueza, isso é *muito* mais divertido.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

A CRISE PREMATURA DE MEIA-IDADE MASCULINA

O que são aquelas luzes de **C**? Claro, elas meio que combinam com as camisas apertadas em tom pastel e os tênis Prada laranja, mas desde quando ele era tão... outré? Eu também soube que ele foi visto na segunda à noite dançando em um novo clube privativo no Greenwich Village chamado **Bubble**, uma espécie de ambiente só para homens, se posso me fazer entender. Será que depois de ter chegado em todas as mulheres da cidade ele passou para os homens?

Outro garoto que me preocupa é **N**, meu favorito. Sim ele ainda é o gostoso de sempre e, sim, eu daria minha bolsa Hermès Birkin para ser a princesa dos contos de fada dele. Eu só quero que ele pare de zanzar pela Quinta Avenida tomando goles furtivos daquela garrafinha de prata que ele guarda no bolso, parecendo um trapo nervoso. Se precisa segurar a mão de alguém, ele sabe onde encontrar a minha.

Mas a maior transformação de todas é a do magrela esmolambado do **D**. Se você não o viu desde esta manhã, estas são as últimas notícias: ele cortou o cabelo! É definitivamente trabalho do velho barbeiro da Broadway com 88 Oeste, mas aqueles doces olhos castanhos agora estão bem visíveis, o que é definitivamente uma evolução, e parece haver umas costeletas meio sensuais de literato aparecendo também. Está quase lá!

Saindo com as garotas importantes

É extremamente lisonjeiro ficar debaixo da asa de uma garota mais velha e ter um vislumbre do lado da vida somos-tão-cool-que-nem-temos-de-pensar-em-tentar. Mas não se anime demais, achando que a garota mais velha vai começar a te convidar para ir ao cinema. Ela não vai. E assim que ela estiver ocupada demais com cursos avançados, festas e compras de sapatos, ou o que quer que a garota mais velha faça no tempo livre, ela vai esquecer todos aqueles momentos bacaninhas que vocês passaram juntas. Ela pode até esquecer seu nome. É claro que eu posso estar totalmente errada. Talvez vocês fiquem amigas para a vida toda e uma coloque a outra no country club de Connecticut quando estiverem casadas e com filhos. Ou não. Não diga que eu não avisei.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu posso ter entendido mal o que estava rolando, mas tenho certeza absoluta de que vi A da Bronxdale com aquela outra garota da nossa turma, e ele estava todo assim, “Eu sou o cara, entrei pra Harvard”, e ela era toda, “Você é tão gato. Eu quero você”. Hmmm, ele não tem namorada?

-V.P.C.

R: Cara V.P.C

O que significa V.P.C., aliás? Ver pra crer? Vazia pra caramba? Vai pro cacete? Se o que você disse é verdade, eu estou T.P.C.L. – triste por uma certa loura.

- GG

P: Cara Ggirl,

Eu soube que B foi pega tomando drogas na escola e agora ela tem de prestar serviço comunitário escondida. Ela vai para a reabilitação também, e foi por isso que ela cortou o cabelo todo. Eles fazem isso, tipo assim, na prisão.

- Daisy

R: Cara Daisy,

Isso parece um especial vagabundo feito para a televisão. Eu não acredito nisso, e você?

- GG

Epa. Estou atrasada para minha sessão de bronzeamento artificial na Bliss – é a *única* maneira de continuar sorrindo até o verão!

Pra você que me ama,
gossip girl

n compra uma trouxinha

Na terça depois da aula, Nate vagava pelo Central Park para dar uma olhada nos traficantes no Sheep Meadow. Tinha passado 24 horas sem ficar chapado e, em vez de se sentir saudável e cheio de energia, estava de saco cheio de sua cabeça sem drogas. As aulas na escola pareceram duas vezes mais longas e até as piadinhas idiotas de peido de Jeremy Scott Tompkinson mal o fizeram abrir um sorriso.

O sol de fim de tarde estava baixo no céu, dando um brilho dourado sinistro a grama marrom congelada na campina. Dois caras atarracados usando camiseta preta com a palavra *Staff* impressa nas costas passavam uma bola de futebol entre eles, e uma mulher minúscula usando Chanel vermelho e uma estola de pele de raposa andava com seu bichon frisê recém cuidado. Como sempre, os traficantes estavam todos sentados em bancos no perímetro da campina, ouvindo WFAN nos discmans ou lendo o *Daily News*. Nate viu um cara ruivo conhecido vestido com um abrigo cinza-claro com tenis Puma cinza e branco combinando, óculos de sol cinza e uma boina preta e felpuda.

- Ei, Mitchell! - gritou Nate deliciado. Droga, era bom vê-lo. Mitchell ergueu a mão saudando Nate enquanto ele se aproximava. - Achei que estava em Amsterdã, cara. Mitchell sacudiu a cabeça devagar.

- Ainda não.

- Andei procurando por você. Eu quase ia comprar um daqueles manés. Esta levando um aí, né? - perguntou Nate. Mitchell assentiu e se levantou. Eles começaram a andar pelo caminho juntos, como dois amigos dando um passeio no parque. Nate tirou uma nota de cem dólares dobrada do bolso do casaco e segurou na mão fechada, pronto para passá-la para a mão de Mitchell assim que ele passasse a mercadoria.

- Recebi um novo carregamento do Peru - disse Mitchell, puxando um saco plástico de maconha do bolso e passando discretamente a Nate.

Se você por acaso estivesse no parque olhando os dois, podia ter pensado que estavam dividindo um lanche ou coisa assim. Quer dizer, se você fosse um ingênuo total.

- Valeu, cara. - Nate passou para ele a nota de cem e enfiou o saco plástico no bolso do casaco, respirando fundo e soltando a respiração. Que péssimo que não tivesse com ele nenhum papel para enrolar um dos gordos bem aqui. - E aí - disse ele, pensando se seria polido ter uma conversa educada com Mitchell antes de cair fora. - Ainda vai se mudar pra Amsterdã, ou o quê?

Mitchell parou de andar e abriu o casaco Puma.

- Não. Vou ficar aqui por um tempinho. - Ele levantou a camiseta térmica cinza para mostrar o peito nu e sardento. Tinha fios colados nele.

Nate tinha visto Law & Order muitas vezes para saber o que significavam aqueles fios. A paisagem gelada pareceu se fechar à sua frente e ele cambaleou para trás. Será que perdeu a consciência, ou coisa assim? Ou era tudo um pesadelo?

Mitchell largou a camiseta e fechou o zíper do casaco de novo. Deu um passo na direção de Nate, como se estivesse preocupado que Nate tentasse fugir.

- Desculpa, garoto. Eles me pegaram. Estou trabalhando para os homens agora. - Ele apontou com a cabeça para os bancos atrás deles. - Aqueles "manés" no banco são todos tiras, tá ligado, então nem pense em correr. Você e eu vamos esperar aqui até que eu de o sinal. E depois um deles vai te levar até a delegacia da Amsterdã. Amsterdã... que ironia, né?

Nate sabia que Mitchell estava tentando fazê-lo sorrir para não se sentir tão mal por entregá-lo.

- Tá legal - disse Nate inexpressivamente. Como foi que isso aconteceu? Ele nunca tinha sido enganado e era uma sensação bem horrível. Ele largou o saco de maconha no chão e chutou para longe. - Merda - praguejou entre dentes.

Mitchell pegou o saco e colocou a mão no ombro de Nate. Ergueu a mão livre no ar e acenou para os tiras no banco. Dois caras se levantaram e correram. Nem pareciam tiras. Um deles usava jeans preto Club Monaco e o outro vestia um gorro vermelho idiota com pompom. Mostraram os distintivos a Nate.

- Não vamos bater em você - explicou o Club Monaco.

- Você é menor, não é?

Nate assentiu carrancudo, evitando o olhar do policial. Ele só faria 18 anos em abril.

- Quando chegarmos na delegacia, vai poder ligar para seus pais.

Tenho certeza de que vão ficar emocionados, pensou Nate com amargura.

Do outro lado da campina, os dois caras que jogavam futebol e a velha com o

cachorrinho branco se reuniram, vendo Nate ser pego como se fosse o primeiro episódio de algum reality show da moda.

- Estará livre em algumas horas - disse o tira do pompom, escrevendo alguma coisa em um bloco. Nate percebeu que o policial usava brincos de argola dourados e que era uma mulher, apesar dos ombros largos e das mãos de dedos grossos. - Vão te multar e provavelmente te mandar para a reabilitação.

Mitchell continuava com a mão no ombro de Nate, como que para dar apoio moral.

- Você tem sorte - acrescentou ele.

Nate ficou de cabeça baixa, esperando que nenhum conhecido o visse. Ele não se sentia com sorte.

apresentamos o novo d

Na terça à tarde, Vanessa ficou parada na frente da Riverside Prep, filmando os restos congelados de uma carcaça de pombo e pensando em sexo enquanto esperava que Dan aparecesse. Dan tinha deixado um recado na recepção da Constance Billard para que ela se encontrasse com ele depois da aula. Urgente. Me encontre aqui às quatro, dizia. Mas que anormal, pensou Vanessa, com amor. O que podia ser tão urgente? Provavelmente ele só estava tendo um ataque de paranóia porque o poema dele tinha saído na *New Yorker* hoje. Ou isso ou ele estava se sentindo extremamente excitado e não podia esperar para transar de novo. Antes mesmo de tomar um banho de manhã, Vanessa tinha descido a escada e com prado seis exemplares da *New Yorker* na banca da esquina. Desse modo sempre teria um exemplar sobrando para esfregar na cara de Dan quando ele se sentisse especialmente inadequado.

Quando ela pensou bem no assunto, ela e que devia ficar fora de si. O poema era sobre um cara que se sente inseguro em relação a uma mulher, particularmente a namorada dominadora. As pessoas que os conheciam iam pensar que Vanessa era uma tirana total. Mas o último verso era tão doce e sensual que ela não podia reclamar.

Toma conta de mim. Me toma. Toma conta. Me toma.

Ler isso fazia com que ela quisesse rasgar toda a roupa e pular em cima dele.

Delicadamente, é claro.

Nesse exato momento Dan surgiu pelas portas dos fundos da Riverside Prep. Agitou o exemplar amarrotado da *New Yorker* para Vanessa e galopou para ela com os Pumas brancos puídos e cadarço azul-marinho, plantando um beijo sentimental e molhado na boca de Vanessa.

- Este foi o melhor dia da minha vida! – trombeteou ele. - Eu te amo!

- Não precisa ser romântico para me fazer tirar a roupa de novo - riu Vanessa e o beijou novamente. - Estou sempre disponível. E, a propósito, eu te amo também.

- Legal. - Dan sorriu abobalhado para ela.

Vanessa não conseguia acreditar que este era o mesmo velho Dan que ela vira ontem. Ainda era magro, branco e super cafeinado, mas os olhos castanhos brilhavam e havia vestígios de covinhas de sorriso em seu rosto geralmente pálido. Peraí um minutinho. Desde quando ela realmente podia ver os olhos dele?

- Uau, você cortou o cabelo - observou ela, recuando para ver melhor.

Dan tinha pedido ao barbeiro para cortar o cabelo curto com costeletas compridas, imaginando que as costeletas evitariam que ficasse parecido com todos os babacas mauricinhos da turma dele. Ele passou a mão na cabeça, meio constrangido.

Era estranho, mas de certa forma mais limpo do que antes, mais ... homogêneo. E isso era exatamente o que ele queria - ser avaliado por seu trabalho, e não pelos cabelos.

Se é o que você diz, Homem-costeleta.

Vanessa pôs as mãos nos quadris sobre a parca preta. Alguma coisa no cabelo de Dan era tão premeditada, como se ele realmente quisesse ter um visual boêmio e meio artístico, em vez de ter tropeçado nele por acaso.

- É diferente - refletiu Vanessa, já se sentindo meio nostálgica do antigo cabelo desgrenhado de Dan. - Acho que vou me acostumar com ele.

Atrás deles, um grupo de garotos do primeiro ano saiu pelas portas da escola cantando "Hello Dolly" a plenos pulmões. Tinham acabado de sair da aula de música e ainda eram novos e inocentes demais para perceber como aquilo parecia gay.

Hello, Dolly! Well, hel-lo, Dolly!

It's so nice to have you back where you belong!

Dan pegou um maço de Camel sem filtro da bolsa preta de carteiro, tirou um e enfiou entre os lábios. Os dedos tremiam como loucos quando acendeu. Bem, pelo menos isso não tinha mudado. Ele ofereceu o maço a Vanessa.

- Quer um?

Vanessa o encarou e riu de descrença.

- Desde quando eu fumo?

Dan exalou no ar acima da cabeça dela e revirou os olhos.

- Desculpe. Não sei por que fiz isso. - Enfiou o maço de volta na bolsa e pegou os dedos enregelados de Vanessa. - Vamos. Vamos andar por aí. Tenho uma coisa importante pra te contar.

Enquanto eles se afastavam, Zeke Freedman saiu da escola quicando uma bola de basquete azul-néon. Zeke era grandalhão e desajeitado, mas era o astro do basquete da Riverside Prep. Ele deixou o cabelo crespo crescer até a altura dos ombros e exibiu um novo casaco cinza-ardósia de snowboarding. Zeke e Dan eram grandes amigos desde a segunda série, mas não andaram muito juntos nos últimos meses porque Dan ficou preocupado com outras coisas.

Quer dizer, mulheres e poesia.

Dan percebeu que nem sabia a que universidade Zeke tinha se candidatado. A distância entre eles era principalmente por culpa de Dan e ele se sentia mal com isso.

- E aí, Zeke - gritou ele.

Zeke parou, o corpo pesado parecendo ainda maior do que o normal dentro da nova parca.

- E aí, Dan - respondeu ele com um sorriso cauteloso, quicando a bola azul na calçada congelada. - E aí, Vanessa.

- O que achou do cabelo novo do Dan? - perguntou Vanessa com um sorriso torto. - Faz parte da nova imagem do Sr. Poeta Publicado.

- Ah, é? - Zeke não parecia saber do que Vanessa estava falando. Ele olhou para a rua, quicando a bola com força antes de segurá-la na mão. - A gente se vê.

- Tchau - gritou Dan, observando o velho amigo quicar a bola até o fim da rua.

- E aí, qual é a grande novidade? - perguntou Vanessa quando começaram a andar para o oeste, na rua 78.

O ar frio soprava as nuvens pelo céu cinzento. No quarteirão, através dos galhos das árvores no Riverside Park, Dan teve um vislumbre do Hudson.

- Bem - começou ele, fazendo suspense. - Hoje de manhã aquela importante agente literária Rusty Klein ligou para meu celular e me deixou um recado maluco. Ela acha que sou o Keats do futuro e disse que tenho de manter o ímpeto, agora que tenho a atenção do público.

- Uau. Até eu ouvi falar dela! - respondeu Vanessa, impressionada.

- Mas o que isso significa?

Dan soprou fumaça no ar.

- Acho que significa que ela quer me representar.

Vanessa parou de andar. Não tinha certeza para aonde estavam indo.

- Mas você só escreveu um poema. O que ela vai fazer? Não quero ser empata-foda, Dan, mas você precisa ter cuidado com gente assim, sabe? Ela pode estar tentando se aproveitar de você.

Dan parou de andar também. Virou para cima a gola do casaco de lã preta da Marinha e depois a virou para baixo de novo. Por que Vanessa estava sendo tão pessimista? Tudo isso era totalmente inesperado, mas era também extremamente legal. E não era que ele fosse vender e começar a escrever anúncios clichês para a Gap só porque tinha uma agente, se era com isso que Vanessa se preocupava.

- Sei não. Acho que ela pode me ajudar com minha carreira. Talvez eu possa montar um livro e ela pode conseguir publicá-lo ou coisa assim.

Vanessa soprou nas mãos e depois esfregou as orelhas nuas e frias.

- Da pra gente ir pra sua casa? Eu estou congelando a bunda aqui. E melhor a gente trabalhar no filme também.

Dan atirou o cigarro no chão.

- Hmm, na verdade eu estava pensando que podia voltar e ler todos os meus cadernos. Sabe como é, ver se ter, uma ligação temática em alguns poemas. Alguma coisa que eu possa transformar em livro.

Vanessa estava a ponto de oferecer seus serviços como leitora, mas parecia que Dan não queria nenhuma ajuda.

- Tudo bem - disse ela com frieza. - Me liga, se precisar de alguma coisa.

Dan levantou a gola novamente e acendeu outro cigarro, experimentando o novo visual.

- Ah, peraí! Eu queria te perguntar uma coisa. Rusty Klein me convidou para uma coisa chamada Better Than Naked. "A Better Than Naked". Foi o que ela disse. Sabe se é uma banda ou coisa assim?

Better Than Naked era uma grife de moda antimoda em que a irmã mais velha de Vanessa, Ruby, despejava todo o dinheiro. A maioria das roupas era como os trapos velhos de brechós que tinham passado por uma frota de máquinas de limpeza, o que era totalmente intencional. Um estilo muito urbano do tipo "fodam-se as tendências".

- É a Fashion Week, que começa na quinta-feira - explicou Vanessa. - Parece que ela te convidou para o desfile da Better Than Naked, que só conheço porque a Ruby é totalmente doida pelas roupas deles e sempre vê os desfiles no Metro Channel. Mas não sei por que a Rusty Klein acha que você iria. Desde quando você liga pra roupa? E vai

estar cheio de gente afetada e baba-ovo de famosos ... Sabe como é, toda aquela cena insossa da moda.

Dan parecia pensativo enquanto fumava o cigarro.

- Acho que vou dar uma olhada. - Ele não se importaria se Rusty Klein tivesse pedido para se encontrar com ele em um ringue de luta romana. Tratava-se da formação de sua carreira de escritor.

Filmar Dan no desfile da Better Than Naked teria sido um material perfeito para o filme, mas Vanessa não queria se meter se Dan ia encontrar alguém tão importante como Rusty Klein no desfile.

- Tá legal, Sr. Poeta da Hora de Merda. Não se esqueça dos velhos amigos quando estiver circulando de limusine, bebendo champanha com modelos nuas e não sei mais o quê. Ela ergueu o braço e desarrumou o cabelo legal dele. -Meus parabéns.

Dan deu um largo sorriso para ela.

- É tão incrível- concordou ele, feliz. Depois, com um último beijo delicado, ele se virou e foi pela Riverside Drive para casa, o logo prata iridescente do Puma piscando nos calcanhares enquanto ele andava.

Vanessa sorriu ternamente para o passo saltado de Dan.

- A gente se vê.

s acha o que estava procurando

- Estou procurando por um desses novos casacos de golfe masculinos moderninhos numa cor chamativa da moda, tipo verde ou amarelo berrante - disse Serena a vendedora da loja Les Best na terça depois da aula. Durante a aula de francês naquele dia, Serena se lembrou de ter admirado os novos casacos masculinos Les Best na última edição da revista *W e* concluiu que era o presente perfeito para Aaron. Ela nunca se cansava de dar presentes a Aaron. Tudo o que comprava ficava supergracinha nele. Era como vestir uma boneca, sua própria boneca adorável em tamanho natural, que tocava guitarra e tinha entrado para Harvard.

A loja ficava na rua 14 Oeste, no distrito dos matadouros, onde as ruas cheiravam mesmo a carcaças e esterco de todos os velhos depósitos de carne. Foi o suficiente para Les Best, criador das roupas de lazer mais lindamente confeccionadas do mundo, pensar que a crueza do bairro era cool e ele acabou abrindo uma loja ali. O espaço era imenso e todo decorado com musselina branca, com apenas um ou dois trajes de tênis ou casacos pólo coloridos pendurados em ganchos de aço gigantes presos nas paredes. A idéia era que, a não ser que você realmente entendesse o bastante de roupas para pedir para ver mais, não tinha sentido comprar ali.

- Lamento, mas os casacos de golfe estão em falta - respondeu a vendedora loura oxigenada com um sotaque britânico.

Estava toda vestida de branco também. Ate os tênis eram de pele de pônei branca. - Meu gerente pegou o último para ele mesmo.

Serena examinou um lindo traje de tênis em seda listrada de vermelho e branco pendurado em um gancho próximo.

- Droga - resmungou ela a meia voz. - Vi esse casaco nas revistas e achei que seria perfeito. - Les Best era seu novo estilista favorito, mas talvez as roupas fossem meio alta

costura demais para Aaron. Ele fazia mais o modelito skatista. Ela ajeitou no ombro a bolsa de couro dourado-escuro Longchamp.

- Obrigada pela ajuda - disse ela, esperando ter sucesso na Xlarge, uma loja de skate na rua Lafayette, antes que fechasse.

- Espere! - gritou alguém.

Serena parou na soleira da porta e se virou. De onde falavam com ela?

Um cara bronzeado, de cabelo curto louro-claro e usando exatamente o casaco de golfe verde berrante que ela esperava comprar para Aaron, segurava aberta a porta branca dos fundos da loja. Ele sorriu enquanto se dirigia a ela.

- Espero que não se incomode com meu pedido. – Ele inclinou a cabeça e deu uma olhada em Serena. - Les me pediu para procurar uma "garota de verdade" para o desfile no Bryant Park na quinta-feira. Eu só te vi de relance quando você ia saindo, mas eu *sei* que você é perfeita. Vi sua foto nas colunas sociais. Você e Serena, não?

Serena assentiu, sem se perturbar. Estava acostumada a ser reconhecida das fotos nas colunas de fofoca. Ainda por cima, teve uma parte inominável do corpo fotografada pelos famosos irmãos Remi em outubro. A foto foi usada no projeto de arte do Departamento de Transito de Nova York e acabou sendo colada em toda a cidade.

- Está interessada? - perguntou o cara, erguendo as sobranceiras tingidas de louro, cheio de esperança. - Você é exatamente o que estamos procurando.

Serena remexeu nos cordões dos protetores de orelha de seu gorro de cashemere branco. Ela e Aaron pretendiam passar toda a noite de quinta juntos, bebendo na Soap do Lower East Side, vendo TV até tarde no quarto dela e... namorando.

O que quer que *isso* significasse.

Sim, eu estou interessada, pensou Serena. Ela e Aaron podiam namorar em outra hora. Tinham o resto da vida para namorar! Ser convidada para estar no desfile da Les Best durante a Fashion Week de Nova York era uma oportunidade que só aparecia uma vez na vida. Não que ela quisesse fazer carreira de modelo, mas era a oportunidade que tinha de mostrar a Les Best o quanto gostava das roupas dele. Além disso, seria *divertido*. Aaron entenderia isso. Na verdade, ele era um namorado tão maravilhoso que provavelmente a *estimularia* a fazer.

- Eu adoraria - respondeu Serena por fim. Ela franziu os lábios não muito cheios e não muito finos e depois sorriu da própria cretinice. - Mas só se eu ficar com o seu casaco. Estava procurando exatamente esse para meu namorado e um passarinho me contou que você pegou o último.

- Ah, meu Deus, total. - O louro tirou o casaco verde berrante e o dobrou como um especialista. Na caixa registradora, ele embrulhou o casaco em papel de seda preto e o colocou em uma elegante sacola LesBest. - Aqui está, querida. - Ele ofereceu a sacola a Serena. - Só usei por, tipo assim, uma hora. E é seu, grátis. E aí, veremos você na tenda do Lês no Bryant Park na quinta às quatro da tarde, em ponto? Você estará na lista e pode convidar os amigos. Procure pelas garotas com pranchetas e fones de ouvido. Elas lhe dirão exatamente aonde ir.

Serena pegou a bolsa. *Ponto!*

- Não preciso ser treinada para nada, nem praticar andar na passarela, ou coisa assim? - perguntou ela, puxando a aba de cashemere branca sobre as orelhas.

O cara revirou os olhos de um jeito exagerado, do tipo não seja-boba.

- Meu bem, você é natural. Confie em mim, você fica ótima, não importa o que faça.- Ele deu o cartão a ela. *Guy Reed, Chief d'Affairs, Les Best Couture*. - Se tiver alguma pergunta, e só ligar. - Ele deu um beijo rápido no rosto de Serena.

- Ei, que perfume é esse que está usando?

Serena sorriu. Estava acostumada a ouvir as pessoas perguntarem de seu perfume também.

- Eu mesma preparo - respondeu ela, plenamente consciente de que sua resposta era tão misteriosa quanto o aroma.

Guy fechou os olhos e inalou profundamente.

- Hmm. De-li-ci-o-so. - Ele abriu os olhos novamente.- Vou ter de falar com o Les sobre isso também. Ele está procurando um perfume para assinar. - Guy estendeu a mão e brincou com os cordões do gorro de Serena com os dedos bronzeados. - Vejo você na quinta, gata. Mantenha-se aquecida. E, não se esqueça, a after-party e ainda melhor do que o desfile!

Serena mandou um beijo pelo ar e saiu para o frio. Mal podia esperar para dar o presente a Aaron e contar as novidades.

Ele podia usar o casaco no desfile e depois eles podiam ir a after-party juntos, para que ela pudesse exibi-lo.

Do lado de fora, bastou que erguesse a mão enluvada de cashmere para chamar um táxi que quatro pararam cantando pneu na rua 14 Oeste e buzinaaram para ela.

Vê como é difícil ser bonita?

v abala o mundo das pessoas

Ruby estava tendo outro ataque de Martha Stewart e o aroma torturante de brownies recém-assados flutuou para o quarto de Vanessa enquanto ela separava as colaborações para a *Rancor*, a revista de artes administrada pelas alunas da Constance Billard da qual ela era editora-chefe. O calor safo dos radiadores fumegantes e o som de sirenes de ambulância e buzinas de carro chegava pelas duas janelas abertas. O chão de madeira do quarto de Vanessa estava tomado das colaborações habituais da *Rancor*: vinte fotos em preto-e-branco de nuvens, pés, olhos ou o cão da família; três contos sobre aprender a dirigir e sentir o impulso pela independência apesar de a autora reconhecer os pais e tudo o que fizeram por ela; e sete poemas que discutiam o significado da amizade.

Que tédio.

Depois do terceiro conto, Vanessa pegou o kit de depilação quente de Ruby no banheiro. A depilação quente era uma forma extremamente confusa, totalmente natural e "quase indolor" de retirar os pêlos das pernas. Você cobria as pernas com o grude marrom pegajoso, aplicava uma tira de pano branco e depois puxava a tira da perna, levando os pêlos com ela.

Indolor? *Então tá.*

Vanessa chutou os leggings pretos no chão, colocou uma toalha de banho em cima da colcha de retalhos preta e cinza de sua cama e se sentou nela. Espalhou a coisa melosa na batata da perna branca e atarracada, sentindo-se um donut gigante caramelado. Em geral ela cuidava muito pouco da aparência, mas, se Dan ia sair com supermodelos, agentes e estilistas de moda, ela achou que devia pelo menos fazer um esforço e dar um jeito nos

pêlos das pernas. Além disso, a primavera estava chegando. Ela podia até pirar e exibir uma minissaia.

- Porra! - gritou ela, puxando a primeira tira de tecido.

Quem teve a idéia de que as mulheres deviam ser todas lisinhas e sem pêlos como os bebês? O que diabos havia de errado em um pouco de pêlo? A maioria dos homens era coberta deles.

Ela puxou outra tira. -Jesus! - Tudo bem, era oficialmente insano. A pele ficou tão áspera e vermelha que ela não se surpreenderia em ver o sangue sair dos folículos pilosos.

O telefone tocou, ela o pegou e rosnou nele:

- Se é você, Dan, quero que saiba que estou arrancando as porras dos pelos do meu corpo com as mãos nuas bem agora, e estou fazendo isso por você, o que é tremendamente poético, se quer saber!

- Alô? Vanessa Abrams? É Ken Mogul, cineasta. Você me mandou um filme sobre Nova York há algumas semanas. A gente se conheceu no parque, na véspera de Ano-novo. Vanessa se sentou reta e ajustou o fone no ouvido. Ken Mogul era só, tipo assim, um dos mais famosos diretores de cinema alternativo do mundo. Na época do Natal, por acaso, ele viu um trecho do trabalho de Vanessa na Web e ficou tão impressionado que pegou um avião na Califórnia para procurá-la. O problema era que ele a conheceu exatamente à meia-noite de Ano-novo, e foi exatamente nesse momento que Dan apareceu para lhe dar um belo beijo de réveillon. Nem preciso dizer que Vanessa meio que cagou para Ken Mogul, embora tivesse feito o esforço de mandar o filme sobre Nova York para ele quando foi concluído.

- É, eu me lembro - respondeu ela rapidamente, totalmente surpresa de o diretor querer falar com ela de novo.

-E aí?

- Bem, espero que não se importe, mas mostrei seu filme a Jedediah Angel, que é meu amigo pessoal, e ele quer usá-lo como fundo no desfile dele na Fashion Week deste fim de semana.

Vanessa enrolou a toalha de banho preta nas pernas. Era meio constrangedor falar com Ken Mogul quando estava praticamente nua e coberta de uma gororoba marrom melosa.

- Jeremiah o quê? - perguntou ela. Ken sempre parecia falarem hollywoodês, e desta vez Vanessa não tinha a menor idéia do que ele estava dizendo.

- Jedediah Angel. É estilista de moda. A grife dele se chama Cult of Humanity by Jedediah Angel. Faz muito sucesso.

Jed disse que você e a Bertolucci do futuro. Seu filme é uma espécie de *anti-La Dolce Vita*. Você realmente abalou o mundo do cara.

Vanessa sorriu. Por que as pessoas tinham de ficar tão bregas só porque eram bem-sucedidas? Abalou o mundo do cara?

- Ótimo - respondeu ela, sem ter certeza do que dizer. - Há alguma coisa que eu precise fazer?

- Só apareça no desfile e curta. É claro que eu estarei lá, e tem algumas pessoas que quero que conheça. Você já é uma deusa do cinema, querida. Está abalando totalmente.

- Legal- respondeu Vanessa, um tanto horrorizada de ele realmente ter dito que ela abalou não uma vez, mas *duas*.

- E aí, fala o nome da grife de novo.

- Cult of Humanity by Jedediah Angel - repetiu Ken lentamente. - Seis da tarde. Quinta, na Highway 1. É um clube em Chelsea.

- Ouvi falar dele. - Era o tipo de lugar que Vanessa normalmente evitava como a uma praga. - Acho que a gente se vê por lá.

- De-mais! -vibrou Ken. - Ciao!

Vanessa desligou o telefone e esfregou um montinho de pasta seca açucarada do pulso. Depois pegou o telefone e discou o numero de Dan, sem sequer olhar o teclado.

- Alô? -Jenny atendeu ao primeiro toque.

- Oi, Jennifer, é Vanessa. - Vanessa sempre chamava Jenny de Jennifer porque Jenny tinha pedido a ela.

- Acho que o Dan não vai falar com você. Ele nem falaria *comigo*; está trancado no quarto desde que chegou em casa. E tão tosco ... Tem fumaça de cigarro, tipo assim, *vazando* por baixo da porta dele.

Vanessa riu e se jogou de costas nos travesseiros pretos. Tudo em seu quarto era preto, exceto as paredes, que eram vermelho-escuras.

- Como sabe que ele não está lá colocando gel no cabelo? Fazendo a manutenção do novo corte dele.

As duas meninas riram.

- Vou ver se ele atende. Peraí.

- E aí? - Dan pegou o fone um ou dois minutos depois. Parecia distraído. -Jenny disse que era uma emergência.

Vanessa ergueu a perna no ar e puxou outra tira de cera açucarada. Parecia estar colada permanentemente na perna. E vem falar de emergência!

- Achei que você ia querer saber que Ken Mogul acaba de telefonar. Ele disse que um estilista chamado Jedediah Angel, que tem uma grife chamada Culture of Humanitarianism ou coisa parecida vai usar meu filme como fundo no desfile da quinta à noite. Ken disse que eu realmente "abalei" o mundo de Jedediah Angel. Não é hilário?

- Isso é *fantástico* - respondeu Dan com sinceridade. - Sério. Meus parabéns.

Fantástico? Desde quando Daniel Humphrey usava palavras como *fantástico*? Vanessa não sabia o que dizer. Dan não tinha entendido o sarcasmo na voz dela. Era como se ela só tivesse ligado para se vangloriar do sucesso.

- Tá legal- disse ela tranqüilamente. - Eu só achei que você ia querer saber. Vou te deixar voltar ao trabalho agora.

Ela pensou em soltar uma piada sobre como um dia, quando eles fossem ricos e famosos, eles podiam comprar mansões imensas e vizinhas em Beverly Hills. Mas então achou melhor não dizer nada. Dan provavelmente pensaria que ela estava falando a sério. - Me liga mais tarde, se quiser, tá?

- Tá - respondeu Dan, obviamente distraído com um novo poema qualquer em que estava trabalhando.

Depois de desligar, Vanessa saiu da cama. Uma ponta da toalha preta estava colada na parte de trás do joelho esquerdo. Ela cambaleou até o banheiro para tentar lavar a porcaria melosa. Talvez um dia, quando fosse nojentamente rica e famosa, ela tivesse a própria equipe de depilação com cera e mel, mas agora tinha de se livrar do resto dos pêlos das pernas a velha maneira - com uma lâmina de plástico cor-de-rosa.

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

O CLUBE DA HORA

E aqui vai o que foi feito daquela patricinha pop loura falsa com peitos falsos e a barriga sempre nua cujas músicas sempre estão na rádio quando você acorda de manhã e ficam na sua cabeça o dia todo, te deixando maluco. Vou chamá-la de “Sally” aqui, para não ofender nenhum dos fãs que a veneram, mas tenho certeza de que você sabe de quem estou falando. Eu soube que ela teve um colapso nervoso e está na reabilitação em Palm Springs desde então. Ela gosta tanto de lá que está comprando um rancho bem ao lado, reformando tudo em tons de rosa, e o chama de Sallyland. Se tivermos sorte, ela ficará lá para sempre, escapulindo de lá no final dos seus sessenta anos só para fazer espetáculos de cabaré superproduzidos na Vegas Strip para provar que ainda pode fazer um bom playback apesar da idade avançada e da cabeça cheia de drogas.

E nossa atriz preferida de vinte e poucos anos que teve aquele probleminha com a lei – uma coisa a ver com andar com sacolas de compras cheias de objetos que não pertenciam exatamente a ela, retirados de uma conhecida loja de departamentos? Está em reabilitação também, mas não se preocupem – a indústria do cinema encontrará um jeito de trazê-la e volta. Na verdade, isso é o que distingue as estrelas de verdade. Nós meio que queremos vê-las sempre. Queremos saber que há vida depois da prisão. Queremos ver sua ascensão a novas altitudes, enquanto não ligamos muito para o que acontece com a Sally. Aos 19, ela já enjoou.

OS PRÓS E CONTRAS DA REABILITAÇÃO

No que diz respeito a status, reabilitação e universidade são mesmo muito parecidas. Há as poucas seletas, que estão cheias de celebridades e os filhos dos muito ricos, e há o resto delas, que estão cheias de pessoas comuns. Entrar nas melhores é altamente competitivo, mas depois que se entra, você está por *dentro*. Então, eu não me preocuparia com nosso querido *N*. Ele pode estar encarcerado, mas os pais dele não vão mandá-lo para ao equivalente na reabilitação de uma faculdade comunitária.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Sou estagiária da Les Best Couture e soube que Les mandou um espião para a escola de *S* para ver como ela é. Ele ficou meio irritado que ela fosse contratada sem que ele sequer a visse.

- lilintern

R: Cara lil,

Aposto que ele não está mais irritado, não é?

- GG

P: querida gossip girl,

Por que você nunca mais falou de **K** e **I**? Isso me faz pensar que talvez você seja uma delas.

- eyespy

R: Cara eyespy,

Não vou contar nunca, então continue pensando!

- GG

Flagra

K e **I** – aí ó, falei nelas – no **Bryant Park**, congelando a bunda em minissaias de brim supercurtas **Blue Cult** enquanto tentavam conseguir que as estagiárias que cuidavam das portas das tendas do **Fashin Week** dessem a elas lugares na primeira ou na segunda fila para os desfiles de quinta e sábado em vez dos lugares de sempre, mais para o fundo. **B** alugando *Como roubar um milhão de dólares*, com **Audrey Hepburn**, pela décima sétima vez na **Blockbuster** da 72 com a Lex. Acho que é uma das maneiras de se preparar para uma entrevista par *Yale. N* pela Merritt Parkway para Connecticut no banco traseiro do **Mercedes SUV** dos pais. A caminho da reabilitação, talvez? **V** na **Barneys**, justamente lá, olhando um casaco de cânhamo preto puído com costuras em cota de malha e fechos de gancho da **Cult of Humanity by Jedediah Angel**. Parecia tentada, mas com aquele preço é melhor ela rasgar as próprias roupas e prender os pedaços com cliques de papel.

Meu problema não é conseguir um lugar na primeira fila – é a que desfile ir. Todos me querem! Ai-ai. Ser famosa pode dar um trabalho danado.

Pra você que me ama,
gossip girl

j e e exploram suas áreas problemáticas

- Mais cinco minutos, senhoras - anunciou a Srta. Crumb a turma de redação criativa do primeiro ano da Constance Billard. Ela tirou o cabelo crespo preto do caminho e cutucou a cera da orelha direita com a ponta de borracha de um lápis amarelo número dois. -

Lembrem-se, não é o sobre o *que* escrevem, mas *como* descrevem.

Nenhuma das meninas olhou para ela. Estavam ocupadas demais escrevendo e, além disso, elas realmente não queriam ver o que a Srta. Crumb fazia quando pensava que elas não estavam olhando. Já haviam visto o bastante das tosquices dela.

De acordo com as meninas, todas as professoras da Constance Billard eram lésbicas, mas a Srta. Crumb era a única professora da Constance oficialmente assumida. Ela ia a escola todo dia com um broche de arco-íris, dividia uma casa de campo em New Paltz com cinco outras mulheres e referia-se com frequência a sua "parceira" - como em "Gutra noite minha parceira estava bebendo Amstel Lite e vendo a Barbara Walters, por quem ela é louca, e eu estava na cozinha corrigindo as provas de vocês". Todo ano as alunas do primeiro ano ansiavam para ter o curso de redação criativa da Srta. Crumb, pressupondo que ela era legal e pé no chão por ser tão franca com relação a sua sexualidade. Mas depois de um dia de aula as alunas percebiam que não iam ficar sentadas 45 minutos falando de assuntos de garotas com uma mulher que gostava de garotas - iam ter de escrever coisas todo dia em aula, ler o que escreveram em voz alta e depois ouvir a Srta. Crumb e as colegas criticarem de uma forma nada bacana o que tinham escrito. A Srta. Crumb era uma durona das maiores, mas, pelo menos com relação à matéria, redação criativa ainda era muitíssimo melhor do que geometria.

Hoje, a Srta. Crumb pediu as meninas para escolherem uma parceira - no sentido platônico - e escreverem um parágrafo que descrevesse uma parte do corpo da colega. E claro que Elise e Jenny formaram uma dupla. Estavam começando a fazer quase tudo juntas.

É estranho a gente enfeitar as orelhas com brincos e não tentar cobri-las, escreveu Jenny. Elas são tão indecentes como as partes que cobrimos, uns buracos que vão direto para a cabeça. As orelhas da minha amiga Elise são pequenas, com um pelinho louro dentro delas. Ela tem boa audição também, porque nunca diz "Hein?" nem pede que eu repita o que disse. Acho que ela as mantém bem limpas.

Jenny olhou para cima e decidiu apagar a última frase e substituí-la por outra coisa. A Srta. Crumb podia se ofender, uma vez que ela obviamente tinha uma espécie de fetiche por limpar orelhas.

Mas, em vez de escrever outra coisa para colocar no lugar da limpeza da orelha, a mente de Jenny voltou ao e-mail. Vinha verificando regularmente, como Blair dissera-lhe para fazer; contudo, as únicas mensagens que recebia eram de engraçadinhos como Elise e o irmão, dizendo para ela parar de olhar o e-mail e voltar ao dever de casa. Ela olhou para Elise, que estava escrevendo, já na segunda página. Jenny queria ter o jeito de Dan com a palavra escrita. Ela era melhor em desenhos e pinturas detalhadas e em caligrafia. No alto da página ela fez um desenho elaborado da orelha de Elise e da lateral do rosto, esperando conseguir pontos por ser artística, mesmo que a redação tenha sido uma porcaria. Sua mente vagou de novo, para o louro que vira na Bendel's. Ele seria artístico também?

A sineta tocou para marcar o fim do último tempo e a Srta. Crumb se levantou e espanou o giz do vestido de lá preta que parecia ter sido feito por freiras em algum lugar frio e fora de moda, tipo a Groelândia.

- Acabou o tempo, senhoras. Baixem os lápis. Podem entregar a redação quando saírem. - Ela enfiou os pés com meias marrons em um par de tamancos pretos L. L. Bean. - Boa tarde de quinta-feira!

- E aí, sobre o que escreveu?-perguntou Jenny a Elise depois que elas guardaram os livros e saíram pelas portas da escola.

- Não é da sua conta - respondeu Elise, corando.

- Não pense que eu nunca vou descobrir. Provavelmente você terá de ler em voz alta na segunda - lembrou-lhe Jenny.

- Eu escrevi sobre suas orelhas, mas ficou meio chato.

As duas meninas baixaram a cabeça contra o vento feroz de fevereiro e foram para a Lexington pegar o ônibus para a Bloomingdale's na rua 59. Elise tinha convocado Jenny para ajudá-la a encontrar um jeans perfeito por menos de oitenta dólares e, como sempre, Jenny precisava de sutiãs novos, uma vez que estava sempre arrebitando o elástico ou rompendo as alças dos que tinha.

A Bloomingdale's era uma zona de guerra brega de turistas exibindo os novos casacos e tênis que tinham acabado de comprar na Nike Town, com bandos barulhentos de caçadores de pechinchas de cabelo azul, mas era o único lugar a se ir para sutiãs exageradamente grandes e jeans de preços moderados além da Macy's, que era simplesmente tosca. Quem tinha gosto melhor e um limite de crédito maior ia a Bergdorf's, Bendel's ou Barney's, mas, para pessoas como Jenny e Elise, tinha de ser a Bloomingdale's.

- Nem acredito que você vestiu essa e o tamanho é perfeito - disse Jenny com inveja ao ver Elise experimentar o primeiro jeans Paris Blues na cabine de provas. Jenny mal tinha um metro e meio de altura e era obrigada a encurtar tudo. Elise tinha um e oitenta, mas encarava outros problemas, como o peito completamente achatado e a banha que acolchoava os ossos dos quadris e a parte inferior das costas feito uma segunda bunda. Elise esfregou a cara sardenta e olhou os pneus que insistiam em existir acima da cintura e do jeans de cós baixo.

- Tá vendo por que não posso comer em público? - rosou ela, chupando a barriga e empurrando a cintura. O jeans tinha 9% de Lycra, mas não parecia fazer muita diferença. Ela soltou o ar e a barriga, desistindo. - Tudo bem, vamos esquecer esta. Próxima calça. Enquanto Elise se livrava lentamente da rejeitada, Jenny segurava um lindo jeans Seven tingido de preto com boca larga que estava em liquidação e seria uma compra e tanto se coubesse. Ela percebeu que Elise usava calcinha azul-clara de renda e rapidamente desviou os olhos para que Elise não a acusasse de ficar olhando.

Elise pegou o jeans, enfiou os pés nele e puxou até os quadris.

- Ai, meu Deus. Não acredito que esqueci de te contar isso - disse ela, espremendo a cintura com fecho de botão. - Antes da aula de redação criativa, ouvi Kati Farkas e Isabel Coates falando de Nate Archibald no banheiro da escola. Elas disseram que ele quase teve de ir para a *cadeia* porque foi pego traficando com uns caras de vinte e poucos anos no parque. O pai dele teve de ir até a delegacia e tirar ele de lá, mas ele ainda vai ter de fazer *reabilitação*. Vocês não ficaram tipo *juntos* por um tempo? Você sabia disso? Não é uma loucura?

Jenny não sabia, e não tinha muita certeza de como se sentia em relação a isso. Nate a desprezara totalmente no fim, espantando-a como a uma mosca irritante, então ela achava que ele estava tendo o que merecia. Além disso, Nate parecia o tipo de cara que sempre chegaria ao topo de novo, ileso. Por que ela devia perder mais tempo se preocupando ou até *pensando* nele? Ela viu Elise lutar com os botões de cobre do jeans. Ele estava perfeito em todo o resto do corpo, mas a cintura era tão apertada que não havia jeito de ela conseguir se sentar vestindo aquilo.

- Por que não experimenta um tamanho maior?

Elise estreitou os olhos azuis de um jeito decidido. Ela fazia muito isso, o que levava Jenny a se perguntar se Elise precisava de óculos.

- Porque, Srta. Tamanho 34, eu visto 42, e não 44. Me passa outra, e vê se para de olhar pra minha gordura.

- Não estou olhando - insistiu Jenny, passando-lhe um jeans Lei que era meio esmolambado demais, com bainha esfiapada e bolsos furados, mas com uma cintura larga e baixa que parecia que podia realmente cair bem nos quadris de Elise. - E ninguém vai saber que tamanho você veste. Eu não vou contar. - Jenny imediatamente pensou em seu próprio tamanho de roupas. Ela não pretendia convidar Elise para a cabine de provas quando experimentasse sutiãs. Claro que elas estavam se tornando amigas íntimas, mas era mesmo necessário Elise saber que ela não era só tamanho G, mas GG? Ainda assim, não precisava retribuir só porque Elise a convidara para ajudar a experimentar jeans.

Elise torceu o nariz para o Lei.

- Tem um jeito fake demais.

- Mas o que é que você quer fazer? - perguntou Jenny, atirando o jeans no banco no fundo da estreita cabine de provas.

Elise abotoou o uniforme e passou os pés pela calça preta com um jeito afetado. Jenny ficou assombrada ao ver como era a doce-e-legal-menininha-da-escola Elise quando a gente a conhecia de verdade.

- Vou ficar com a Seven. Sei que não cabe agora, mas pretendo perder cinco quilos até o fim do ano. E *you* vai me ajudar.

Jenny assentiu. Ela também comprava coisas pequenas demais.

Sim, é chamado de compras *aspiracionais*. Toda garota com ambição faz isso.

As cabines de provas do departamento de lingerie eram sujas, apertadas e mal iluminadas. De costas para Elise, Jenny tirou pela cabeça o suéter J. Crew azul com gola em V e o atirou no banco do canto. Depois tirou a camiseta Gap branca e a largou no chão, cruzando os braços sobre os peitos, constrangida.

- Qual deles quer experimentar primeiro? - perguntou Elise, separando os cabides plásticos que Jenny tinha pegado as pressas, com a eficiência de uma executiva. - O preto de renda com fecho moderninho ou o de algodão branco confortável com tiras extralargas?

- Só me passa o preto - murmurou Jenny, estendendo a mão nas costas para pegar o sutiã.

Ela soltou o feio sutiã Bali bege de supersustentação que estava usando e deixou-o cair no chão, atrapalhando-se com o sutiã preto enquanto tentava manter a face interna dos cotovelos apertada nas costelas para se cobrir. As alças do sutiã preto eram curtas e o fecho era uma engenhoca esquisita de metal dourado em vez do gancho normal. Jenny olhou e viu Elise observando-a pelo espelho. A cabine de provas tinha espelhos em três lados, então Jenny na verdade não estava conseguindo nada virada de costas.

- Quer ajuda? - Elise deu um passo à frente.

As costas de Jenny ficaram rígidas. Podia muito bem esquecer o recato. Elise ia ver seus peitos de qualquer jeito. Então ela deixou os braços caírem e se virou, totalmente de frente.

- Me ajuda a afrouxar as alças? - pediu ela, tentando parecer indiferente. Ela passou o sutiã a Elise, os peitos pendurados como umas broas recém-saídas do forno. Tinha de admitir que era meio libertador. Meio libertador e totalmente constrangedor.

Elise começou a ajustar o sutiã, sem nem mesmo tentar esconder o fato de que estava encarando os peitos de Jenny ao mesmo tempo.

- Uau. Eles são realmente grandes - observou ela. - Como é que você é tão pequenininha e tem bobôs tão grandes?

Jenny pôs as mãos nos quadris e encarou Elise, tentando bolar uma resposta inteligente, mas em vez disso desatou a rir.

- Bobôs?

Elise corou e devolveu o sutiã a Jenny.

- Eu sempre chamei assim. Desde que era pequena.

Jenny passou as alças pelos braços e depois se virou.

- Você consegue fechar? - Elise enganchou o fecho e Jenny se virou novamente. O sutiã tinha um ótimo suporte, mas os peitos estavam apertados tão juntos que a racha dos peitos tinha uma língua de profundidade. Elise ainda estava olhando.

- Acha que é piranhudo demais? - perguntou Jenny.

Ela riu. - Quer dizer, este aqui meio que deixa meus bobôs ainda maiores.

Elise tinha parado de piscar, o que sempre fazia quando estava distraída.

- Sabe quando você me perguntou sobre o que eu escrevi na aula de redação criativa? - perguntou ela. Jenny assentiu e se virou para que Elise soltasse o sutiã. - Bem, foi sobre isso que eu escrevi. Seus bobôs.

As costas de Jenny ficaram rígidas de novo. Se um garoto lhe dissesse que tinha escrito sobre seus peitos, você saberia no ato que ele ou estava lhe dando mole ou era um perverso.

Mas como Elise era uma garota e amiga de Jenny, ela não sabia bem como devia se sentir com relação a isso.

- Acho que acabei - disse ela rapidamente. Pegou o velho sutiã do chão e o vestiu. - Vou comprar o preto.

Elas levaram oito sutiãs para a cabine de provas, mas Jenny só experimentou um.

- Tem certeza de que não quer experimentar os outros? - perguntou Elise.

Jenny vestiu a camiseta e enfiou o suéter pelo braço. De repente a minúscula cabine de provas ficou extremamente claustrofóbica.

- Não - respondeu ela, puxando a cortina preta e voltando ao salão principal do departamento de lingerie, que, é claro, tinha sutiãs de uma parede a outra. Seria legal ir a um lugar onde os peitos não fossem o principal foco da atenção de todos.

Tipo outro planeta?

b se senfe atraída por um homem mais velho

- Gostaria de outra Coca, senhorita? - perguntou o garçom de gravata-borboleta e rabo-de-cavalo.

- Não, obrigada - respondeu Blair, os olhos grudados na porta.

A semana toda sua mente só estava numa coisa: a entrevista com Owen Wells. Ela havia feito alguma pesquisa na Internet, para poder fazer perguntas apropriadas sobre a Wells, Trachtman & Rice, a firma de advocacia da qual ele era sócio. Agora finalmente era quinta-feira e ela estava sentada sozinha à mesa do canto do Leneman's Bar no Compton Hotel, esperando por ele. O bar estava apinhado, principalmente de homens de meia-idade em ternos feitos sob medida, discutindo negócios e bebendo uísque com gelo,

ou sentados com louras oxigenadas que definitivamente não eram as esposas deles. Com paredes douradas, toalhas de mesa branquíssimas e jazz da década de 1940, O bar tinha um ar de sofisticação sensual.

Blair passou quase três horas se preparando: uma no banho e secando o cabelo num penteado elegante e de patricinha que emoldurou o rosto de um jeito inocente, porém intelectual; uma colocando o novo vestido Les Best com cinto, que ela combinou com sapatos Ferragamo de salto 9, para dar um toque a mais de confiança e altura; e uma aplicando maquiagem em tons naturais para o brilho fresco e saudável de alguém que sempre dorme 12 horas porque nunca sai e nunca chega perto de um cigarro ou de uma bebida.

Então tá.

Ainda faltavam 15 para as nove, mas, se bebesse mais Coca, ela ficaria com tanta vontade de fazer xixi que nunca passaria pela entrevista sem se molhar. O que Blair realmente queria era um gole de Stoli, mas, com a sorte que tinha, Owen Wells entraria pela porta no exato momento em que ela estivesse botando o gole para dentro, confirmando as preocupações dele de que ela realmente era uma rata de festa meio doida que só queria ir para Yale para se embebedar e seduzir o capitão da equipe de remo, possivelmente engravidando no processo e obrigando o inocente e antes honesto homem de Yale a se casar com ela e trabalhar a vida toda como um escravo para sustentar o estilo de vida a que ela estava acostumada.

Nesse momento um executivo muito bem vestido que estava sentado no bar girou o banco dourado e sorriu para ela. Tinha cabelos pretos ondulados, olhos azuis brilhantes com cílios longos e sobrancelhas pretas distintamente arqueadas. O rosto e as mãos eram profundamente bronzeados, como se jogasse tênis ao sol todo santo dia, e ele usava um lindo terno de lã azul-marinho com uma camisa branca e abotoaduras simples de ouro. Blair em geral não reparava em homens mais velhos e esse cara tinha pelo menos 38, mas era tão bonito que era impossível *não* reparar.

- Você por acaso é Blair Waldorf? - perguntou ele numa voz familiar e profunda.

Blair assentiu sem muita confiança.

- Sim?

Ele saiu do banco e foi até a mesa dela, deixando um copo vazio no bar. Estendeu a mão direita.

- Sou Owen Wells.

- Oi - Blair deu um pulo e apertou a mão dele, sentindo-se totalmente confusa. Primeiro, Owen Wells era colega do pai dela, então devia ser mais velho, malvestido, careca e gordo. Não que o pai de Blair fosse assim. O pai dela malhava com um personal trainer todo dia, usava roupas de grife e tinha um cabelo maravilhoso. Mas ele era *gay*. Segundo, Owen Wells tinha dito que estaria usando a gravata de Yale, e esse cara não estava usando gravata nenhuma, só uma camisa branca, desabotoada para que ela pudesse ver a gola da camiseta branca que usava sobre o peito musculoso, que provavelmente era tão bronzeado quanto o resto.

Não que ela estivesse pensando *no resto*.

Terceiro, ela não esperava que Owen Wells fosse tão *gostoso*. Ele era tão parecido com Cary Grant em *Tarde demais para esquecer* que ela que ria se atirar nos braços dele e dizer-lhe para deixar Yale para lá, ela era dele, *toda dele*.

Blair recuperou os sentidos a tempo de perceber que ainda estava segurando a mão de Owen. Ela a sacudiu com a máxima firmeza e confiança que pôde, alarmada com a total incapacidade mental de se concentrar na tarefa que tinha a frente. Estava se encontrando com Owen por um motivo só: impressioná-lo para poder ingressar em Yale.

- Obrigada por ter o trabalho de vir se encontrar comigo - acrescentou ela apressadamente.

- Eu estava ansioso por isso - respondeu ele com a voz máscula e excitante. - Acabo de me lembrar que disse a você que eu estaria com minha gravata de Yale. Desculpe. Eu esqueci completamente. Cheguei a vê-la entrar, mas não pensei que pudesse ser você. Não estava esperando você assim tão cedo.

Imediatamente, Blair se perguntou se ele percebeu que ela passou vinte minutos no banheiro depois que chegou, ou que ficou limpando o nariz no guardanapo e analisando seu rosto no espelho compacto Stila para verificar qualquer marquinha que não vira antes, como uma remelinha ou - Deus me livre - uma espinha.

- Eu costumo chegar cedo - respondeu ela. - Nunca me atraso. - Ela tomou um gole nervoso de Coca. Será que era um bom momento para dizer a ele como ficou impressionada com o trabalho dele no caso *Home Depot vs. The Learning Channel*? Será que devia cumprimentá-lo pelo terno? Ela respirou fundo e tentou se concentrar. - Gostei daqui - declarou ela e imediatamente se arrependeu. Era um bar elegante, mas do jeito que ela falou parecia que queria se mudar para lei ou coisa parecida.

Owen puxou a cadeira do lado oposto ao dela e fez um gesto para que ela se sentasse.

- Então, devemos começar?

Blair estava grata pelos modos relaxados e de executivo dele. Ela se sentou na beirinha da cadeira acolchoada e cruzou as pernas de um jeito formal.

- Sim! - Ela sorriu com entusiasmo. - Quando você quiser.

O garçom apareceu para oferecer outro drinque a Owen. Ele pediu um *Maker's Mar* e arqueou uma sobrancelha para Blair.

- Posso pedir alguma coisa para você que não seja Coca? Prometo que não vou contar a Yale nem a seu pai.

Blair remexeu os dedos dos pés dentro dos *Ferragamos pretos*. Se dissesse sim, estaria admitindo que realmente queria uma bebida e, se dissesse não, podia parecer uma puritana.

- Eu bebo uma taça de chardonnay. - Blair deduziu que vinho branco era a opção mais segura e típica de uma mulher.

- Então, diga-me por que Yale deve admitir você - disse Owen depois de pedir o vinho. Ele se inclinou sobre a mesa e baixou o tom de voz. - Você é realmente tão brilhante como seu pai diz?

Blair se endireitou na cadeira, girando o anelzinho de rubi repetidamente no dedo por baixo da toalha de mesa.

- Acho que sou inteligente o bastante para ir para Yale - respondeu ela calmamente, lembrando-se de seu discurso. - Estou em todos os cursos avançados da escola. Sou a primeira da turma. Presido o conselho de serviços especiais e o clube de francês. Sou líder de um grupo de discussão. Estou no ranking nacional de tênis. E presidi o comitê organizador de cinco eventos de caridade no ano passado.

As bebidas chegaram e Owen ergueu o copo.

- E por que Yale? - Ele tomou um gole. - O que Yale significa para você?

Parecia estranho que Owen não estivesse tomando nota de nada, mas talvez ele a estivesse testando, tentando conseguir que ela baixasse a guarda e admitisse que na verdade era só uma maluca nascida com uma colher de prata no rabo bem criado e só queria ir para Yale para cair na balada com garotos da fraternidade.

- Como sabe, Yale tem um excelente programa de formação de advogados - começou ela, decidida a dar respostas inteligentes e diretas. - Estou pensando em fazer direito do entretenimento.

- Excelente. - Owen assentiu com aprovação. Ele puxou a cadeira para a frente e piscou para ela. - Olhe, Blair. Você é uma garota inteligente e ambiciosa. Já sei que você é perfeita para Yale e prometo que farei tudo o que puder para convencê-los a aceitar sua admissão.

Ele pareceu tão lindamente sincero ao dizer isso que Blair sentiu o rosto arder.

- Obrigada - respondeu ela com graça. Tomou outro gole de vinho e soltou um enorme suspiro de gratidão e alívio. - Obrigada. Obrigada, obrigada, obrigada.

Foi então que um par de mãos frias cobriu seus olhos e ela sentiu o cheiro distinto do perfume de patchouli e sândalo de uma certa mistura de óleos essenciais preferida de alguém.

- Adivinha quem é? - sussurrou Serena no ouvido de Blair, depois tirou as mãos, os longos cabelos louros roçando o ombro de Blair enquanto ela lhe dava um beijo no rosto.

- E aí?

Atrás dela, Aaron estava parado, rindo feito um imbecil, usando uma camiseta marrom de Harvard como o babaca irritante que era.

Blair piscou. Será que não dava para eles verem que ela estava no meio do mais importante encontro de sua vida?

- Eu sou Serena. - Serena estendeu a mão para Owen.

Owen se levantou e apertou a mão dela.

- Encantado. - Ele inclinou a cabeça escura, ficando ainda mais parecido com Cary Grant do que nunca.

- E aí, você vai me ver no desfile do Les Best amanhã, não é? - perguntou Serena a Blair.

- Você *tem* de ir - reafirmou Aaron. - Eu não vou a nenhum desfile de moda sozinho, gata. - Ele havia concordado em ir, mas não estava exatamente ansioso para isso. Moda significava peles e testes em animais. Contrariava todas as crenças dele.

- Seu nome está na lista - acrescentou Serena.

Owen parecia totalmente confuso com toda a conversa. Blair soltou um suspiro exasperado e se levantou, virando-se de forma que Owen não ouvisse o que ela ia dizer.

- Vocês dois se importam em nos deixar em paz? - sibilou ela num sussurro baixo. -

Estamos falando de Yale e é tremendamente *importante*, merda.

Aaron pôs o braço na cintura fina de Serena, puxando-a.

- Desculpe - respondeu ele num sussurro paternalista, ainda parecendo presunçoso com aquela camiseta retardada de Harvard. - Vamos àquele clube novo na Harrison, caso você queria nos encontrar mais tarde. - Eles saíram a passos leves do bar, as trancinhas dele balançando e o cabelo louro-claro de Serena caindo em leque nos ombros, os dois parecendo tão despreocupados e indiferentes que dava nos nervos.

- Desculpe - disse Blair, cruzando os tornozelos com afetação enquanto se sentava de novo. - Meus amigos às vezes podem ser bem egoístas.

- Tudo bem. - Owen olhou para o uísque, parecendo pensativo enquanto mexia os cubos de gelo do copo. Ele olhou para Blair novamente. - Importa-se se eu perguntar o que fez de tão desagradável na primeira entrevista para Yale que a faz pensar que eles não a admitirão lá?

Blair tomou um gole do vinho e depois outro. Depois que explicasse o que tinha acontecido, Owen sem dúvida nenhuma ia mudar de idéia a respeito dela.

- Eu estava num dia ruim - confessou ela, as palavras tropeçando da boca enquanto ela girava freneticamente o anel de rubi no dedo. Ela não que ria entrar em detalhes escabrosos sobre a entrevista meia-boca, mas, se Owen ia ajudá-la, era melhor ele saber a verdade. - Eu não tinha dormido bem. Estava cansada, nervosa e louca de vontade de urinar. O entrevistador disse "Fale-me de você" e, antes que eu conseguisse pensar no que estava dizendo, contei a ele tudo sobre como meu pai era gay e minha mãe ia se casar com um cara grosseiro, gordo e vermelho que tem um filho adolescente irritante de trancinhas que você acaba de ter o prazer de conhecer. Falei que meu namorado, Nate, estava me ignorando. Depois ele me perguntou que livros eu tinha lido recentemente e eu não consegui pensar no título de um livro que fosse. Comecei a chorar e depois, no fim da entrevista, eu dei um beijo nele. - Blair suspirou teatralmente, pegou o guardanapo na mesa e começou a passá-lo no lábio. - Foi só no rosto, mas ainda foi totalmente inadequado. Sabe como é, você só tem alguns minutos para causar uma boa impressão, mas acho que eu fui meio empolgada demais. - Ela olhou para os simpáticos olhos azuis de Owen. - Não sei no que eu estava pensando.

Owen tomou um gole da bebida em silêncio enquanto considerava a informação.

- Vou ver o que posso fazer - respondeu ele por fim, mas agora a voz dele parecia longe e cética.

Blair engoliu em seco. Estava bastante óbvio que ele pensava que ela era uma imbecil maluca irremediável. Ai, meu Deus. Ela estava *acabada*.

De repente ele abriu um sorriso diabólico cheio de dentes brancos.

- É brincadeira, Blair. Isso não é tão ruim. Provavelmente foi a entrevista mais memorável que Jason Anderson III fez na vida. Convenhamos, ele não é o cara mais empolgante do mundo e o trabalho dele deve ser meio monótono. Tenho certeza de que você foi o ponto alto da temporada de entrevistas de outono.

- Então não acha que é irremediável, afinal? - perguntou Blair com sua voz mais trágica de Audrey-precisa-de-sua-ajuda.

Owen pegou a mãozinha com anel de rubi na grande mão bronzeada.

- Absolutamente, não. - Ele pigarreou. - Alguém já lhe disse que você parece um pouco com a Audrey Hepburn?

Blair corou da raiz dos cabelos as cutículas do dedão do pé. Owen parecia saber exatamente as coisas certas a dizer, e ele era tão parecido com Cary Grant que Blair ficava tonta. A grossa aliança de ouro dele apertou os ossos da mão de Blair, que franziu a testa para a aliança. Se ele era assim tão casadinho, o que estava fazendo segurando a mão dela?

Owen retirou a mão e se remexeu na cadeira, lendo o pensamento de Blair.

- É, eu sou casado. Mas nós não estamos mais juntos.

Blair assentiu, hesitante. Não era mesmo da conta dela.

Mas se Cary - Owen - quisesse convidá-la para sair de novo, ela não diria exatamente não.

Convidá-la para sair de novo? Será que ela estava se esquecendo de que isso não era exatamente um encontro amoroso?

- Bem, você deve ter de voltar para seu dever de casa dos cursos avançados e tudo o mais.

- Owen estendeu a mão novamente, como se não suportasse deixá-la partir. - Mas você se importa se eu ligar para você de novo um dia desses?

Blair esperava parecer *exatamente* Audrey Hepburn nesse exato momento. Sim, Owen tinha quase a idade do pai dela, era advogado, era um *homem*, mas ela nunca se sentiu tão atraída por ninguém assim na vida. Por que lutar? Era o segundo semestre do último ano do secundário. Ela se esforçou muito em todo o ensino médio e esperava ingressar em Yale logo.

Sim, ver um homem mais velho era loucura e era irresponsável, mas já era hora de ela se divertir um pouco.

- Claro. - Ela sorriu e arqueou a sobrancelha direita dramaticamente. - Eu gostaria muito.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

Herdeira adolescente vende cavalos para comprar drogas!

Ontem à noite eu estava naquele clube novo na Harrison e, entre golinhos da versão “adulta” de Shirley Temple do clube, consegui desencavar as últimas sobre uma de minhas colegas de maternal. Embora fosse herdeira da maior fortuna madeireira do mundo, recentemente ela foi apanhada vendendo os cavalos premiados para comprar drogas. Ao que parece ela só vai botar a mão na herança quando tiver 18 anos e só tem uma “pequena” mesada mensal. Estava sem dinheiro, então ela colocou Guns’n’Roses, seu saltador premiado, em leilão e usou o dinheiro para comprar um pouco de speed ou sei lá o que ela usa. Que tal isso de tosquite? Aparentemente a babá de oitenta anos – ou quem quer que cuide dela, agora que o pai morreu e a mãe se mudou para Sandy Lane, em Barbados – descobriu sobre o cavalo e mandou minha velha amiga para a reabilitação.

Pelo visto a reabilitação é o melhor lugar para passar o inverno!

FASHION WEEK: OS BASTIDORES

Vai esperando congelar do lado de fora tentando parar um táxi. Vai esperando uma hora para o desfile começar e descobrir depois que ele vai atrasar *mais* uma hora. Vai esperando ver montes de garotas anoréxicas, de bronzado falso e cheias de botox tentando não perceber que estão usando a mesma coisa para o mesmo desfile, e montes de gays usando mais perfume do que as mulheres. Vai esperando descobrir que aquelas

calças cargo horrorosas com pernas afuniladas voltaram a moda *de novo*. Vai esperando ter inveja das modelos fazendo biquinho com umas pernas de girafa que ficam mesmo ótimas nessas calças. Vai esperando ficar irritada com as mulheres de pele e maquiagem pesadas que trazem seus buldogues franceses com coleiras Louis Vuitton para o desfile e bolsas de mão Louis Vuitton combinando. Vai esperando morrer para que comece logo o after-party para você poder fumar. Vai esperando que os after-parties sejam verdadeiramente de enlouquecer. Vai esperando não se lembrar do que aconteceu na manhã seguinte.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu estava andando pelo bar do Compton Hotel ontem a noite e vi B com um homem que eu reconheço do meu prédio. Ele tem uma filha que esta no primeiro ou no segundo ano da minha escola. O que foi aquilo?

-Tom

R: Oi, Tom,

Quem sabe o que ela estava aprontando, mas dá pra você ver B como a madrasta malvada de uma pobre menininha?

-GG

P: Cara G-Auau,

Só o que posso dizer é que você arrasa! E, também, ouvi dizer que N vai para aquela clínica chique no Greenwich. Meu primo foi pra lá e voltou mais perturbado do que antes.

- F.B.

R: Cara F.B.,

Obrigada pelo cumprimento, embora eu não saiba se entendi toda a coisa do "G-Auau". E, o que quer que aconteça com N na reabilitação, eles não vão destruir a alma nem a beleza divina dele!

Flagra

N e os pais dando um giro pela nova clínica de reabilitação da moda no **Greenwich**. **C** fazendo as unhas na **Coin**, um spa exclusivamente masculino em Chelsea. Não estou brincando. **S** pegando uma camiseta baby look feita sob medida em uma daquelas lojas de camisetas customizadas em **Chinatown**. **B** parada diante da **Tiffany**, bebendo de um copo de papel e comendo um Danish, exatamente como **Audrey Hepburn** em **Bonequinha de luxo**, só que **B** estava usando o uniforme cinza da escola em vez de um **Christian Dior** preto de gala. **K** e **I** colocando placas SEM MOLEZA pela tenda do **Les Best**. Parece que elas realmente *se ofereceram* como voluntárias para poder conseguir bons lugares.

Acho que vai nevar muito nesse fim de semana, mas será que isso vai nos impedir? Vejo vocês na primeira fila!

Para você que me ama,
gossip girl

os espíritos irmãos se ligam na reabilitação

- Todo mundo aqui soube da tempestade de neve? Parece que vai chegar a um metro e vinte à meia-noite! – Jackie Davis, facilitadora do grupo de adolescentes de Nate no Breakaway Rehabilitation Center, esfregou as mãos como se a idéia de ficar presa pela neve com todos aqueles ricos sem teto fosse para ela uma diversão de arrasar.

Depois que Nate foi preso no parque, o pai dele e Saul Burns, advogado da família, chegaram para tirá-lo da delegacia. O pai de Nate, um capitão da marinha de cabelos grisalhos e severo, tinha pago a fiança de três mil dólares e assinou um acordo segundo o qual Nate imediatamente freqüentaria um programa de reabilitação em drogas por no mínimo dez horas por semana. Isso significava que Nate ia ter de pegar o trem para Greenwich, Connecticut, cinco dias por semana para aconselhamento e terapia de grupo.

- Pense nisso como um emprego, filho. - Saul Burns tentou tranquilizá-lo. - Um emprego depois da aula. – O capitão Archibald não disse nada. Estava bem claro que Nate o havia decepcionado além da medida. Felizmente, a mãe de Nate estava em Monte Carlo visitando a irmã triplamente divorciada. Quando Nate contou a história sórdida pelo telefone, ela guinchou e chorou, fumou cinco cigarros numa sucessão rápida e depois quebrou a taça de champanha. Ela sempre era meio teatral. Afinal, era francesa.

- Muito bem. Vamos começar formando a roda – instruiu Jackie numa voz animadinha, como se fosse o primeiro dia do maternal. - Digam seu nome e expliquem por que estão aqui. Resumidamente, por favor. - Ela assentiu para Nate começar, uma vez que estava sentada diretamente na frente dele.

Nate se remexeu, pouco à vontade na cadeira Eames. Todos os móveis da clínica de reabilitação da elitista Greenwich, Connecticut, eram estilo século XX moderno, para combinar com o bege minimalista e a decoração branca. O piso era de mármore italiano creme, cortinas brancas de linho cobriam as janelas do chão ao teto e a equipe de funcionários usava uniformes de linho bege desenhados especialmente pelo empresário do jeans da década de 1990 Gunner Gass, um ex-paciente que agora era do conselho diretor.

- Tudo bem. Meu nome é Nathaniel Archibald, mas todo mundo me chama de Nate - murmurou. Ele chutou as pernas da cadeira e pigarreou. - Fui pego uns dias atrás comprando erva no Central Park. E por isso que estou aqui.

- Obrigada, Nate - interrompeu Jackie. Ela deu um sorriso gelado com os lábios marrons e anotou alguma coisa no bloco do clipboard. -Aqui na Breakaway, preferimos que você se refira a substância em questão por seu verdadeiro nome. No seu caso, maconha. Se puder usar esse nome consistentemente, estará dando mais um passo em direção à liberdade em relação a ela. -Jackie sorriu para Nate mais uma vez. - Gostaria de tentar novamente?

Nate olhou constrangido para os outros manes do grupo. Havia sete deles, três garotos e quatro garotas, todos olhando para o chão, preocupados com o que iam dizer e parecendo tão pouco à vontade quanto ele.

- Eu sou o Nate - repetiu Nate mecanicamente. – Um cara da narcóticos me pegou comprando *maconha* no parque. por isso que eu estou aqui. - Do outro lado da roda, uma menina com cabelos castanho-escuros que iam quase até a cintura, os lábios cor de sangue e a pele tão branca que era quase azul olhou para ele de um jeito sentimental, como uma versão drogada da Branca de Neve.

- Melhor assim - disse Jackie. - o próximo. – Ela assentiu para a japonesa que estava ao lado de Nate.

- Meu nome é Hannah Koto e tomei Ecstasy antes da aula há duas semanas. E fui pega porque deitei no chão para sentir o tapete da minha sala de trigonometria.

Todos riram, exceto Jackie.

- Obrigada, Hannah, isso foi ótimo. Próximo.

Nate se desligou das duas pessoas seguintes, meio que viajando no modo como a Branca de Neve balançava o pé, como se estivesse marcando o tempo de seu próprio show particular. Ela usava botas de camurça azul-claras que pareciam nunca ter sido usadas na rua.

De repente foi a vez dela.

- Meu nome é Georgina Spark. Todo mundo me chama de Georgie. Acho que estou aqui porque não fui muito legal com meu pai antes de ele bater as botas, então tenho de esperar até fazer 18 anos para poder viver minha vida do que jeito que eu quero.

O resto do grupo deu risadinhas nervosas. Jackie fez uma carranca.

- Pode dizer de que substância você estava abusando, Georgina?

- Cocaína - respondeu Georgie, deixando uma cortina de cabelo preto cair no rosto. - Eu vendi meu cavalo de exposição favorito pra comprar cinquenta gramas. Saiu nos jornais e tudo. *New York Post*, quinta-feira...

- Obrigada - interrompeu Jackie. - O próximo membro do grupo, por favor.

Ainda balançando o pé, Georgie olhou através do cabelo e recebeu o olhar intrigado de Nate com um malicioso sorriso vermelho-sangue.

- *Piranha* - murmurou ela, obviamente referindo-se a Jackie.

Nate sorriu também e assentiu ligeiramente com o queixo. Saul Burns tinha dito a ele para tratar a reabilitação como um emprego depois da aula. Agora Nate tinha um motivo para trabalhar duro nele.

S veste o amado numa camisetinha

- Vocês são os amigos daquela gata, a Serena, né? – Sonny Webster, um cara magricela de cabelo preto retinto riscado com luzes pardas, perguntou a Chuck Bass enquanto se sentavam na segunda fila, esperando pelo desfile do Les Best começar na quinta à noite; Sonny era filho de Vivienne Webster, a designer de lingerie britânica cujos shorts masculinos apertados nos quadris eram a paixão da hora. Sonny e Chuck se conheceram num bar na noite anterior e já eram amigos. Ainda usavam os mocassins Tods combinando - marrom-escuro com solado de borracha verde-néon. Bem iatista gay urbano, e nada prático para a quantidade de neve sem precedentes que tinha sido prevista para aquela noite.

Chuck assentiu.

- Ela vai aparecer nua. Foi o que eu soube, quer dizer. - Ele esfregou a barriga recém-tonificada. - Estou doído pra ver - acrescentou, sem muito entusiasmo.

- Ta vendo o Chuck conversando com aquele cara, o filho gay da Vivienne Webster? - cochichou Kati Farkas a Isabel Coates. – Eu juro que Chuck agora anda com homens.

- Ela e Isabel tinham conseguido lugares na primeira fila, como pretendiam. Não graças ao esforço voluntário meio desnecessário de pendurar placas SEM MOLEZA pelo Bryant Park, mas porque o pai de Isabel, Arthur Coates, era um ator muito famoso que reclamou que a filha e a amiga *mereciam* estar na primeira fila este ano porque ele já gastara uma fortuna com toda a coleção primavera-verão Les Best.

- Acho que de repente ele é bi - cochichou Isabel de volta. - Ele ainda está usando o anel rosa com monograma de ouro.

- É observou Kati. - Tipo isso não é totalmente gay.

A enorme tenda branca no Bryant Park estava apinhada de editores de revistas, fotógrafos, atrizes e socialites. *Heart of Glass*, de Blondie, jorrava dos alto-falantes Bose. Christina Ricci estava na primeira fila discutindo no celular com o relações-públicas e defendendo sua decisão de ir ao desfile do Les Best em vez do de Jedediah Angel, que estava acontecendo no centro da cidade naquela mesma hora.

- Olha o Flow do 45 ali! - guinchou Sonny. - Ele é mesmo um *deus*. E olha lá a Christina Ricci. Minha mãe acaba de mandar uma encomenda enorme dela.

Enquanto dava uma olhada pelo salão, procurando por mais celebridades e tentando ser visto, Chuck viu Blair a cerca de dez cadeiras na terceira fila. Ele lhe mandou um beijo e ela retribuiu com um sorriso afetado.

- Por que estamos aqui mesmo? - gritou Blair para Aaron. Embora andasse totalmente irritada com Serena ultimamente, ela decidiu vir ao desfile para ver se alguma coisa da coleção de outono da Les Best era adequada para sua nova imagem. Agora que estava espremida na tenda abafada e apinhada com uma música francamente alta e um fedor terrível de perfume, como uma garota de 12 anos com um ingresso para um show do 45, ela sinceramente estava cagando para as roupas ou se Serena era a estrela do desfile. Era só o que Serena precisava para provar que realmente era o centro do universo.

Blair não precisava se pendurar em modelos lindas e estilistas famosos, de qualquer forma. Ia para Yale, a melhor instituição de ensino superior do mundo, e ia ser convidada *muito em breve* para sair com um homem mais velho e de classe. Ela se sentia extremamente realizada para alguém tão jovem. O barulho e o glamour da Fashion Week pareciam menos atraentes, agora que sua vida era tão... *estimulante*. Além disso, eles estavam sentados na terceira fila, o que era um tremendo insulto quando ela sempre se sentou na primeira ou na segunda em qualquer outro desfile a que comparecesse.

- Sinceramente, não sei bem por que estou aqui – respondeu Aaron rabugento. Ele abriu o zíper da jaqueta de golfe Les Best verde berrante que Serena lhe dera e o fechou de novo. A jaqueta era de lona de algodão duro e assoviava alto quando ele se mexia. Era meio gritante demais para o gosto dele, mas ele a usava porque Serena insistira em que ele não podia ir a um desfile de moda e se sentar na terceira fila sem usar um artigo das roupas do estilista. Aaron gostava da vibração do desfile de moda. Era como estar em um show de rock. Mas era simplesmente tão falso que todos estivessem reunidos ali para ver...

roupas.

Do lado de fora a neve caía sem parar há duas horas na cidade iluminada. Blair podia imaginar a insanidade de conseguir um táxi mais tarde, com todo mundo mal vestido, tagarelando totalmente e pensando que mereciam a próxima corrida disponível. Ela chutou as costas da cadeira de Nicky Hilton com as botas de couro preto Les Best e bocejou pela quinta vez. Enquanto sua boca ainda estava escancarada em pleno bocejo, as luzes de repente foram reduzidas e a música parou.

O desfile ia começar.

A coleção mostrada era para o próximo outono e o tema era Chapeuzinho Vermelho. O palco foi decorado como uma floresta de conto de fadas, com troncos de árvores de veludo marrom-escuro e galhos baixos cobertos de folhas de seda verde-esmeralda brilhante. Uma música animada de flauta começou a tocar e de repente Serena pulou no palco usando a saia do uniforme cinza pregueada da Constance Billard, botas de camurça vermelha acima do joelho e uma minicapa de lã vermelha presa ao pescoço. Sob a capa, ela usava a camisetinha branca com I LOVE AARON blasonado em preto em todo o peito. Os cabelos louros compridos estavam presos num rabo-de-cavalo e o rosto não tinha maquiagem, exceto pelos lábios, que foram pintados com um vermelho brilhante e vibrante. Serena andou pela passarela com desenvoltura e confiança, precipitando-se com a saia pregueada do uniforme, girando e depois parando para as câmeras como vira acontecer durante anos.

Quem é ela?, murmuraram em uníssono mil vozes ansiosas por uma fofoca. *E quem é Aaron?*

Blair revirou os olhos, ainda mais entediada e irritada agora que o desfile estava rolando.

- Quem é Aaron? - ganiu Sonny para Chuck Bass.

- Sei lá quem é esse cara - respondeu Chuck.

- Será que é Aaron Sorkin? Sabe quem é, o roteirista de TV? - perguntou uma editora desnordeada da *vogue* com suas peles à vizinha.

- Seja lá quem for, é um cara de sorte - disse um fotógrafo.

- Eu soube que ele deu o fora nela. Acho que ela está tentando reconquistar o cara - relinchou Isabel para Kati.

- Bem, não olhe agora, mas acho que ele parece irritado - sibilou Kati em resposta. As duas meninas se viraram para olhar.

Serena mandou um beijo para Aaron da passarela, mas Aaron estava ocupado demais se sentindo excitado e sem graça com a camiseta dela para sequer perceber. Ele pensou que Serena ficaria nervosa por andar pela passarela com todas aquelas supermodelos. Pensou que ela precisava de apoio moral, mas estava bem óbvio que Serena estava curtindo muito. Provavelmente está vibrando por ter o nome sussurrado por todos na tenda. Não ele. Claro que ele queria ser famoso – uma *estrela do rock* famosa. Não famoso por ser o cara da camiseta I LOVE AARON de Serena. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou a latinha meio vazia de cigarros naturais. Antes que conseguisse abrir a lata, um segurança colocou a mão no ombro dele.

- É proibido fumar nas tendas, senhor.

Foda-se, murmurou Aaron a meia voz. Mas ele não podia se levantar e sair enquanto Serena estivesse na passarela. Ele olhou para Blair na cadeira ao lado. Ela mordía o lábio e apertava a barriga, como se estivesse com gases ou coisa assim.

Blair queria entupir as orelhas de brincos de diamantes para bloquear o som de todos sussurrando o nome de Serena. *Que olhos! Que pernas! Que cabelo incrível!* Era

completamente nauseante, e o after-party tendia a ser uma dose extra da mesma coisa. Assim que Serena desceu a passarela marcada com PARA A CASA DA VOVÓ e saiu do palco para trocar de roupa, Blair se levantou e saiu.

- Acho que vou cair fora antes que a neve fique funda demais - anunciou a Aaron.

- É? - Aaron deu um salto. - Vou te ajudar a encontrar um táxi. - Serena não precisava dele por ali. Provavelmente, ela ficaria até cercada de admiradores durante o after-party que ele nem teria a oportunidade de vê-la. Ela não ia se importar se ele saísse de mansinho.

Do lado de fora, no Bryant Park, a neve já estava na altura do tornozelo. As estátuas de leão nos degraus da biblioteca pública pareciam ainda maiores e mais ameaçadoras cobertas de branco.

- Acho que vou pegar um trem para Scarsdale – disse Aaron, referindo-se ao subúrbio de Westchester onde ele morara com a mãe antes de decidir se mudar no último outono para a casa da nova família do pai na cidade. Ele abriu o Zippo e acendeu um cigarro natural. - Meus colegas e eu sempre nos reunimos no campo de golfe quando tem uma tempestade grande como esta. É bem divertido.

- É uma praga da porra - respondeu Blair sem interesse. Flocos gordos de neve açoitavam sua maquiagem e ela semicerrou os olhos, enfiando as mãos nos bolsos do casaco de cashmere preto Les Best enquanto procurava por um táxi.

Merda, estava congelando.

- Quer vir comigo? - propôs Aaron, embora Blair estivesse sendo uma piranha total ultimamente. Eles ainda eram meio-irmão e meia-irmã; ainda podiam tentar ser amigos. Blair deu um risinho.

- Não, obrigada. Vou ligar para o homem que conheci. Ver se ele quer se encontrar comigo em algum lugar para tomar uma bebida ou coisa assim. - Ela adorava como a palavra *homem* parecia muito mais sofisticada do que *cara*.

- Que *homem*? - perguntou Aaron desconfiado. – Não é aquele velho de Yale com quem você estava ontem à noite, é?

Blair bateu os pés para evitar que os dedos congelassem dentro dos Mary Janes Les Best totalmente-errados-para-oclima. Por que Aaron sempre tinha de agir de um jeito tão enfurecedoramente superior?

- Primeiro, posso encontrar quem eu quiser. Segundo, o que você tem com isso? E terceiro, *e daí* que seja ele? – Ela agitou a mão no ar e fez sinal com impaciência. Eram só nove horas. Onde diabos estavam todas as porras dos táxis?

Aaron deu de ombros.

- Sei lá. Só estou imaginando que ele parece um grande banqueiro de investimento que dá montes de dinheiro a Yale, e você está dando em cima do cara ou coisa assim porque quer entrar lá de qualquer jeito. O que é muito idiota, se quer minha opinião.

- Na verdade, não quero - rebateu Blair. - Mas talvez eu devesse ouvir o Sr. Aceito-Cedo-em-Harvard-Embora-Só-Tenha-Ficado-Sentado-de-Cueca-Bebendo-Cerveja- e-Fingindo-que-Tocava-numa-Banda-Legal-que-na-Verdade-É-Uma-Merda, uma vez que você obviamente sabe de tudo. - Um táxi cantou pneu e parou na esquina da rua 43 para deixar alguém. Blair correu até ele. - Não fique julgando uma coisa da qual não sabe porra nenhuma! - gritou ela para Aaron, antes de saltar no táxi e fechar a porta.

Aaron tremeu dentro da jaqueta de algodão e vergou os ombros no vento acre enquanto andava para o leste na rua 42 em direção à Grand Central Station. Seria bom sair com os

caras, para variar. As mulheres eram um pé monumental em seu saco vegetariano. Mas a gente, ah... vale bem a pena. Não é?

na better than naked

Dan tentou não ficar olhando as modelos enquanto elas chegavam à passarela durante o desfile da Better Than Naked usando somente minissaias de veludo cotelê marrom pregueadas sem nada em cima. As saias eram tão curtas que ele até podia ver as calcinhas brancas de babados que elas usavam por baixo, que por acaso eram calcinhas de menininhas da década de 1950 e estavam tão apertadas nas modelos que as nádegas explodiam para fora. Em vez de se sentar na primeira fila, onde Rusty Klein tinha conseguido enfiá-lo em uma cadeira entre Stevie Nicks e a supermoderna artista performática Vanessa Beecroft, Dan ficou nos fundos do Harrison Street Club, agarrado ao bloco de capa de couro preto, tentando manter um jeitão de escritor para o caso de Rusty Klein estar por perto, analisando-o escondido.

O desfile foi montado com uma estranha música folclórica alemã e havia palha espalhada na passarela. Menininhos de cabelos louros e curtos, tipo pajem, usando macacãozinho tipo camponês dos Alpes, levavam cabras brancas balindo em trelas de couro enquanto modelos impossivelmente altas marchavam atrás deles, os peitos nus balançando.

Bestialidade, rabiscou Dan furtivamente no bloco. As cabras cagavam em todo lugar e ele percebeu que a bainha das saias das modelos tinha sido desfiada de propósito.

Lágrimas escorriam por seus rostos em lápis azul iridescente. *Ordenhadoras arrasadas*, escreveu Dan, tentando não se sentir completamente deslocado. Que diabos ele estava fazendo em um desfile de moda, aliás?

A morena de vinte e poucos anos ao lado dele se inclinou e tentou ler o que ele estava escrevendo.

- De onde você é? - perguntou ela. - *Nylon? Time Out?* - Ela usava óculos pontudos, com incrustações de diamantes falsos, presos a uma corrente de ouro estilo velha senhora em volta do pescoço e tinha as franjas mais grossas que Dan já vira na vida. - Por que não está sentado com a imprensa?

Dan fechou o bloco antes que ela pudesse ler mais alguma coisa.

- Sou poeta- disse ele, presunçoso. - Rusty Klein me convidou.

A mulher não pareceu impressionada.

- O que você publicou ultimamente? - perguntou ela desconfiada.

Dan enfiou o bloco sob o braço e passou os dedos pelas costeletas novas. Uma das cabras tinha se soltado e saltado para fora da passarela. Quatro seguranças correram atrás dela.

- Na verdade, um de meus poemas mais recentes está na edição desta semana da *New Yorker*. Chama-se "Putas".

- Tá brincando! - disse a mulher com entusiasmo em um sussurro alto. Ela puxou sua bolsa de couro lavanda Better Than Naked para o colo e pegou o exemplar da *New Yorker*. Folheando-o, ela virou na página 42. - Você não entende. Eu li este poema ao telefone para *todas* as minhas amigas. Não acredito que foi você que escreveu.

Dan não sabia o que dizer. Este era o primeiro encontro com uma fã de verdade e ele se sentia ao mesmo tempo constrangido e emocionado.

- Fico feliz que tenha gostado - respondeu ele com modéstia.

- Gostado? - repetiu a mulher. - Ele mudou minha vida! Se importaria de autografar para mim? - perguntou ela, enfiando a revista no colo dele.

Dan deu de ombros e pegou a caneta. *Daniel Humphrey*, escreveu ele ao lado do poema, mas a assinatura parecia meio simples e impessoal, então ele acrescentou um pequeno floreio cheio de curvas abaixo dela. Ele tinha escrito sobre algumas linhas do conto de Gabriel Garcia Rhodes, o que pareceu meio que um sacrilégio, mas quem ligava para isso, quando ele tinha dado seu primeiro autógrafo? Ele era famoso - um escritor verdadeiro, autêntico!

- *Muito, muito* obrigada - disse a mulher, pegando a revista de volta. Ela apontou para o bloco dele. - Agora pode continuar escrevendo - sussurrou ela de uma forma reverente.

- Me desculpe se o incomodei.

A música folclórica alemã se metamorfoseou em ópera e os menininhos saíram da passarela levando as cabras. As modelos flutuaram usando capas de lã pretas e longas, botas de camurça azul de cano alto e toucas de pena de avestruz. Pareciam personagens de *O senhor dos anéis*.

Dan abriu o bloco e começou a escrever. *Bruxas boas e más*, rabiscou ele. *Lobos famintos à caça*. Ele mordeu a ponta da caneta e acrescentou: *Queria poder fumar a porra de um cigarro*.

v banca a afetada

Para comparecer ao desfile da Cult of Humanity by Jedediah Angel na Highway 1, em Chelsea, Vanessa rompeu com sua tradicional vestimenta exclusivamente preta e pegou emprestado com Ruby o top vermelho de gola alta com mangas três quartos. Foi o mesmo top que ela usou uma vez e recebeu um monte de cumprimentos por ele, provavelmente porque era tão baixo que revelava o decote macio e branco e entrevia um pouco o sutiã de renda. Vanessa chegou tarde porque a irmã insistiu em que ela pegasse um táxi, e é claro que o táxi entalou na neve perto da Union Square. Enquanto o motorista gritava com o reboque pelo celular com a Lite FM berrando dos alto-falantes, Vanessa largou o táxi. Quando ela finalmente conseguiu chegar ao clube, as orelhas tinham congelado e ela parecia um boneco de neve ambulante. O desfile já havia começado e Vanessa tinha certeza de que a mandariam voltar da imensa porta de garagem que servia de entrada, mas, quando deu o nome à garota da porta, um segurança com uma lanterna já havia sido designado para acompanhá-la pessoalmente até seu lugar no meio da primeira fila. Na cadeira tinha um cartão preso com uma fita adesiva e o nome de CHRISTINA RICCI cortado em marcador preto e VANESSA ABRAMS escrito no lugar dele. Vanessa nunca se sentira tão especial.

O salão estava escuro, exceto por velas acesas de trinta centímetros alinhadas nos dois lados da passarela. Modelos vestidas em trajes de marinheiro azul-marinho acima dos joelhos, com debrum branco e botões dourados nas lapelas, seguravam buzinas de nevoeiro nos lábios enquanto o som de uma tempestade terrível no mar explodia dos alto-falantes. A parede branca atrás da passarela estava iluminada com um só spot, e na parede era projetado o filme sobre Nova York que Vanessa mandara à NYU. O filme era em preto-e-branco e adquirira um ar de década de 1940 com os trajes de marinheiro das modelos. E, embora todos parecessem estar levando toda a coisa

da falsa moda-no-mar muito a sério, Vanessa tinha de admitir que era muito legal ver seu filme ali iluminando tudo.

A mulher magra como um waffle ao lado dela abriu o PalmPilot e digitou *Fundo brilhante* com uma unha comprida pintada de vermelho. Estava usando um crachá com a palavra *vogue* no suéter de cashemere cor de camelo e o cabelo castanho era curto, com um trecho de mechas grossas com luzes bronzeadas. Ela continuou a digitar. *Nota:*

Perguntar a Jed de onde veio o filme.

Vanessa pensou em cutucá-la delicadamente e dizer "Eu o fiz", mas concluiu que seria mais divertido ficar quieta e ver o que acontecia. Talvez alguém detestasse o filme e fizesse uma careta para ele, e aí Vanessa ficaria conhecida como a cineasta infame cujo retrato amargamente honesto de Nova York tinha sido uma verdadeira ducha de água fria na Fashion Week. Ela se perguntou como Dan estava se saindo no desfile da Better Than Naked. Imaginou-o pedindo fogo à nova supermodelo brasileira - Anike, ou seja lá qual for o nome – sem saber quem ela era. Era isso que Vanessa mais amava em Dan, a inocência divina dele.

O filme chegou a parte em que ela filmou dois velhos usando jaquetas de lã quadriculadas de vermelho e preto e gorros de la pretos jogando xadrez no Washington Square Park. A cabeça de um cara balançou sobre o peito, o cigarro aceso pendurado precariamente no lábio inferior tombado enquanto ele começava a dormir. A outro cara estalou os dedos para se certificar de que o parceiro estava dormindo antes de mover as peças do xadrez e cutucar o amigo adormecido para acordá-lo novamente.

Dentro da Highway 1, os sons de uma tempestade desapareceram aos poucos e começaram a tocar uma música turbulenta de uma big-band. Um barco gigantesco de cartolina foi arrastado até o palco por modelos masculinos puxando cordas brancas e grossas e usando simples cuecas azul-marinho. O barco parou e a prancha foi abaixada. Saíram as modelos, duas de cada vez - devia haver umas cem delas, e como e que todas couberam no barco? -, todas vestidas de conjuntos de calcinha e sutiã de cetim azul-marinho, com meias arrastão brancas acima dos joelhos, luvas brancas até o cotovelo e botas de camurça brancas acima dos joelhos. Depois de descer da prancha com uma eficiência militar, elas começaram uma complicada dança ue parecia um cruzamento entre controle de tráfego aéreo e balé aquático. De repente a elegante fila de modelos gesticulantes se dividiu, revelando um dândi de cabelos ruivos e crespos na altura dos ombros, usando um terno branco de três peças, levando uma bengala de ouro incrustada de jóias, e *sapateando*.

É sério.

Balançando os cachos ruivos, ele sapateou até o fim da passarela, parou a um milímetro de cair e começou a aplaudir o público. Atrás dele as modelos pararam sobre uma perna só com o outro joelho erguido no alto, tipo flamingos, aplaudindo também. Depois a musica parou e o público explodiu.

O cabeça-ruiva tinha de ser Jedediah Angel, concluiu Vanessa, e ele estava parado diretamente diante dela. Ele fez uma medida profunda, parecendo um pouco com o Mágico de Oz no terno branco apertado. De repente ele apontou para ela e começou a uivar e aplaudir, gesticulando para ela se levantar. Vanessa sacudiu a cabeça, alarmada, mas Jedediah Angel continuou acenando para ela.

- Levanta, gata! *Levanta!*

A multidão estava enlouquecendo agora. Eles sequer sabiam quem era Vanessa, mas se Jedediah Angel queria cumprimentá-la, ela devia ser *alguém*. Cedendo, Vanessa se levantou, o rosto ardendo de constrangimento e os ombros tremendo, dando uma risadinha nervosa pouco característica enquanto inclinava a cabeça para agradecer aos aplausos.

Ela já podia ouvir Ken Mogul sussurrando no ouvido dela: "Acostume-se com isso, gata, você vai abalar o mundo!" E embora fosse *meio* legal ter tanta gente agindo como se a adorasse, ela mal podia esperar para trocar histórias com Dan sobre a farsa que era aquilo tudo.

A não ser, é claro, que ele já tivesse fugido para o sul da França com uma supermodelo brasileira gostosona de 19 anos.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

DEIXA NEVAR!

Tem 35 centímetros de *neve* no chão até agora e aqui estou eu, presa pela *neve* no after party mais exclusivo e mais quente da Fashion Week, com meu estilista de moda preferido, centenas de modelos lindas e atores deliciosos, os mais sagazes editores de *revistas* de moda e cinco dos fotógrafos de moda mais *vanguardistas*. Sinceramente, não ligo se toda a cidade parar por causa da *neve*. Eu não quero ir embora!

Flagra

B esperando pelo encontro no canto daquele barzinho romântico no novo hotel da Perry Street. *S* dando autógrafos no after party da **Les Best** na **Crème** da 43. *C* na mesma festa, cercada por modelos homens mais novos, também dando autógrafos - quem ele pensa que é? *N* acompanhando nossa herdeira *favorita* de Connecticut para a mansão no Greenwich na limo dela. *J* e a nova amiga enfrentando a neve para apanhar seus prêmios na Blockbuster e na Hunan Wok da Broadway perto da casa de **J** - parece uma festinha. *D* sendo enxameado por modelos no after party da **Better Than Naked** no **Harrison Street Club**. Estariam só filando cigarro ou realmente leram o poema dele? *V* no after party de **Jedediah Angel** na **Highway 1**, fingindo dar mole pra todo mundo daquele jeito deliciosamente banal dela.

Só espero que todos estejam no mesmo êxtase que eu, presos onde estão até que o tempo melhore. Lembre-se, nada pode te aquecer mais rápido do que o corpo quente de outra pessoa.

Epa, alguém está tirando minha foto para o caderno Style desse fim de semana, e meus lábios estão precisando seriamente de um brilho. Fui!

Para você que me ama,
gossip girl

exatamente como naquela cena de titanic

- Mas como é que Dan não convidou você? – perguntou Elise enquanto passava um rolinho em uma poça de molho de soja.

Para enfrentar a tempestade de neve, Elise e Jenny tinham feito um banquete de comida chinesa e Oreos e pegaram vídeos de que nunca ouviram falar, uma vez que todo mundo pegou filmes na Blockbuster. Agora estavam vendo a cobertura da Fashion Week de Nova York no Metro Channel na sala de estar do apartamento enorme e arruinado de Jenny no Upper West Side. Estranhamente, a câmera tinha dado uma panorâmica sobre o público do desfile da Better Than Naked, dando um zoom em Dan por um segundo enquanto ele rabiscava furiosamente em seu bloco preto idiota.

- Porque sou a irmã mais nova dele - respondeu Jenny, surpresa de ter realmente acabado de ver a cara doentia e de costeletas de Dan na TV: Ela sabia que Dan tinha ido ao desfile, mas nem se incomodou em perguntar a ele se podia acompanhá-lo. Ele estava tão obcecado em ser o Sr. Sou-o-Keats-do-Futuro que mal percebia a existência de qualquer pessoa.

A câmera mudou para a tenda da Les Best no Bryant Park, onde Serena van der Woodsen andava pomposa na passarela usando uma camisetinha branca decepada estampada com I LOVE AARON, a saia do uniforme cinza da Constance Billard School, uma capa vermelha de lã e botas Les Best na altura dos tornozelos. Devia ser uma versão sensual da Chapeuzinho Vermelho ou coisa parecida.

Até parece que alguém chega a *pagar* por um uniforme escolar.

- Ei, não é aquela nossa líder do grupo de discussão? Serena van der Woodsen? - apontou Elise.

Jenny enfiou um Oreo inteiro na boca e assentiu, as bochechas estufadas. Era mesmo Serena. Perfeita como sempre.

- Rápido, muda de canal! Não posso comer de jeito nenhum enquanto olho essas pernas - guinchou Elise, atirando uma almofada de veludo cheia de contas na televisão.

Jenny deu uma risadinha e desligou a TV pegou a caneca I LOVE NY com Coca-Cola, olhando atentamente para o banquete espalhado no baú que servia de mesa de centro. O apartamento era tão imundo que ela se preocupou que em algum momento uma barata nojenta do tamanho de uma lagosta caísse do forro esfarelado do teto diretamente em seu macarrão frio. Ela percebeu que Elise ainda não tinha comido absolutamente nada.

Não tem problemas em comer na minha frente, tem? - Jenny pegou dois hashis e revirou o recipiente de papel do macarrão. - Prometo que nem olho pra você.

Elise pegou um rolinho com os dedos e o mordeu até a metade.

- Isso é só no almoço da escola - disse ela com a boca cheia. - Não consigo comer com todas aquelas garotas magrelas olhando pra minha gordura.

- Você não é gorda - retrucou Jenny, embora ficar ao lado de Elise lhe desse um apetite danado, porque ela se sentia comparativamente muito magra. Ainda assim, era meio que

um alívio ver que Elise não tinha nenhum distúrbio alimentar de verdade, só era insegura. Esse era o problema de ter uma amiga nova - a gente nunca tem certeza se a *conhece* totalmente ou não.

- Você pintou isso? - perguntou Elise, apontando para o retrato a óleo que Jenny tinha feito do pai, pendurado sobre o consolo da lareira. Rufus usava a camiseta branca com gola em V, um cigarro queimando e não se barbeava há dias. Os cabelos grisalhos crespos apontavam para todo lado e os olhos castanho-claros estavam acesos de excitação induzida por cafeína e de tomar ácido demais na década de 1960. Era um retrato bem fiel.

- Sim. - Jenny pegou mais macarrão com os hashis. Não pintava nada desde os retratos que tinha feito de Nate em dezembro. Fez o rosto dele em cada estilo que estudou. Havia o Nate de Picasso, o Nate de Monet, o Nate de DaH, o Nate de Warhol e o Nate de Pollock. Mas, quando Nate a magoou, ela os queimou todos em uma lixeira de metal na rua 99 Leste. Tinha sido um momento de catarse - seu amor transformado em cinzas. Na verdade, agora que pensava no assunto, Jenny devia ter guardado as cinzas e feito alguma coisa com elas - um auto-retrato ou uma marinha calmante -, mas agora era tarde demais. Elise pegou outro rolinho.

- Você vai me pintar? - perguntou ela.

Jenny olhou para a janela suja da sala de estar. A neve era tão espessa que parecia que alguém estava explodindo travesseiros gigantes no céu.

- Claro - disse ela, levantando-se para pegar as tintas. Não tinha nada melhor para fazer mesmo.

- Legal! - Elise atirou os restos do rolinho no recipiente e desabotoou o jeans Seven apertado demais. Depois tirou a blusa rosa de gola rulê Gap pela cabeça, o sutiã saindo junto. Quando Jenny voltou com uma tela branca nova e a paleta de tintas a óleo, Elise estava esparramada no sofá, os cabelos louros caindo sobre os ombros sardentos, completamente nua.

- O que é que você está fazendo? - perguntou Jenny, aturdida.

Elise esticou os braços por sobre a cabeça e apoiou a cabeça nas almofadas.

- Eu sempre quis posar nua - disse ela. - Sabe como é, tipo naquela cena do filme *Titanic*. Jenny se sentou de pernas cruzadas no chão diante dela e molhou o pincel.

- Você é que sabe - assinalou ela, fazendo uma careta para o modelo ansioso e voluptuoso.

Talvez a nova amiga fosse menos insegura do que ela pensava. E muito mais doida também.

quanto mais quente melhor

Blair estava sentada à mesa do canto no bar do térreo do Red , o novo hotel romântico e aconchegante da Perry Street, bebendo Absolut e tônica e tentando não ver a cobertura da Fashion Week no Metro Channel. Parecia que sempre que ela olhava eles estavam mostrando uma cena de Serena se pavoneando na passarela do desfile da Les Best usando o uniforme da escola e aquela camiseta I LOVE AARON idiota. Até no bar ela podia ouvir as pessoas murmurando "Quem é ela?" e "Quem é Aaron?". Foi o bastante para que Blair se virasse diretamente para a parede revestida de veludo vermelho.

- Desta vez eu estou com minha gravata de Yale - anunciou Owen com um sorriso tímido enquanto transpunha a porta usando um impermeável castanho Burberry e um chapéu de

lã preto que o deixavam ainda mais másculo e arrojado do que quando ela o conheceu. Ele se sentou no banco forrado de veludo vermelho ao lado de Blair e a beijou no rosto. O rosto dele estava úmido e frio da tempestade, e essa sensação fez com que todo o corpo de Blair formigasse.

- Oi, linda.

Imediatamente Blair esqueceu tudo sobre Serena. Estava com um homem mais velho e sexy que a chamou de "linda". *Bem ali.*

- Oi. - Ela girou o anelzinho de rubi no dedo. – Desculpe se arrastei você para cá numa noite como esta. Eu só estava... *entediada.*

A garçonete apareceu e Owen pediu um martíni Bombay Sapphire. Puxou um maço de Marlboro Lights do bolso, pôs dois cigarros na boca, acendeu-os e passou um para Blair. As sobranceiras pretas dele se arquearam de preocupação enquanto ele a olhava com os olhos azuis brilhantes e penetrantes.

- Não se meteu em nenhuma encrenca, não é?

Encrenca? Blair deu uma tragada no cigarro e pensou na resposta que daria. Se pudesse chamar de encrenca ter uma queda por seu entrevistador mais velho e casado, então sim, ela estava numa encrenca terrível.

- Talvez - respondeu ela tímida. - E você?

A garçonete trouxe o martíni de Owen. Ele comeu a azeitona verde que flutuava na bebida e enxugou a boca num guardanapo. Um vestígio de barba cobria o queixo bem-definido.

- Eu estava numa reunião no café da manhã hoje, comendo Cheerios com outros cinco advogados, e pensava em você - admitiu ele.

Blair passou a unha no joelho com meia arrastão.

- É mesmo? - perguntou ela, desejando de imediato que sua voz não parecesse tão ansiosa e cheia de esperança.

Owen levou a taça aos lábios, os olhos azuis ardendo.

É. Fiquei atolado a semana toda, mas prometo que vou mandar o relatório aos caras de Yale pra ontem.

- Ah - respondeu Blair decepcionada. Ela girou o canudinho do coquetel na bebida. Pelo menos uma vez não estava pensando em Yale. Estar com Owen fazia com que Blair se sentisse *além* de Yale. Ela era a "linda" dele, a estrela do show dele. Ou talvez só estivesse se iludindo.

Olhando pela vidraça atrás deles, Blair mal podia ver os carros estacionados na rua. Eram só uma massa branca, como grandes elefantes mudos dormindo. Podia sentir Owen observando-a enquanto ela fumava o cigarro e soprava uma nuvem de fumaça cinza no ar acima da cabeça dos dois. Ele tinha pedido para vê-la novamente, não tinha? E ele não teria feito isso se não estivesse atraído por ela. Ele só estava nervoso, é isso. Dentro da cabeça de Blair, as câmeras estavam começando a rodar. Ela era *a femme fatale* seduzindo o elegante e bom advogado mais velho. Yale era a última coisa de que queria falar agora.

Ela deu outra tragada no cigarro e o apagou no cinzeiro de cromo no meio da mesa.

- Quase fui para a cadeia uma vez - anunciou ela, tentando parecer intrigante.

Isso não era bem a verdade. Alguns meses antes, ela roubou um pijama de cashmere do departamento masculino da Barneys para dar a Nate como presente surpresa quando eles

estavam com problemas. Mas, quando eles terminaram, Serena convenceu Blair a devolver o pijama. Ela não chegou a ser apanhada .

Owen deu uma risadinha e pegou o drinque. Usava abotoaduras de ouro com um Yazul estampado para combinar com a gravata azul e dourada de Yale.

- Olha, você é exatamente o tipo de garota de que Yale precisa.

- E sou virgem - deixou escapar Blair, agitando os cílios com o despropósito de sua observação. Que estranho. Embora Owen fosse extremamente arrojado e ela realmente quisesse ver o que ia sentir beijando-o, Blair tinha um pouco de medo do que estava fazendo.

- Tenho certeza de que Yale precisa mais disso também. - Owen riu. Ele cruzou e descruzou as pernas e Blair pode ver que o deixava nervoso, o que não era a intenção dela.

Ela estendeu a mão sobre a mesa e colocou os dedos pequenos e trêmulos em cima da mão quente bronzeada dele.

- Não me importo se você me beijar - murmurou ela numa voz baixa e sussurrada que parecia exatamente Marilyn Monroe em *Quanto mais quente melhor*.

Owen baixou a bebida.

- Vem cá - disse ele ríspidamente, passando o braço livre em volta dela e puxando-a para ele.

O queixo dele era áspero e arranhou o rosto de Blair quando eles se beijaram, mas ela nunca foi beijada com tanta perícia e poder em toda a vida. Além disso, ele cheirava um pouquinho a Eau d'Orange Verte, de Hermes, que era a colônia masculina preferida dela. Blair pensou ter sido tomada pela culpa no momento que seus lábios se encontraram. *Ele é amigo do papai*, lembrou-se ela. *Ele é velho*. Mas Owen beijava tão bem, agora que tinham começado, que ela não ia fazê-lo parar.

s não consegue encontrar o namorado, mas e daí?

- Eu disse que ela era a dona do melhor traseiro do ramo disse um dos estilistas da Les Best a um fotógrafo da revista *W*. - Aquela bunda moleca, de quadris finos. Como se ela pudesse escorregar para dentro do jeans sujo e velho do namorado e deixá-lo novo e sensual.

Serena sacudiu a adorável cabeça loura em protesto e deu uma tragada no American Spirit.

- Meu namorado nunca usa jeans. Ele acha que são superestimados. Ele usa aquelas calças militares verdes de lona. Sabe qual é, as verdadeiras, das lojas de excedente do exército? - Ela olhou pelo after party fumacento e lotado que estava a todo vapor na Crème, um novo go-go club na rua 43, mas não via Aaron em lugar algum. Ele não foi aos bastidores do desfile, então ela deduziu que o encontraria ali.

- E seu namorado se chama Aaron, por acaso? - perguntou o estilista. Ele deu uma risadinha e apontou para a camiseta dela. - Você devia deixar Les fazer toda uma linha dessas. Todo mundo ia aderir totalmente... ia ser uma loucura!

- Dá pra recuar um pouquinho pra eu tirar uma foto dela? - perguntou o fotógrafo ao estilista.

- E pode autografar essa polaróide para minha coleção, Serena? - perguntou um homem mais velho, usando calça de couro apertada com um cabelo curtinho e branco.

- Pra mim também! - ecoou outra voz.

Serena suspendeu o jeans Les Best azul-bebê apertado nos quadris que fora cortesia da casa e apontou para o logo I LOVE AARON impresso na frente da camiseta enquanto dava um sorriso forçado para a câmera.

- Aposto que, se fizer um leilão dessa camiseta agora, vai vender por uns mil dólares - brincou o fotógrafo enquanto batia a foto. - Mas é claro que você não vai se separar dela. Serena deu outra tragada no cigarro enquanto o grupo esperava pela resposta. A camiseta era bonitinha, mas foi na verdade uma coisa impulsiva que ela fez porque pensou que Aaron acharia divertido e faria com que ele aparecesse em um desfile de moda em uma quinta à noite, a noite deles. Ela era o tipo de garota impulsiva, e era exatamente por isso que a idéia de um leilão pareceu tão atraente. Ela podia doar o dinheiro, a uma boa causa, como a Little Hearts, a organização filantrópica para crianças que devia arrecadar dinheiro na festa do Dia dos Namorados.

- Vamos nessa! - Ela riu levemente.

O grupo de admiradores gritou de deleite e seguiu Serena até o bar como ratinhos adoradores atrás do Flautista de Hamelin.

- Quem quer comprar uma camiseta? - gritou Serena, pulando no balcão do bar, desfilando de um lado para outro como se estivesse novamente na passarela.

E claro que só alguém tão linda como Serena podia escapar impune de uma dessas. o DJ aderiu à brincadeira e colocou um velho clássico de Madonna, *vogue*, aumentando o volume ao Máximo. Serena sacudiu o prêmio e estufou o peito - era totalmente pela diversão - enquanto cada par de olhos no clube se virava para ver.

- Quinhentos dólares! - gritou alguém.

- Ninguém mais? - Serena censurou a multidão fascinada. - É por uma boa causa.

- Setecentos!

- Oitocentos!

Serena parou de dançar, revirou os olhos e tirou o maço de cigarros do bolso, como quem diz: "A avareza de vocês me entedia." A multidão riu e uns 15 isqueiros foram oferecidos a ela. Ela se inclinou para pegar o isqueiro de um cara de sorte que usava um colete de pele e depois desfilou novamente, sacudindo os quadris para a música e fumando enquanto esperava por um lance mais alto.

- Mil dólares! - gritou o cara do colete de pele. Tinha se aproximado de Serena o bastante para saber que valia a pena.

Serena atirou os braços no ar e uivou alto, desafiando alguém a aumentar ainda mais o lance. Embora odiasse admitir, ela não se importava que Aaron não tivesse aparecido. Podia amá-lo, mas estava se divertindo pra caramba sem ele.

o romance dos chapados

- A gente pode pedir ao mordomo pra tirar a roupa e tocar piano pra gente - disse Georgie a Nate. - Ele faz tudo o que eu disser.

Quando a terapia de grupo terminou, e era hora dos pacientes de ambulatório irem para casa, a tempestade já estava tão ruim que Nate não conseguiu um carro para levá-lo a estação, então Georgie ofereceu-se para lhe dar uma carona. Depois, quando chegaram a estação, os trens não estavam operando, então a sempre obsequiosa Georgie levou Nate para a casa dela no Range Rover preto dirigido pelo segurança. Agora eles estavam

sentados no chão do enorme e luxuoso quarto de Georgie, ficando chapados enquanto assistiam a neve se acumular na clarabóia acima da cabeça deles.

A casa do Upper West Side de Nate tinha aumentado, passando a ter quatro andares, elevador próprio e um cozinheiro 24 horas. Mas a mansão de Georgie em Greenwich, Connecticut, tinha uma coisa que a casa da família dele não tinha - grandes espaços internos e hectares de terra em volta da casa. Era como uma cidade dentro de si mesma, e Georgie tinha o próprio distrito privativo onde podia fazer absolutamente o que quisesse enquanto sua antiga babá inglesa ficava na cama vendo a BBC America e os outros criados cumpriam as tarefas nos outros burgos. O banheiro de Georgie tinha até um divã romano para descansar enquanto ela esperava que a Jacuzzi de mármore de três metros e meio enchesse.

- Ou a gente pode fazer um sexo louco e barulhento na escada - acrescentou Georgie. - Isso ia deixar os empregados totalmente malucos.

Nate apoiou a cabeça no pé da cama king size de baldaquino de Georgie e pôs o baseado que estavam dividindo nos lábios.

- Vamos ver a neve cair por um tempinho.

Georgie girou o corpo para ficar de costas, apoiando a cabeça na perna da calça azul-marinho Cult of Humanity de Nate.

- Meu Deus, você é parádo. Não estou acostumada a sair com alguém tão parádo.

- Como é que são os seus amigos? - perguntou Nate, puxando o baseado. A erva parecia ter um gosto e um efeito melhores, agora que ele tinha passado um tempo sem ela.

- Não tenho mais amigos - respondeu Georgie. - Todos eles meio que desistiram de mim porque sou muito doída.

Nate pôs a mão na cabeça dela e começou a afagar os cabelos. Georgie tinha cabelos incrivelmente macios e exuberantes.

- Eu saía muito com aqueles três caras da minha turma na escola - disse ele, referindo-se a Jeremy, Anthony e Charlie. - Mas fiquei uns dias sem ficar chapado e não queria realmente sair com eles, sabe?

- Isso é o que Jackie chama de "amizade negativa". Uma "amizade positiva" e quando você faz coisas divertidas e construtivas com os amigos, como bater bolo, fazer colagens e subir montanhas.

- Eu sou seu amigo - propôs Nate baixinho.

Georgie esfregou a nuca na perna dele.

- Eu sei. - Ela riu, o peito não tão pequeno subindo e descendo dentro da camiseta branca apertada. - Quer bater uns bolos?

Nate ergueu uma mecha do cabelo dela no ar e depois deixou cair, fio por fio, de volta ao colo. Blair tinha cabelo comprido também, mas não era do liso nem do sedoso como o de Georgie. Era engraçado como as garotas podiam ser tão diferentes.

- Posso te beijar? - perguntou ele, sem realmente pretender ser tão formal.

- Tá legal- sussurrou Georgie.

Nate se inclinou e passou os lábios na ponta do nariz de Georgie, no queixo dela e finalmente chegou aos lábios. Ela o beijou ansiosamente e depois se afastou e se sentou apoiada nos cotovelos.

- Isso é o que Jackie chama de "alimentar seus anseios". Você está fazendo uma coisa que parece temporariamente boa em vez de "curar as feridas".

Nate deu de ombros.

- Por que é temporário? - Ele apontou para a clarabóia, que estava completamente tomada pela neve. - Não vou a lugar nenhum.

Georgie puxou os pés para baixo do corpo e se levantou. Sumiu no banheiro e Nate pode ouvir uma porta de armário se abrindo, sons de frascos de comprimidos chocalhando e água correndo. Depois ela apareceu, escovando os dentes, os olhos castanho-claros brilhando como se tivesse acabado de ter uma manifestação divina, ou pelo menos uma boa idéia.

- Tem uma carruagem velha no sótão. A gente pode subir lá e ficar sentado - anunciou ela com a boca cheia de pasta de dente. Voltou ao banheiro para cuspir e depois apareceu novamente, estendendo a mão branca a Nate. -Você vem?

Nate se levantou e pegou a mão de Georgie. O corpo dele estava zumbindo da maconha e da suavidade intensa da pele dela. Só o que ele queria mesmo era beijá-la mais.

- Posso "alimentar meus anseios" quando a gente estiver lá em cima? - perguntou ele, sentindo-se bem chapado.

Georgie ergueu uma sobrancelha fina e escura para ele e lambeu os lábios vermelho-escuros.

- Eu posso até deixar você "curar minhas feridas".

Nate deu sua risadinha torta de chapado. Quem diria que a bobajada psi da reabilitação pudesse ser tão excitante!

nosso corpo, nós mesmos

- Minha mão está ficando cansada - reclamou Jenny para Elise depois de ter pintado a cabeça e o pescoço dela. - Vou fazer o resto amanhã.

- Deixa eu ver-pedi Elise, sentando-se. Seu peito era tão pequeno que Jenny não conseguiu deixar de olhar para ele. Os peitos dela eram como aquelas batatinhas que o pai cultivou quando eles alugaram uma casa na Pensilvania num verão. Pequenos, duros e bege-rosado. - Ficou bom - disse Elise, semicerrando os olhos para a tela. - Mas por que fez meu rosto verde?

Jenny odiava quando as pessoas faziam perguntas sobre sua arte. Ela não sabia porque fazia o que fazia, simplesmente fazia. E o pai dela sempre dizia: "O artista não tem de responder a ninguém, exceto a si mesmo." Ou a *ela* mesma, neste caso.

- Porque eu estava num humor verde - respondeu ela irritada.

- Bem, verde é minha cor favorita - respondeu Elise alegremente. Ela vestiu a blusa e a calcinha, mas deixou o jeans o sutiã no chão. - Ai, meu Deus. Eu também tenho esse livro! - gritou ela, apontando para uma brochura pesada e grossa na estante atrás da TV. Ela foi até a estante e pegou o livro. - Mas o seu é tão novo. Já leu?

Jenny mordeu a ponta de um Oreo e leu o título na lombada do livro. *Este é meu corpo – edição para mulheres.*

- Meu pai comprou pra mim no ano passado. Acho que ele deve ter pensado que, se eu o lesse, ele não teria de me explicar nada sobre sexo ... Eu podia simplesmente olhar esta coisa constrangedora.

- Mas você já deu uma olhada nele? Uma parte é realmente *ilustrativa*.

Jenny não tinha idéia. Havia colocado o livro na estante atrás da TV ao acaso com outros livros que o pai lhe dera e ela não pretendia ler nunca, tipo *Espaço para respirar: um*

guia budista para uma vida criativa, as sete segredos de Mao: as mulheres por trás do presidente Mao e A descoberta do dragão interior: qual é a sua arte?

- Tipo, ilustrativo de que jeito? - perguntou Jenny, intrigada.

Elise levou o livro para o sofá de couro puído e se sentou, cruzando as pernas compridas e nuas teatralmente.

- Vou te mostrar.

Ela abriu o livro e Jenny se sentou ao lado dela e se inclinou para ver.

A primeira coisa que Elise mostrou foi um diagrama detalhado de uma mulher de quatro inclinada sobre um homem deitado de costas. O livro tinha sido escrito na década de 1970 e o texto já fora atualizado, mas o diagrama não. O homem tinha cabelos nos ombros, uma barba densa e usava um colar de contas. O pênis dele estava ereto e parecia estar na boca da mulher. As duas meninas romperam em risadinhas.

Uia!

- Eu te disse - falou Elise, satisfeita consigo mesma por abrir exatamente naquela pérola.

- Nem acredito que nunca vi nada disso – exclamou Jenny. Ela tomou o livro de Elise e passou as páginas. - Ah, meu Deus! - Ela arfou quando viu um diagrama do mesmo casal em outra posição. A mulher ainda estava com o pênis do cara cabeludo na boca, só que desta vez ela estava deitada ao lado dele com o pé na cabeça dele e as pernas abertas para que ele pudesse fazer a mesma coisa com *ela*. Jenny nem sabia o nome *daquilo*. - Achei que era só um livro chato sobre ficar menstruada e essas coisas. Mas é, tipo assim, um livro de verdade sobre *sexo* para *mulheres*.

- Acho que tem um para adolescente também, que é totalmente chato, mas minha mãe me deu esse por engano. Eu nem acreditei quando comecei a ler!

As duas meninas ficaram absortas nas páginas até que deram com uma seção chamada Relacionamentos do Mesmo Sexo.

- Que nem a Srta. Crumb – observou Jenny, lendo. A introdução era longa e começava com a frase "Seus sentimentos são genuínos e não devem ser ignorados...". Do lado de fora, ela podia ouvir o rangido de um limpa-neve que passava. Ela olhou para cima para ver a neve caindo constantemente através da janela encardida da sala de estar.

- Ei. Quer experimentar? - perguntou Elise.

Jenny voltou ao livro.

- O quê?

- Beijar - respondeu Elise no que mal conseguia ser um sussurro.

Seus sentimentos são genuínos e não devem ser ignorados.

Sim, mas Jenny não tinha nenhum sentimento por Elise. Gostava dela e tudo isso, mas não se sentia *atraída* por ela. Ainda assim, beijar uma garota parecia excitante. Era uma coisa que ela nunca fizera antes e, se ela se sentisse desconfortável, podia fingir estar beijando aquele cara alto e louro que ela vira na Bendel's.

Ela fechou o livro e cruzou as mãos no colo. Seu rosto estava a apenas centímetros do rosto de Elise.

- Tá legal, vamos nessa. - Era só uma experiência, uma coisa nova para tentar em uma noite entediante e cheia de neve.

Elise se inclinou para a frente e pôs a mão no braço de Jenny. Depois fechou os olhos e Jenny também fez o mesmo. Elise apertou os lábios na boca bem fechada de Jenny. Não era exatamente um beijo - era *seco* demais. Mais parecia um cutucão ou coisa assim.

Elise puxou a cabeça para trás e as duas meninas abriram os olhos.

- O livro diz para relaxar e desfrutar, especialmente quando é a primeira vez.

Como é que é? Ela, tipo assim, decorou o livro?

Jenny puxou o cabelo crespo no alto da cabeça e deixou sair uma longa expiração pelo nariz. Não sabia por que estava tão nervosa, mas preferia que Elise ainda estivesse vestida.

- Você se importa de colocar o jeans de novo? – perguntou ela. - Acho que eu podia, sei lá, relaxar mais se você estivesse, tipo assim, vestida.

Elise deu um salto e pegou o jeans.

- Olha, assim tá melhor? - perguntou ela, deixando-o desabotoado enquanto se sentava no sofá.

- Tudo bem. Vamos tentar de novo - respondeu Jenny, animando-se novamente. Ela fechou os olhos e passou as mãos sob o cabelo de Elise e no pescoço dela, tentando ser menos pudica com aquilo tudo.

Afinal, ela era uma artista, e os artistas faziam todo tipo de maluquice.

o keats do futuro conhece a musa do futuro

Depois do desfile da Better Than Naked, as velas enfileiradas na passarela foram retiradas e luzes estroboscópicas vermelhas e azuis pipocaram nas paredes de veludo preto. A DJ Sassy explodiu com uma batida house francesa e o Harrison Street Club se transformou em uma discoteca européia da década de 1970 cheia de modelos seminuas de cinquenta quilos bebendo champanha Cristal direto da garrafa.

Dan ficou sozinho no bar, bebericando o coquetel de Red-Bull-com-sei-lá-o-quê. Tinha gosto de aspirina infantil e ele só estava bebendo porque o bartender prometera a ele que era cheio de cafeína e um troço chamado taurina, garantida para manter um cara hiperacordado a noite toda.

De repente ele percebeu uma mulher violentamente alta usando uma peruca bufante vermelha e flamejante – *tinha* de ser uma peruca - com batom rosa-néon e *enormes* óculos de sol de aro de tartaruga parada no meio da sala apinhada com as mãos em volta da boca.

- Daniel Humphrey? Chamando Daniel Humphrey! - guinchava ela.

Era Rusty Klein.

Dan tombou a cabeça para trás e virou a bebida, piscando enquanto a cafeína e o sei-lá-o-quê da bebida batiam no cérebro de uma tacada só. Ele cambaleou para a mulher, o coração batendo ainda mais rápido do que a música.

- Eu sou o Dan - grasnou ele.

- *Olha só você!* Nosso novo *poeta!* Você é *adorável!* *Perfeito!* - Rusty Klein empurrou os enormes óculos de sol para o alto da cabeça e sacudiu as imensas pulseiras de ouro que cobriam os pulsos ossudos e compridos enquanto pegava Dan e lhe dava dois beijos no rosto. O perfume dela era oleoso e ácido como um atum. - Eu te amo, querido – ronronou ela, apertando Dan.

Dan se encolheu, desacostumado de ser tratado daquele jeito por uma pessoa que ele estava conhecendo. Não esperava que Rusty Klein fosse tão *assustadora*. As sobrancelhas dela tinham sido pintadas para combinar com a peruca dela estava vestida como um espadachim, com um casaco apertado de manga bufante de veludo preto Better

Than Naked e calças de toureiro em veludo preto combinando. Um cordão de pérolas pretas estava em seu colo ossudo e branco.

- Andei tentando escrever mais poemas – gaguejou Dan. - Sabe como é, para meu livro.
- Maravilhoso! - gritou Rusty Klein, atirando os lábios para ele de novo e provavelmente espalhando batom rosa-claro em toda a cara de Dan. - Vamos almoçar um dia desses na semana que vem.

- Hmmm, tenho aula na semana que vem todo dia, mas vou ficar livre as três e meia.

- *Aula!* - gritou Rusty. - *Você é tão gracinha!* Podemos tomar um chá, então. Ligue para meu escritório e marque com Buckley, minha assistente. Ah, que idiota! -Ela pegou o braço de Dan com mão de garra. As unhas tinham pelo menos oito centímetros e eram pintadas de rosa-alaranjado. - Tem alguém aqui que você *deve* conhecer.

Rusty soltou Dan e estendeu os braços para receber uma garota de aparência frágil, com um rosto comprido e triste e cabelos louro-claros. A garota usava apenas um tomara-que-caia transparente rosa-claro sobre o esqueleto emaciado e os cabelos finos na altura da cintura estavam despenteados, como se ela tivesse acabado de sair da cama.

- Mystery Craze, este é Daniel Humphrey. Daniel, esta é Mystery - ronronou Rusty em voz alta. - Mystery, querida, lembra do poema que dei para você ler? Aquele que você disse... Ah, que merda. Vou deixar que *você* diga a ele o que me falou. Agora, se me derem licença, vou lambe o rabo do meu estilista preferido para ele me dar umas roupas novas de graça. Eu amo vocês. Ciao! - acrescentou ela, antes de sair a passos largos no salto-agulha preto de 15 centímetros.

Mystery piscou os olhos cinza imensos e cansados. Parecia que tinha ficado a noite toda acordada esfregando chão, como Cinderela.

- Seu poema salvou a minha vida - confidenciou ela a Dan numa voz baixa e rouca. Um copo alto e fino de alguma coisa muito vermelha estava enfiado em sua mão frágil. – É Campari – disse ela quando percebeu que ele olhava. – Quer um gole?

Dan nunca bebia nada que não fosse cafeinado. Ele sacudiu a cabeça e enfiou o bloco preto sob o braço. Depois acendeu um Camel e deu uma longa tragada. Assim era muito melhor. Agora pelo menos ele tinha alguma coisa para fazer, mesmo que não conseguisse pensar em nada para dizer.

- E aí, você é poeta também?

Mystery enfiou o polegar na bebida e depois i lambeu. Os cantos da boca estavam sujos do vermelho do Campari, fazendo com que ela parecesse uma menininha que tinha acabado de chupar um picolé de cereja.

- Escrevo poemas e contos. E estou trabalhando em um romance sobre a cremação e a morte prematura. Rusty disse que sou a Sylvia Plath do futuro - respondeu ela. – E você? Dan deu um gole na bebida. Não sabia bem o que ela queria dizer com morte prematura. Então havia uma hora certa para morrer.? Ele se perguntou se devia escrever um poema sobre isso, mas pensou melhor, não queria roubar material de Mystery.

- Parece que sou o Keats do futuro.

Mystery mergulhou o polegar na bebida novamente e depois o lambeu.

- Qual é o seu verbo favorito?

Dan deu outra tragada no cigarro e soprou a fumaça no salão apinhado e barulhento. Não tinha certeza se era o clube, a música, a cafeína ou a taurina, mas ele se sentia tão vivo e *tão bem* naquele momento, batendo papo com essa garota chamada Mystery, cuja vida ele salvara. Ele estava gostando seriamente daquilo.

- *Morrer*, eu acho - respondeu ele, terminando a bebida e colocando o copo vazio no chão. - O verbo *morrer*. - Ele sabia que devia estar dando a impressão de que tentava impressioná-la. Afinal, ela estava escrevendo um livro sobre morte prematura e cremação. Mas era a verdade: quase todos os poemas dele eram sobre a morte. Morrer de amor, de raiva, de tédio, de ansiedade; dormir e nunca mais acordar.

Mystery sorriu.

- O meu também. - Os olhos cinza e o rosto comprido e fino eram singelamente bonitos, mas os dentes da frente eram quebrados e amarelos, como se ela nunca tivesse ido ao dentista em toda a vida. Ela pegou outro coquetel de Red Bull na bandeja do garçom e passou a Dan. - Rusty disse que os poetas são as próximas estrelas de cinema. Um dia nós dois estaremos andando por aí em limos com nossos seguranças. Deu um suspiro pesado.

- Como se isso tornasse a vida mais fácil. - Ela ergueu o copo e bateu no dele. -

À poesia - anunciou sinistramente. Depois Mystery pegou a nuca de Dan e o puxou para si, esmagando os lábios dele num profundo beijo ensopado de Campari.

Dan sabia que devia ter afastado Mystery, protestando que tinha namorada, que estava apaixonado. Ele não devia gostar de ser pego por uma garota estranha e praticamente nua com dentes amarelos. Mas os lábios de Mystery tinham um gosto doce e amargo ao mesmo tempo e ele queria entender por que ela era tão triste e tão cansada. Ele queria *descobri-la*, do modo como às vezes descobria a metáfora perfeita quando estava no meio de um poema, e para fazer isso tinha de continuar beijando-a.

- Qual é o seu substantivo favorito? - disse ele a meia voz no ouvido de Mystery quando se afastou para tomar ar.

- *Sexo* - respondeu ela, mergulhando a boca novamente.

Dan riu enquanto retribuía o beijo.

Pode ser a taurina, mas às vezes simplesmente é bom demais para ser ruim.

a garota por trás da câmera

- Então é você. - Um cara louro, bonito e bronzeado, vestindo shorts laranja largão de surfista, tamanco Birkenstock de couro branco e um colete de pele de pônei marrom e branco sem nada por baixo sorriu para Vanessa com os dentes brancos reluzentes. O nome dele era Dork ou Duke ou coisa parecida e ele afirmava ser produtor. - A cineasta genial.

- Ela é a Bertolucci do futuro. - Ken Mogul corrigiu Duke, ou sei lá qual era o nome. - Me dê um ano e ela será famosa. - Ken estava vestido como um caubói urbano num colete prateado Cult of Humanity sobre uma camisa estilo country preta com fechos brancos perolados no lugar dos botões o seu cabelo ruivo crespo estava enfiado em um chapéu Stetson preto, e ele ainda usava botas de caubói pretas com o jeans Cult of Humanity. Veio de Utah de avião naquela noite, onde seu filme mais recente tinha acabado de ser apresentado no Sundance Film Festival. Era um filme ambicioso sobre um surdo-mudo que trabalhava em uma fábrica de enlatados no Alasca e morava em um trailer com 36 gatos. O homem não falava e passava muito tempo no computador trocando e-mails com garotas em sites de encontros, então Ken teve de ser muito criativo com a câmera para manter a ação. Mas era seu trabalho mais elegante.

- Cara, ver seu filme foi como nascer de novo - disse Dork a Vanessa. - Ganhei o dia.

Os cantos da boca de Vanessa viraram-se para cima num sorriso de Mona Lisa meio entediado, meio divertido. Ela não sabia bem como se sentia em relação a ser chamada de "cara", mas estava feliz por ter feito Dork ganhar o dia.

O after party da Cult of Humanity by Jedediah Angel foi ainda maior do que o desfile. A Highway 1 tinha sido decorada como uma tenda de casamento hindu, e modelos de biquíni, que não estavam no desfile, descansavam em sofás de couro, bebendo martinis ou dançando com a música bhangra ao vivo. Vanessa puxou o top vermelho apertado. Era meio difícil não se sentir um leitão no meio de tantas modelos ossudas de dois metros de altura.

- Tudo bem. Aqui está o cara da *Entertainment Weekly* disse Ken Mogul, passando o braço pela cintura dela. - Sorria, vai para o editorial!

Duke parou do outro lado dela e apertou sua bochecha angulosa e bronzeada na pele macia e branca de Vanessa. Ele tinha cheiro de Coppertone.

- Diga salame!

Era política de Vanessa *não* sorrir quando estava sendo obrigada a posar para uma foto, mas por que não? Realmente não havia perigo nenhum de ela ser levada pelo brilhante e casado Duke para o Templo do Surfe e da Areia e morar para sempre e de um jeito brega em uma mistura de estúdio de cinema com barraco de surfista em Malibu. Ela era Nova York hardcore demais para isso e, além de tudo, odiava praia. Não, esta noite seria sua noite de breguice, e amanhã ela voltaria ao normal.

- Salame! - Os três gritaram, faiscando os sorrisos mais falsos para a câmera.

Duke ficou grudado em Vanessa depois que o fotógrafo saiu.

- Em que hotel você está? - perguntou ele, pressupondo que ela era de Los Angeles, como todos que ele conhecia.

Vanessa desatarraxou a tampa da garrafa de Evian e bebeu um gole.

- Na verdade, eu moro aqui em Nova York, em Williamsburg, com minha irmã. Ainda estou no secundário. Ela toca em uma banda.

Dork pareceu excitado.

- Cara! - exclamou ele, - Você é tipo uma daquelas pessoas que os roteiristas inventam, sabia? - Ele ergueu os dedos para fazer citações no ar. - Uma "hipster urbana". Só que você é *real*. Você é mais real do que o real!

Para um cara chamado Dork, ele até que tinha seus insights.

- Obrigada - disse Vanessa, sem saber muito bem se essa era a resposta certa ou não. Ela nunca teve uma conversa com alguém tão idiota antes. Ela sentiu a mão em seu cotovelo e se virou.

Um cara mais velho e frágil, usando paletó de smoking de veludo roxo e óculos redondos pretos, sorriu para ela.

- Você é a cineasta, não é? - perguntou ele.

Vanessa assentiu.

- Acho que sim.

O velho agitou um dedo ossudo para ela.

- Não leve seu dom muito a sério - disse ele antes de se afastar.

Duke se inclinou e falou num tom de urgência no ouvido dela.

- Eu estou no Hudson. Quer ir até o meu quarto para um drinque, ou coisa assim?

Vanessa sabia que devia dizer para ele se foder, mas nunca tinha sido cantada por um surfista lindo e burro que podia arrastar qualquer uma das modelos do salão mas tinha

escolhido ela. Era realmente meio lisonjeiro. E aquele cara velho tinha dito a ela para não levar as coisas muito a sério? Ainda bem que ela teve aquela trabalhadeira toda para tirar os pêlos das pernas.

- Mais tarde, talvez – respondeu ela, sem querer detonar totalmente Dork. – Está meio que nevando lá fora agora.

- É claro. Dããã. – Duke bateu na cabeça com um riso bobalhão. – Então, quer dançar? – Ele estendeu a mão, os músculos do braço ondulando convidativos. Parecia que ele nunca tinha matado um dia de academia e sobrevivia de uma dieta de bebidas protéicas e grama. Vanessa ajeitou a camiseta vermelha novamente e pegou a mão de Duke, seguindo-o para a pista lotada e vibrante. Ela não acreditava em si mesma – ela *odiava* dançar! Pelo menos ninguém que ela conhecia estaria olhando.

Ah, é?

audrey ainda está de roupa

Como a neve tinha se tornado totalmente intransponível e eles estavam presos no centro da cidade, Blair concluiu que a opção mais atraente era pegar um quarto no hotel.

- Podemos ver TV e pedir comida pelo serviço de quarto - sussurrou ela sedutoramente no ouvido de Owen. – Vai ser divertido.

O quarto era luxuoso, com uma cama king size, uma jacuzzi num nível mais baixo que o chão, uma TV de plasma de tela plana pendurada na parede e uma vista impressionante do rio Hudson parcialmente congelado e pintado de branco. Owen chamou o serviço de quarto e pediu uma garrafa de Veuve Clicquot, filé mignon, batatas fritas e torta-musse de chocolate, e quando chegou eles se deitaram na cama, deram torta na boca um do outro e viram *Top Gun* na TNT.

- Como foi que você e sua mulher se separaram? - perguntou Blair, colocando um pedaço de torta na boca aberta de Owen. Farelos de chocolate caíam nas franjas de cetim de algodão egípcio.

Owen pegou uma colherada da torta-musse gelada e ofereceu a colher para Blair lamber.

- Nós não tínhamos... - Ele hesitou, as lindas sobrancelhas franzindo-se enquanto ele pensava na resposta. – Na verdade nos não falamos nesse assunto.

Blair sorriu solidária enquanto deixava a torta congelada derreter na língua. Ela gostava de interpretar o papel da outra. Fazia com que se sentisse tão... *poderosa*. Do outro lado da sala, na imensa tela plana da TV; Tom Cruise e Kelly McGillis transavam na moto dele.

- Ela foi para Yale também?

Owen pegou o controle remoto e apontou para a televisão. Depois baixou-o novamente sem mudar de canal.

- Não sei - respondeu ele, parecendo exatamente o irmão mais novo de Blair, Tyler, quando estava vendo TV e a mãe perguntava se ele já havia feito o dever de casa.

Blair pegou o controle remoto e começou a zapear. Uma reatualização de *Friends*. Luta romana. *Cribs* na MTV. Ela não tinha certeza se gostava do lado garotão de Owen. Preferia muito mais o *homem*.

- Ela não foi para Yale ou ela foi?

- Arrã - respondeu Owen, enfiando uma colherada da torta na boca. - Astronomia.

Blair ergueu as sobrancelhas enquanto via Sean "P.Diddy" Combs dar um giro pela mansão dele no Upper East Side. A esposa de Owen parecia um gênio. Que tipo de gente se torna astrônoma, aliás? Alguém que queria ser astronauta? Ela queria que Owen tivesse dito que a mulher nem tinha feito faculdade, que só ficava sentada vendo exposição de cães na TV e comendo donuts Krispy Kreme. Que, no fim, estava pesando 250 quilos e ele era obrigado a dormir no quarto de hóspedes, até que se mudassem. Que não havia mais quarto para ele.

Blair passou para a AMC, seu canal de filmes clássicos preferido. *Casablanca*, com Ingrid Bergman e Humphrey Bogart, estava quase pela metade. Os alemães tinham acabado de invadir Paris e Ingrid estava assustada.

Ela se recostou nos travesseiros, esquecendo-se do modo como seus cabelos compridos costumavam se abrir em leque em volta do rosto de uma forma que ela imaginava que devia ser irresistível.

- Às vezes finjo que vivo naquela época - disse ela a Owen sonhadoramente. - Parece tão mais sofisticado, sabe? Ninguém usa jeans, todos são tão educados e todas as mulheres tem cabelos incríveis.

- É, mas havia uma guerra. E das grandes – lembrou Owen. Ele limpou a boca num guardanapo de linho branco e se recostou no travesseiro ao lado dela.

- E daí? - insistiu Blair. - Ainda assim era melhor.

Owen pegou a mão dela e Blair desviou os olhos da TV para analisar o perfil dele.

- Sabia que você é exatamente igual ao Cary Grant? - sussurrou ela.

- Você acha? - Owen virou a cabeça para olhar para ela, os olhos azuis ardendo sensuais.

- Cortei meu cabelo para parecer com Audrey Hepburn - admitiu Blair. Ela se virou de lado e recostou a cabeça no peito másculo dele com aquela camisa branca imaculada. - Seríamos Audrey e Cary.

Owen beijou o cabelo dela e apertou a mão de Blair delicadamente.

- E ficou, garota - murmurou ele. Com a mão livre, ele começou a afagar as costas dela e Blair podia sentir a aliança de casamento dele se chocar nos nós de sua coluna.

Do lado de fora a neve caía ainda mais forte. Blair a viu cair, incapaz de relaxar. Era meio impossível não pensar na mulher astronauta gênio de Owen, sentada em casa sozinha enquanto escrevia equações astronômicas impossíveis em um quadro-negro e se perguntava sobre o marido. Mesmo que Blair e Owen não fossem parecidos com Audrey Hepburn e Cary Grant, Blair tinha certeza absoluta de que as garotas elegantes que Audrey interpretou não perdiam a virgindade em quartos de hotel com homens mais velhos e casados, independentemente da profundidade da neve. Por que não terminar o filme aqui, enquanto ainda estava bom?

Owen respirava profundamente agora e tinha parado de afagar as costas dela. Assim que Blair teve certeza de que ele estava dormindo, ela saiu pela porta e pediu ao recepcionista do térreo para chamar um táxi. Afinal, tinha uma reputação a zelar. E não é que ela o tenha abandonado.

A melhor maneira de manter um cara intrigado é desaparecer.

algumas garotas sabem se divertir

- Guerra de neve! - gritou Serena a plenos pulmões para ninguém em especial. Ela dançava com um monte de modelos meio bêbadas e seminuas da Les Best e seus longos

cabelos louros estavam embaraçados atrás, criando uma espécie de efeito capilar unidreadlock de praia. Tinha se livrado da camiseta I LOVE AARON por um belo maço de 4 mil dólares do velho amigo Guy Reed da loja Les Best e agora usava apenas um sensual demibra rosa da La Perla que parecia o sutiã de um biquíni.

- Vôlei de neve! - gritou um cara ainda mais alto. Ele vestia um traje da linha de esqui da Les Best, botas de pele pretas e um par de protetores de pele pretos nas orelhas. Ele apontou para as enormes janelas do bar, de onde se via uma rede de vôlei que fora colocada na calçada cheia de neve.

Em questão de segundos toda a sala cheia de corpos suados e retorcidos atacou o armário de casacos, puxando o de pele de ovelha Fendi ou a parca Gucci de capuz mais próxima para proteger o corpo magrela do frio antes de disparar para brincar na neve.

Serena riu quando entrou em uma parca bege com um capuz de pele de castor aparado que teria cabido em um esquimó gigante. Nas últimas duas horas ela bebera mais champanha do que na festa de Ano-novo e se sentia tonta e excitada. Antes que conseguisse sequer fechar o zíper do casaco, alguém pegou sua mão e a puxou pela porta. Do lado de fora a neve tinha envolvido tudo e os postes de luz brilhavam dourados no manto branco e fofo. Sem as buzinas e o ronco constante do trânsito, havia uma calma agradável na cidade, como se ela finalmente tivesse ido dormir. Gritando de alegria, a gangue de modelos, estilistas e fotógrafos sulcou a massa de neve profunda e começou a atirar bolas sobre a rede de vôlei sem nenhuma consideração pelo ambiente pacífico.

- Não é lindo? - disse Serena. Ela queria que Aaron estivesse ali para poder beijá-lo e dizer a ele o quanto o amava enquanto enfiava uma grande bola de neve nas costas da camisa dele. Mas ele não estava - o empata-foda -, então ela teria de se virar. Virou-se para o cara que segurava a mão dela. Era o cara do traje preto de esqui, e ele era alto, louro e lindo. Todos ali eram. Ela largou a mão dele e cavou um punhado de neve. - Vem cá - acenou para ele. - Quero te contar um segredo.

Ele deu um passo na direção dela, o hálito enchendo o ar com nuvens de vapor.

- O que é?

Serena ficou na ponta dos pés e colocou os braços em volta do pescoço dele. Depois ela beijou o rosto frio e macio dele.

- Eu amo o Aaron. - guinchou ela enfiando a bola de neve pelas costas do traje de esqui preto e disparando pela neve para se juntar aos outros.

O cara foi atrás dela, pegou as pernas de Serena e a derrubou assim que chegaram à rede de vôlei. O jogo foi interrompido quando uma turma de lindos farristas começou a atirar bolas de neve no par que brincava, parando de vez em quando para acender cigarros ou reaplicar brilho labial antes de se juntar ao grupo novamente. Serena uivou de rir enquanto a neve descia atrás do jeans. Era ótimo ser tão bonita e tão despreocupada. Não importava com quem você estivesse ou que idiotice estivesse fazendo - você sempre se divertia incrivelmente. Na verdade, você nem mesmo tinha de se apaixonar por alguém quando o mundo já estava apaixonado por você.

a experimentação pode ser superestimada

Jenny e Elise ainda estavam se beijando quando Rufus telefonou.

Ring, ring!

- Merda! - Jenny afastou Elise, pulou do sofá e disparou para a cozinha. É verdade que ninguém podia vê-las, mas ela ainda se sentia como se tivesse sido apanhada fazendo uma coisa incrivelmente constrangedora.

- Está tudo bem? - grunhiu Rufus alegremente ao telefone. - Estou preso aqui com Max e Lyle e o resto daqueles patetas. A neve está uma merda. - Rufus passava a maioria das noites de quinta no East Village em um velho bar com os amigos escritores comunistas. Ele parecia alegre, da forma como sempre parecia quando havia tornado duas ou três taças de vinho. - Vocês meninas estão se comportando?

Jenny corou.

- Arrã.

- Bem, diga a sua amiga para ficar por aí. Ninguém em seu juízo perfeito deve tentar ir a lugar nenhum hoje.

Jenny assentiu.

- Tudo bem. - Ela meio que esperava que Elise fosse para casa para poder tomar um banho quente e organizar as idéias, mas não podia pedir a ela para sair quando havia um metro de neve no chão e vinha mais neve ainda. - A gente se vê, pai - disse ela, quase querendo poder dizer a ele como estava confusa em relação ao que acabara de acontecer. Ela podia ser uma artista em desenvolvimento, mas isso não queria dizer que tinha de experimentar o tempo *todo*.

Jenny desligou o telefone.

- E aí, o que a gente vai fazer agora? - perguntou Elise, entrando pela cozinha com o jeans ainda desabotoado. Ela separou um Oreo e lambeu o creme do recheio.

Elise parecia estar sugerindo que estava pronta para passar ao capítulo seguinte de *Este é meu corpo - edição para mulheres*, mas *de jeito nenhum* Jenny ia descobrir qual era a seqüência.

Ela fingiu um bocejo.

- Papai disse que vem para casa cedo - mentiu ela. - Estou meio cansada, de qualquer forma. - Ela deu uma olhada pela janela da cozinha. Tudo era branco e a neve ainda caía. Parecia o fim do mundo.

- Vem. - Ela liderou a amiga até o quarto. - Papai quer que você fique. - Só havia uma cama de solteiro e ela definitivamente, não ia dividi-la com Elise. Não quando Elise era tão... *calorosa* e imprevisível. - Você pode dormir na minha cama e eu durmo no sofá.

- Tá legal- respondeu Elise, em dúvida.- É melhor eu ligar pra minha mãe. Não está chateada comigo, está.

- Chateada? - repetiu Jenny casualmente. - Por que eu estaria? - Ela abriu a cômoda e passou a Elise uma camiseta GG e uma calça de moletom. - Use isso aqui - orientou ela. Caso contrário, Elise podia decidir dormir nua, o que não seria nada elegante, especialmente se Rufus chegasse em casa mais tarde naquela noite e irrompesse no quarto de Jenny para passar um sermão sem sentido sobre o significado da vida, como ele às vezes fazia quando bebia vinho demais. Ela pegou um pijama para si mesma e fechou a gaveta. - Vou tomar um banho. Pode usar meu celular, se quiser ligar pra sua mãe.

Elise pegou as roupas e olhou as pinturas na parede do quarto de Jenny. Sobre a cama estava o gato dos Humphrey, Marx, cochilando no fogão, pintado em pinceladas grossas. Marx era de um turquesa profundo e o fogão era vermelho. Perto da janela havia um auto-retrato dos pés de Jenny, com as unhas pintadas de laranja e os ossos dos pés em azul.

- Você é realmente boa. - Elise desceu o jeans até o joelho.
- Não quer terminar meu retrato?

Jenny pegou o robe felpudo rosa no gancho atrás da porta.

- Hoje à noite não - respondeu ela, indo rapidamente para o corredor em direção ao banheiro. Ela tomou um banho longo e quente e, assim esperava, pelo tempo que Elise levaria para dormir. Amanhã elas comeriam seus Eggos e iriam andar de trenó no parque e zanzar por aí como garotas normais.

Chega de experimentação. No que dizia respeito a Jenny, a experimentação era totalmente superestimada.

n ajuda na recuperação da herdeira orfã perdida

- Segure as rédeas em uma das mãos e o chicote na outra - instruiu Georgie. Estavam no sótão de Georgie, mas, em vez de namorar dentro da linda carruagem antiga, fumar um bagulho, beijar e ser paradona, Georgie estava hiperativa e fazia com que Nate *conduzisse* a carruagem.

O próprio sótão era inacreditável. Era cheio de coisas antigas e bonitas do passado, mas em perfeita ordem como se a qualquer momenta alguém fosse levá-las para baixo e colocá-las em uso novamente. A carruagem era pintada de ouro e revestida de veludo roxo, e sobre o assento no interior, em uma pequena arca de couro, havia tapetes de pele e regalos para manter as mãos quentes enquanto você safa para um passeio. O melhor de tudo era que oito cavalos brancos de carrossel com plumas de penas brancas fixadas a um arnês de couro de verdade puxavam a carruagem.

- Vai, mais rápido, *mais rápido*, eia, *eia!* - gritava Georgie para os cavalos de carrossel, estalando o chicote de couro e balançando para cima e para baixo no banco de couro vermelho do cocheiro.

Uau.

Nate se sentou de novo no banco ao lado dela e tentou acender outro baseado, mas Georgie estava balançando tanto que ele caiu de sua mão.

- Porra! - gritou ele, exasperado. Ele se inclinou sobre a lateral da carruagem para ver onde o baseado tinha caído no chão de madeira pintado de branco, mas o sótão estava iluminado por uma única lâmpada e ele não conseguia ver o baseado em lugar nenhum.

- Tá bom. - Georgie saltou da carruagem. -Vem, tem uma coisa que quero te mostrar.

Relutantemente, Nate deixou o baseado onde tinha caído e a seguiu ao outro lado do sótão, onde um monte de baús antigos estavam empilhados.

- É aqui que minhas coisas velhas de cavalo são guardadas - explicou Georgie. Ela abriu o baú de cima e pegou um punhado de faixas que ganhou nas exposições de cavalos. -

Eu era uma amazona boa mesmo. - Ela passou as faixas a Nate.

Todas eram azuis, com o nome da competição estampado em ouro. *HAMPTON CLASSIC JUNIOR HUNTER GRAND CHAMPION*, leu Nate.

- Legal- disse ele, devolvendo as faixas. Ele que ria ter encontrado aquele baseado.

- Dá uma olhada nisso. - Georgie pegou um grande pote de plástico branco no baú e colocou nas mãos de Nate.

O pote chocou enquanto Nate o revirava. a nome de uma clínica veterinária para cavalos estava impresso em um lado. *Connecticut Equine Health*. Ele olhou para Georgie de um jeito indagador.

- É tranqüilizante de cavalo. Eu já tomei. Meio comprimido é o bastante para te mandar a outro planeta, eu juro.

Nate percebeu que havia minúsculas gotas de suor no lábio superior dela, o que era estranho, porque o sótão não estava aquecido e ele estava congelando ali. Ele deu de ombros e passou o pote para ela, desinteressado.

Georgie desatarraxou a tampa e sacudiu os enormes comprimidos brancos para a palma suada da mão.

- Vamos. Está na hora de eu tomar um inteiro. Ou talvez a gente devesse tomar dois cada um e ver o que acontece. - Seus cabelos escuros caíram nos olhos e ela os afastou impaciente com uma sacudidela enquanto contava os comprimidos.

Nate a encarou, sentindo-se assustado de repente. Tinha certeza absoluta de que Georgie tinha tornado algum comprimido quando desapareceu no banheiro antes, e ela já estava chapada antes disso, então acrescentar tranqüilizante de cavalo à mistura parecia a pior idéia que ele já ouvira. O que ele ia fazer com uma garota totalmente fodida no sótão de uma mansão enorme em Greenwich, Connecticut, no meio da pior tempestade de neve da história da Nova Inglaterra?

- Acho que tô fora. - Ele apontou para um pequeno dispositivo de metal no baú, pensando que talvez, se desviasse a atenção dela, Georgie esquecesse os comprimidos.

- Um picão para casco - respondeu ela rapidamente, segurando os comprimidos. - O cavalição usa para limpar os cascos dos cavalos. Vai, toma um.

Nate sacudiu a cabeça, a mente procurando uma forma de tirar os dois do reino dos comprimidos para cavalos e levar a um território seguro.

- Georgie - disse ele, olhando nos olhos castanho-escuros dela com seus olhos verde-esmeralda brilhantes e pegando o pulso dela com força para que os comprimidos de cavalo se espalhassem no chão. Ele a pegou nos braços e beijou os lábios vermelho-escuros. - Vamos lá pra baixo, tá legal?

Georgie deixou a cabeça tombar pesadamente no peito dele.

- Tudo bem. - Ela vacilou. Os cabelos escuros e sedosos quase se arrastaram no chão quando Nate a levou pelo longo corredor das escadas do sótão até o quarto dela. Ele puxou o cobertor branco felpudo e a colocou na cama, mas ela se agarrou a ele.

- Não me deixe sozinha.

Nate não pretendia fazer isso. Quem sabia o que ela faria se ele saísse?

- Volta em um segundo - disse ele, afastando-se num puxão. Atravessou o quarto e foi até o banheiro, deixando a porta entreaberta para poder pegar Georgie antes que ela fizesse alguma idiotice. Alinhados na bancada perto da pia do banheiro havia três frascos de remédios com receita retida. Nate reconheceu o nome Percoset porque tinha tomado o analgésico quando extraiu o dente do siso, mas não reconheceu os outros dois. Nenhum dos três fora receitado para Georgina Spark.

Ele lavou as mãos e depois voltou ao quarto. Georgie estava deitada de bruços, toda esticada em sua roupa íntima branca de algodão, roncando delicadamente e parecendo muito mais inocente do que merecia. Nate se sentou ao lado dela e a observou por algum tempo. Os ossos das vértebras apontavam para fora, subindo e descendo com a respiração. Ele se perguntou se devia ligar para alguém, ou se era normal Georgie tomar um monte de comprimidos e depois dormir.

Na reunião na Breakaway daquele dia, Jackie tinha dito que se eles estivessem com dificuldades e precisassem de ajuda, podiam ligar para ela. Nate pegou o celular do bolso

e procurou o número de Jackie, que ela insistira para que todos gravassem durante a reunião. Nate na hora pensou que não tinha como precisar dele. Ele se levantou e voltou para o banheiro enquanto o telefone começava a tocar.

Tocou por um bom tempo antes que Jackie finalmente atendesse, meio grogue.

- Sim?

Nate olhou o relógio, percebendo tarde demais que eram duas da manhã.

- Oi - começou ele devagar. - É o Nate Archibald, do seu grupo que se reuniu hoje - explicou ele, desejando parecer menos chapado. - Eu, hmmm, estou na casa daquela garota, a Georgie. Acabo de descobrir que ela tomou um monte de comprimidos e acho que ela está legal... ela está dormindo... mas eu só queria te perguntar, sabe como é, eu tenho de fazer alguma coisa?

- Nate - disse Jackie num tom de urgência, de repente parecendo que tinha acabado de tomar dez xícaras de café -, quero que leia os rótulos dos comprimidos para mim e, se puder, me diga quantos ela tomou.

Nate pegou os frascos e leu os nomes. Não falou nos comprimidos para cavalo, mas tinha certeza absoluta de que Georgie não ingerira nenhum deles.

- Não sei quantos foram. - Nate se sentiu desamparado. - Não vi quando ela tomou.

- E tem certeza de que ela está dormindo? A respiração dela está regular? Não vomitou nem está sufocando?

Nate correu para o quarto, sentindo-se mais alarmado do que nunca, mas Georgie ainda estava dormindo, as costelas expandindo-se e contraindo suavemente com cada respiração, os cabelos escuros abertos no travesseiro em volta da cabeça, parecendo exatamente a Branca de Neve adormecida.

- Tá - disse ele, aliviado. - Ela tá dormindo.

- Tudo bem. Quero que fique aí e a observe. Só tenha certeza de que ela não comece a vomitar e, se vomitar, coloque-a sentada, incline-a em seu ombro e de tapinhas nas costas para que ela não sufoque. Sei que parece desagradável, mas você quer que ela fique bem. Quer ajudar na recuperação dela.

- Tá legal- respondeu Nate meio trêmulo. Ele olhou para Georgie novamente, rezando para ela não fazer nada esquisito.

- Vou mandar uma van da clínica. Vai demorar um pouco porque as estradas estão praticamente fechadas, mas não acho que vocês estejam muito longe... eles vão acabar chegando aí. Está preparado para ficar firme, Nate? Lembre-se, você é o nosso herói da noite, nosso Príncipe Encantado, nosso cavaleiro da armadura reluzente.

Nate foi até a janela do quarto e espiou. Havia muita neve, a entrada de carros circular na frente da mansão estava indistinguível do vasto gramado adiante. Ele não se sentia o Príncipe Encantado - sentia-se inútil e preso, como Rapunzel. Já não tinha muitos problemas?

- Tá legal - disse ele a Jackie, tentando parecer mais confiante do que se sentia. - A gente se vê. - Ele desligou e enfiou o celular no bolso traseiro.

É claro que nosso Príncipe Encantado não tinha consciência nenhuma de que podia ter acabado de salvar a vida da Branca de Neve. Mas e pelos heróis relutantes dos contos de fadas que nos apaixonamos sem parar, apesar de seus defeitos.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

A GENTE REALMENTE PRECISA FICAR PARECIDA COM A CHAPEUZINHO VERMELHO?

Em toda Fashion Week eu me pergunto por que todas as modelos nos desfiles usam trajes espaciais, ou se vestem como Joãozinho e Maria, ou estão basicamente nuas, quando eu não seria vista nem morta daquele jeito na rua? Depois tenho de lembrar a mim mesma que os desfiles na verdade sac um espetáculo, e que todo o sentido da moda é divertir, estimular a imaginação e fazer do mundo um lugar melhor. Moda é arte, e a arte imita a vida; não precisa ter motivos. Quanto mais eu penso no assunto, mais fico ansiosa para me vestir como Chapeuzinho Vermelho e zanzar por aí procurando lobos. Tá na hora de comprar uma capa vermelha!

O QUE ACONTECEU COM AQUELA NEVE TODA?

Como é que sempre que tem uma tempestade de neve seria na cidade, bastam algumas horas para a neve derreter nas calçadas e depois tudo voltar ao normal, bem a tempo da escola na segunda-feira? Acho que é um complô para garantir que todos nós tenhamos de ir a escola no Dia dos Namorados, que devia ser um feriado nacional total. Acho que vou tirar o dia de folga, de qualquer forma. Senão, como vou curtir as rosas, os chocolates e as jóias que vou ganhar de meus admiradores secretos?

Seu e-mail

P: CaraGG,

Estou achando que essa garota que gosto talvez não goste de mim da mesma forma. Seu site me dá ânimo.

- blue

R: Oi, blue,

Como você sabe que ela não gosta de você? Já perguntou a ela? Lembre-se, porém, de que sempre estarei aqui a sua disposição quando essa garota te deixar pra baixo.

-GG

P: cara gg,

você é gostosona. quer ser minha namorada?

- oskar

R: Querido oskar,

Obrigada pelo elogio. Infelizmente eu já sou comprometida e pretendo ter uma noite bem quente. Mas, se você ainda assim quiser me inundar de presentes, eu definitivamente não vou reclamar.

-GG

Flagra

B saindo de um hotel no centro sozinha, tarde da noite, e pegando o *metrô* para o Uptown, de todas as coisas chocantemente pobres. Imagino que ela achou que não seria reconhecida. *Errou. S*, o **Chief d'Affairs** da **Les Best** e o próprio **Les Best**, usando seu típico traje de esqui preto, na calçada da sede da organização de caridade **Little Hearts** ontem de manhã cedo, com cara de que ficaram acordados a noite toda. Serena usava um sutiã rosa e a jaqueta de esqui de um cara aí. O que aconteceu com o namorado dela? *N* chegando a **Grand Central** ontem à tarde, parecendo tonto e confuso, mas ainda lindo, é claro. *D* cambaleando para fora de um táxi e entrando na **Agnès B. Homme** para comprar. Peraí, estamos falando do mesmo *D*? Acho que **Agnès B.** é francesa, e ele sempre se julgou existencialista, que é um conceito francês, mas peraí... eu estou divagando. *V* filmando um bull terrier largando um xixi amarelo na neve branca. Bem, é ótimo saber que ela não mudou.

Que nosso Dia dos Namorados seja cheio de adoração, mimos e um par de lindas sandálias Jimmy Choo de saltos fininhos que sac completamente inúteis neste clima. Só uma lembrancinha. Vocês a merecem totalmente.

Pra você que me ama,
gossip girl

o glacê do bolo de b

Na segunda de manhã Blair ficou apavorada com o grupo de discussão. Não que ela se importasse de falar de namorar meninos, ou da pressão das colegas, ou do que quer que as calouras quisessem falar. Afinal, hoje era Dia dos Namorados, então *todas* na Constance falavam de namorar meninos. O que a apavorava eram todas as perguntas que as alunas do primeiro ano do grupo fariam a Serena sobre andar na passarela do desfile da Les Best, como foi sair com todos aqueles modelos famosos e bla, bla, bla. Elas provavelmente perguntariam sobre a camiseta I LOVE AARON idiota dela e o que estava rolando entre ela e Aaron, porque *elas* ouviram falar, bla, bla, bla. Como se tudo isso fosse muito interessante.

Não é.

Por que o mundo estava tão cheio de imitadores quando havia tantas opções na vida? Blair pôs outra fatia do bolo de chocolate na bandeja para se certificar de ter alguma coisa para fazer enquanto as meninas do grupo de discussão matavam-na de tédio.

- Oi. - Ela praticamente gritou quando se sentou na mesa apinhada alguns minutos depois de o grupo ter começado. - Desculpe pelo atraso.

- Está tudo bem - respondeu Serena alegremente. Tinha ganho um corte de cabelo e umas luzes antes do desfile, e seus longos cabelos louros estavam ainda mais brilhantes e mais

perfeitos do que nunca. - Agente estava falando dos problemas de Elise com os pais. Ela acha que o pai dela pode estar tendo um caso.

As mechas grossas e tingidas de morango de Elise estavam puxadas para trás e presas nas laterais da cabeça com pregadores rosa pequenininhos em forma de coração. Havia círculos escuros nos seus olhos azuis brilhantes, como se ela tivesse passado a noite em claro, preocupada.

- Isso é uma merda - disse Blair em solidariedade. - Acredite em mim, eu *sei* o que é isso.

- Ela decidiu parar por aí. O grupo de discussão podia ser um lugar para compartilhar, mas ela não estava disposta a entrar em detalhes sobre os casos do pai com outros homens enquanto ainda estava casado com a mãe dela.

Serena assentiu vigorosamente.

- Eu estava agora mesmo dizendo a elas como todas as famílias são totalmente fodidas. Na verdade, Blair, sua família é um exemplo perfeito - acrescentou ela toda animada.

Blair se eriçou.

- Muito obrigada - rebateu ela. - Mas não acho que todo mundo precise saber de meus problemas agora.

Jenny roeu uma cutícula e bateu o pé nervosamente na perna da cadeira. Ficou se correndo a manha toda achando que, assim que começasse o grupo de discussão, Elise ia abrir a boca e começar a falar de beijo entre pessoas do mesmo sexo. Graças a Deus Elise tinha outras coisas em mente.

- De qualquer forma, não precisamos falar de nossas famílias confusas, se isso te incomoda - disse Blair a Elise, tentando dar apoio.

Elise assentiu infeliz.

- Na verdade, eu tinha *mesmo* outra coisa que eu queria falar.

Jenny estremeceu.

Epa.

Blair assentiu, estimulando-a.

- *Sim?* E o que é?

Vicky Reinerson acenou. Estava usando uma capa vermelha de lã parecida com a que Serena vestiu no desfile da Lês Best, só que a dela parecia meio usada, como se tivesse pegado emprestada com a avó ou coisa parecida.

Imagino que ela não tenha entendido o recado de que as capas são para a moda do *outono*, e não da primavera.

- *Ah*, depois que ela terminar, pode *por favor* contar sobre o desfile da Les Best pra gente, Serena? - implorou Vicky. - *Você prometeu.*

Serena riu como se tivesse *toneladas* de histórias para contar. Blair teve vontade de dar um soco nela.

- A coisa mais maluca foi que fiz uma guerra de bola de neve com o próprio Les Best e eu nem sabia que era ele! - Serena olhou para Blair, que a estava encarando. - Mas vou deixar para o fim, se houver tempo. - Ela se virou para Elise novamente. - O que é que você estava dizendo mesmo?

O rosto de Elise ficou roxo como uma ameixa.

- E-eu queria falar de beijar - gaguejou ela. - De beijar *meninas*.

Jenny chutou as pernas da cadeira de Elise. Mary, Cassle e Vicky reprimiram o riso e se cutucaram com o cotovelo. Isso ia ficar bom. Estava circulando um boato de que Blair e

Serena tinham se beijado na banheira de um quarto de hotel da família de Chuck Bass no Tribeca Star, no centro.

- Acho que todo mundo deve poder beijar alguém - respondeu Serena. - Beijar é divertido! Blair meteu o garfo numa fatia gigante de bolo de chocolate e enfiou na boca, tentando pensar em alguma coisa que superasse o que Serena acabara de dizer.

- Os homens gostam de ver as garotas se beijando – declarou ela de boca cheia. - Fazem isso o tempo todo nos filmes, só para excitar os homens. - Isso era verdade. Elas até falaram disso nas aulas de cinema do Sr. Beckham.

- E aí, Serena, como é que foi usar aquelas roupas legais da Les Best? - perguntou Jenny, desesperada para mudar de assunto.

Serena esticou os longos braços graciosos sobre a linda cabeça loura e suspirou feliz.

- Querem mesmo saber? - Todas do grupo, exceto Blair e Elise, assentiram ansiosas. - Tá legal, eu vou contar.

Blair revirou os olhos, arriscando-se a calar a boca de Serena anunciando as novidades de seu caso tórrido com um homem casado de 38 anos, o que era muitíssimo mais interessante do que se pavonear em uma passarela com roupas que ninguém ia usar. Ela olhou para a mesa enquanto Elise escrevia o próprio nome repetida e furiosamente numa folha de caderno. *Elise Wells. Srta. Elise Wells. Srta. Elise Patricia Wells. E. P. Wells.* De repente Blair sentiu todo o conteúdo do estômago voltar a garganta. *Wells?* Esse era o sobrenome de *Owen*. E Elise tinha acabado de dizer que achava que o *pai* dela estava tendo um *caso*. Owen não tinha dito nada sobre uma filha, mas, agora que pensou no assunto, Elise tinha os mesmos olhos e no alpendre Elise tinha acendido dois cigarros exatamente do mesmo jeito que Owen fizera na sexta à noite no bar. *Meu Deus.* Pelo que Blair sabia, Owen tinha *dez* filhos que só por acaso ele deixou de mencionar. *Merda!* Blair arrastou a cadeira para trás e disparou para a enfermaria atrás do refeitório, chegando lá bem a tempo de vomitar bolo de chocolate no tapete country feito a mão da enfermeira O'Donnell. Não era bonito, mas era a forma mais rápida de ser mandada para casa por doença.

Assim que saiu, o refeitório começou a zumbir com o som de meninas contando versões do que havia de errado com Blair Waldorf.

- Eu soube que ela tem uma doença rara. Ela perdeu todo o cabelo. Aquilo lá é uma peruca - anunciou Laura Salmon.

- Ouvi dizer que ela esta grávida de um cara mais velho. Ele é casado com um membro da família real e quer se casar com ela, mas a mulher dele não dá o divórcio - explicou Rain Hoffstetter.

- Ai, meu Deus. Então ela e a mãe dela podiam, tipo assim, ter bebês na mesma época! - guinchou Kati Farkas.

- Ela não está grávida, idiota. Ela tem distúrbio alimentar - disse Isabel Coates às meninas da mesma mesa em um cochicho confidencial. - Está lutando com isso há anos. Na mesa do grupo de discussão, Serena corrigiu o mal entendido sem querer.

- Ela vai ficar *ótima* assim que souber que entrou pra Yale.

apatia e poesia

- Feliz Dia dos Namorados, namoradinho. - Zeke Freedman cumprimentou Dan quando o quarto tempo de história americana estava prestes a começar. Ele passou a Dan uma

sacola de compras de papel rosa. -Aggie me pediu para lhe dar isso. Um mensageiro acaba de colocar na mesa da frente.

As alças da sacola estavam amarradas com fita de cetim vermelho. Dan desfez o laço e esvaziou o conteúdo da sacola na carteira: uma caixinha branca e um livro fino com capa de couro. Dentro da caixa branca havia uma caneta de prata presa em uma corrente de prata. Um cartão dentro da caixa a descrevia como uma caneta antigravidade, do tipo usada por astronautas no espaço. Dan colocou a corrente em volta do pescoço e abriu o livro de couro na primeira página, onde alguém tinha escrito um bilhete: *Dá um pé na gravidade, seu sedutor. Sacou?*

Dan releu o bilhete, totalmente pasmo. Era estranho demais para Vanessa, o que significava que definitivamente era de Mystery. O último toque da sineta soou e o Sr. Dube entrou na sala e começou a apagar o quadro-negro. Dan colocou a sacola de presentes embaixo da carteira e abriu o caderno, fingindo ouvir o que o Sr. Dube estava dizendo sobre o Vietnã e a apatia. A escola parecia tão idiota e inconseqüente quando uma agente importante como Rusty Klein queria representá-lo e uma poeta intrigantemente sensual e obviamente brilhante lhe mandara aqueles presentes muitíssimo astuciosos de Dia dos Namorados.

Depois Dan se lembrou de Vanessa e as mãos dele começaram a tremer. Ele não mandou nada para ela de Dia dos Namorados - não que Vanessa estivesse nessa de "besteirada de feriado comercial", como a própria Vanessa chamava, mas ele nem telefonou para ela. Na verdade, seu maior problema era que... ele a traiu. E não traiu só beijando. Ele a traiu *traindo*.

Opa.

Era tudo culpa da Mystery. Com aquele tomara-que-caia mostrando tudo e os dentes amarelos e tortos ela o fizera se sentir como se ele morasse em um de seus poemas, beijando uma garota enganadoramente estranha que ele criou em uma festa estridente e excêntrica que ele inventou. Ele não fora capaz de impedir que sua imaginação corresse frouxa, mandando-o aos tropeços pela paisagem cheia de neve para o apartamento em ruínas em Chinatown e transando com ela em todo tipo de posição esquisita de ioga na desconfortável cama de futon de Mystery enquanto o sol se levantava sobre a cidade deserta e coberta de neve. Era quase como se nada daquilo realmente tivesse *acontecido*. Como se fosse *ficção*.

Só que não era ficção. Ele traiu.

Dan ficou numa ressaca pavorosa só de lembrar do fim de semana e ficou profundamente atolado na culpa existencial e na aversão por si mesmo para responder aos incontáveis recados de Vanessa no celular.

Ele virou o caderno de história de repente, fechando-o. E se escrevesse um poema para Vanessa e mandasse por e-mail para ela durante o almoço? Isso seria mais significativo do que flores, chocolate ou um cartão brega de Dia dos Namorados.

A melhor coisa nisso era que ele não teria de falar com ela e talvez admitir que a havia traído, porque ele não era muito competente em contar mentiras.

Agora o Sr. Dube estava escrevendo no quadro-negro. Dan fingiu tomar notas no caderno.

Anjos de giz, escreveu ele. *Fabricando significados*.

Depois ele pensou numa coisa que Mystery tinha dito quando eles estavam bebendo o quarto ou quinto coquetel de Red Bull. Alguma coisa sobre como ela estava cansada de

escrever poemas obscuros que ficavam a margem do que ela realmente queria dizer. O sutil estava por fora. O direto era o máximo.

Beije-me. Seja minha. Dan escreveu, imitando os slogans curtos sobre aquelas garotas dos corações de chocolate por quem ele sempre passava no Dia dos Namorados.

Gostosona!

Ele releu as palavras sem realmente vê-las. Sua mente ainda estava cheia demais da noite com Mystery para processar qualquer outra coisa. Os cabelos louros, sujos e pegajosos dela tinham cheiro de torrada, e quando ela tocou a barriga nua de Dan com as mãos frias e úmidas, todo o corpo dele se encrespou.

Ele sequer perguntou a ela o que ela queria dizer com morte prematura ou como o poema "Putas" salvara a vida dela, mas ficou tão inebriado pela taurina do Red Bull e pelos dentes espantosamente amarelos que provavelmente não se lembraria da resposta.

Perdi minha virgindade novamente, escreveu Dan, o que era verdade. Transar com Mystery foi como perdê-la de novo. Seria possível que toda vez que ele fizesse amor com uma mulher diferente ele se sentiria assim?

Antes que conseguisse imaginar quem seria a próxima garota de sorte, a sineta tocou e Dan foi arrancado de seus devaneios, fechando o caderno com uma pancada e enfiando-o sob o braço.

- Ei, Zeke - chamou ele. - Pago o sushi do almoço se você esperar que eu mande um e-mail do laboratório.

- Tá legal. - Zeke deu de ombros, tentando não parecer empolgado demais que o velho amigo realmente estivesse dignando-se a lhe dar atenção novamente. Desde quando Dan Humphrey, o rei do rolinho primavera barato e do café vagabundo, comia *sushi*?

- Soube que teve uma sexta-feira de sorte! - gritou Chuck Bass para Dan quando eles se cruzaram na escada. Chuck usava o suéter azul-marinho do uniforme da Riverside Prep com gola em V sem nada por baixo. - Bom trabalho.

- Obrigado - murmurou Dan, correndo pela escada até o laboratório de computação.

Estava se iludindo ao se convencer de que, mesmo que Vanessa descobrisse sobre ele e Mystery, assim que recebesse seu último poema, ela o perdoaria.

Como Mystery tinha escrito no bilhete - ele era um sedutor.

as meninas se apaixonam por admiradores secretos

Vanessa se sentia meio ridícula ao lado de garotas desesperadas na apinhada e superaquecida sala do laboratório de computação da Constance Billard, todas verificando o e-mail pela centésima vez para ver quem lhes havia mandado um patético e-card de Dia dos Namorados ou colocado uma mensagem na página do Admirador Secreto delas, a nova tradição alarmantemente pouco criativa que a escola tinha inaugurado no Dia dos Namorados passado. Mas Dan em geral entrava na rede pelo menos uma vez por dia, e como ele andou tão ocupado no fim de semana encontrando-se com Rusty Klein no desfile da Better Than Naked e não teve oportunidade de ligar para ela o fim de semana todo, ela imaginou que ele poderia tentar mandar um e-mail para ela hoje, em especial porque era Dia dos Namorados - não que qualquer um dos dois realmente ligasse para essa besteirada de feriado comercial.

É claro que não.

- Oi - ela ouviu alguém dizer. Era a irmã mais nova de Dan, verificando a página do Admirador Secreto no último terminal.

- Oi, Jennifer.

Jenny recuou na cadeira preta giratória e depois se puxou para a frente de novo. Tinha feito escova nos cabelos crespos e castanhos e parecia mais velha e mais sofisticada do que o habitual.

- E aí, você e Dan devem ter se divertido muito no desfile. Ele só chegou em casa, tipo assim, na sexta à tarde. Meu pai ficou resmungando sobre como nós dois éramos mimados e irresponsáveis, mas depois esqueceu completamente de brigar com o Dan. Como sempre.

Vanessa passou a mão na cabeça praticamente raspada.

- Na verdade, eu não fui ao mesmo desfile que ele. Fui convidada para outro.

Jenny ficou confusa.

-Ah.

No fundo de sua mente Vanessa sentiu que alguma coisa estava errada. O que Dan andou fazendo o tempo todo, aliás? Mas, novamente, a neve tinha atrapalhado tudo. Talvez ele tenha passado a noite na casa do Zeke ou coisa assim. Zeke morava no centro.

Ela entrou com o login de gatacareca, senha *miau*, e clicou na caixa de entrada. E claro que havia uma mensagem de Dan, e - que surpresa - era um poema. Vanessa leu o poema ansiosamente, sorrindo quando reconheceu que Dan não tinha feito absolutamente nenhum esforço naquilo. *Gostosona? O que era aquilo tudo? E o que era aquele "Perdi minha virgindade novamente"?* Que porra de brincadeira era aquela do Dan?

Ela clicou em responder e escreveu: *Rá-rá. Eu ri. Eu chorei. O que é que tá rolando, aliás? Devíamos estar fazendo um filme juntos, lembra?*

Enquanto esperava pela resposta de Dan, ela entrou na página do Admirador Secreto. Para sua surpresa, havia quatro mensagens:

Não consigo parar de te elogiar com todos os meus amigos. Ninguém mistura forma e significado como você, milady. – prettyboy

Você deu a este mundo de merda um novo tipo de beleza. Continue imprevisível. - d.

Feliz Dia dos Namorados para minha irmã muito especial em um dia especial. - RubyTuesday

Dá pra você ir a Cannes? Vamos tomar um café e conversar no Brooklyn Thurs. À noite? - o cineasta que te descobriu

Vanessa revirou os olhos quando leu a última. Ela apreciava o que Ken Mogul tinha feito por ela, mas ele não a havia descoberto, não exatamente. Ela estava ali o tempo todo.

Ela clicou na caixa de entrada novamente mas não havia resposta de Dan, então ela saiu.

- Até mais - sussurrou ela para Jenny, cujos grandes olhos castanhos estavam colados no computador.

- A gente se vê – respondeu Jenny sem desviar os olhos. Havia três mensagens em sua página do Admirador Secreto.

desculpe por não ter te dado um doce, mas não sabia bem de que tipo você gosta. vamos comer um depois da aula. Não estou a fim de ir direto pra casa, de qualquer forma. – garotatriste aliás, quando você quer terminar aquele quadro? - eu de novo
Aquelas duas eram definitivamente de Elise, mas a terceira parecia ser de um *garoto* autêntico, da vida real.

Desculpe por demorar tanto, mas não tive coragem para te escrever antes. Se quiser me encontrar, eu pego o circular da rua 79 para casa depois da aula. Não tenho certeza de como você é, mas se vir um cara realmente alto e magro de cabelo louro olhando para você do ônibus, sorria, porque provavelmente serei eu. Feliz Dia dos Namorados, Humphrey. Estou doido para te conhecer. Com amor, L

Jenny releu a mensagem várias vezes. Um cara alto e magro de cabelo louro? Parecia exatamente o cara que ela tinha visto na Bendel's! Mas o que significava *L*? Lester? Lance? Louis? Não, aqueles nomes soavam muito estranhos, e a mensagem não era nada esquisita, era só doce. Mas como foi que ele conseguiu o e-mail dela? Ah, quem liga pra isso? Ela nem estava acreditando: *ele queria conhecê-la!!*

Jenny imediatamente deletou as mensagens de Elise e correu para a impressora para pegar a de L. É claro que ela pretendia rodar no circular da rua 79 a tarde toda e a noite toda, se era o ônibus que ele pegava. Mas, Deus me livre, se eles nunca se encontrassem, Jenny teria de tratar aquele bilhete de amor com carinho e guardá-lo para todo o sempre. E ela que pensava que não ia mais se apaixonar. Viu como o Dia dos Namorados pode ser mágico?

abraçar, e não se drogar

- Você não ligou para a emergência? – perguntou Jeremy Scott Thompkinson a Nate enquanto desbelotava a erva no papel EZ Wider aberto no joelho direito.

- Dá um tempo pro cara - observou Charlie Dern. - Ele tava chapado, lembra?

- Eu ia dizer assim: "Valeu, sua maluca da porra! Não ligo se você vai apagar!" - brincou Anthony Avuldsen.

Jeremy tinha conseguido roubar um pouco da erva do irmão mais velho que estava em casa, de visita da faculdade, e agora os quatro garotos estavam espremidos em um alpendre afastado na East End Avenue tirando uma folga antes da aula de educação física.

Nate soprou nas mãos nuas e as enfiou nos bolsos do casaco revestido de cashmere.

- Sei lá. - Ele ainda se sentia muito confuso consigo mesmo. - Acho que eu só queria ligar para alguém que conhecia a gente. Alguém em quem eu pudesse confiar.

Jeremy sacudiu a cabeça.

- Cara, isso é exatamente o que aqueles psiquiatras da reabilitação *querem* que você faça. Eles já te programaram direitinho.

Nate pensou na forma como Georgie imitava a bobajada psicológica piegas de Jackie - toda aquela coisa de curar feridas e amizades negativas. Não parecia que Georgie tivesse sido programada. De repente Nate se perguntou se ela estava com raiva por ele ter ligado para Jackie. Georgie agora estava o tempo todo na Breakaway e não tinha permissão para receber nenhum telefonema, para o caso de um dos traficantes ligar ou coisa assim. Nate esperava vê-la de novo no grupo.

- Quanto tempo você vai ter de lidar com aquela besteira de reabilitação?- perguntou Charlie. Ele pegou o baseado aceso e deu um tapa.

- Seis meses - respondeu Nate. - Mas pelo menos não tenho de morar lá. - os outros meninos entoaram suspiros entediados e solidários de nojo. Nate não disse nada. Embora nunca tivesse admitido, ele meio que gostava de ir para a reabilitação e se encontrar com gente diferente nos grupos, em especial com Georgie. Ele ficava meio triste quando acabava.

- Caraca - disse Charlie, passando o baseado a Nate. Nate olhou o baseado e sacudiu a cabeça.

- Não, obrigado - murmurou a meia voz. Tinha um coração de papel vermelho amassado na calçada diante do alpendre onde os quatro estavam sentados. - É Dia dos Namorados?

- perguntou ele, distraído.

- É - respondeu Anthony. - Por quê?

- Uh - replicou Nate. Ele se levantou e espanou a neve das costas do casaco preto Hugo Boss. Pelo que parecia uma eternidade, ele sempre mandava rosas especiais no Dia dos Namorados. - Tenho de fazer uma coisa. Pego vocês na educação física, tá legal? Os amigos o observaram se arrastar decidido pela lama em direção a Madison Avenue até ficar fora de vista. Alguma coisa estava acontecendo com o velho amigo Nate Archibald, e não era só que ele tenha rejeitado um baseado pela primeira vez desde os dez anos de idade.

Será possível, mas será possível mesmo, que ele esteja apaixonado?

o dia n virou um dia d para b

Blair cobriu a boca com a mão e procurou não pensar em Owen em todo o caminho para casa para evitar vomitar no banco traseiro do táxi. Mas quando saiu do elevador de painéis de madeira e entrou na cobertura, suas narinas foram bombardeadas pelo cheiro pútrido de rosas, levando o estômago a se revirar agourentamente mais uma vez. Todo o hall da frente estava cheio delas. Rosas amarelas, brancas, cor-de-rosa e vermelhas. Ela largou a bolsa no chão e leu os cartões nos buquês.

A – Você é meu docinho. Com amor, S, dizia o cartão das rosas amarelas.

Audrey, minha aristocratazinha preferida, gostaria de ser minha namorada? Com amor, Cary, dizia o cartão das rosas vermelhas.

Minha querida Sra. Rose, que nossa filhinha seja tão adorável e tão maravilhosa como você e que seja feliz como eu sou a cada dia que passo a seu lado. - Seu marido que a ama, Sr. Rose, dizia o cartão do buquê rosa e branco.

Como se um desses cartões não fosse o bastante para Blair revirar as tripas já reviradas, ela ainda foi bombardeada com *três* bilhetes extraordinariamente repulsivos. Atirando o casaco no chão, ela cambaleou para o banheiro mais próximo para esvaziar o estômago novamente.

- Mãe! - gritou ela, limpando a boca em uma toalha de hóspedes cor de pergaminho com o monograma R.

- Blair? - respondeu a mãe. Eleanor Waldorf andou lentamente pelo corredor usando uma roupa Chanel rosa de lã que estava folgada na cintura para acomodar a barriga de cinco meses de gravidez. O cabelo louro com luzes estava puxado para trás em um rabo-de-cavalo elegante e ela usava chinelos de pele de coelho branca e levava o celular. Como a

maioria das socialites do East Side, Eleanor passava ao telefone todo o tempo em que não estava em almoços ou no cabeleireiro. - O que está fazendo em casa? - perguntou a filha. - Está doente?

Blair apertou a barriga e evitou olhar para a mãe.

- Vi o cartão de Cyrus - grasnou Blair. - Vocês vão ter uma menina?

A mãe sorriu exultante para ela, os olhos azuis brilhando em êxtase.

- Não é maravilhoso? Descobri hoje de manhã. - Ela estalou os chinelos na direção de Blair e atirou os braços no pescoço da filha. - Cyrus sempre quis uma menina. E agora, quando você vier da faculdade, terá uma irmãzinha para brincar!

Blair fez uma careta enquanto o estômago dava outra volta a menção da faculdade.

- Espero que não se importe - tagarelou Eleanor. - Mas estamos planejando transformar seu quarto no quarto do bebê porque estamos sem espaço. Você e Aaron logo estarão na universidade, de qualquer forma. Não se importa, não é, querida?

Blair encarou a mãe com os olhos vagos. Não tinha desejado um meio-irmão nem um padrasto, e certamente não queria uma irmã neném, em especial não uma que ia tomar conta do quarto *dela*.

- Eu vou me deitar - respondeu ela com a voz fraca.

- Vou mandar Myrtle levar um caldinho para você disse a mãe atrás dela.

Blair bateu a porta do quarto e afundou na cama, enterrando a cabeça nas profundezas dos travesseiros de pena de ganso extramacios. Kitty Minky, a gata russian blue cinza, pulou nas costas dela e amassou as patas no suéter preto e branco Fair Isle de Blair.

- Ajude-me - murmurou Blair infeliz para a gata. Se ao menos pudesse ficar deitada ali até o fim de agosto e depois ser levada de helicóptero a seu novo quarto nos alojamentos de Yale, pulando todas as partes ruins do roteiro do filme que era sua vida, as partes que precisavam ser reescritas.

Por hábito, ela estendeu a mão e apertou o play da secretária eletrônica na mesa-de-cabeceira, mantendo os olhos fechados enquanto ouvia.

"Oi, Blair, é o Owen. Owen Wells. Desculpe por não poder ligar antes. O que aconteceu? Eu acordei e você tinha ido embora. De qualquer forma, feliz Dia dos Namorados, linda. Me liga quando tiver um tempinho. Tchau."

"Oi, Blair, é o Owen de novo. Recebeu minhas flores? Espero que tenha gostado. Me liga quando tiver um tempinho. Obrigado. Tchau."

"Oi, Blair. Sei que está meio em cima, mas gostaria de jantar comigo? Hmmm, é o Owen, aliás. Os planos no fronte doméstico mudaram e estou livre. Então, que tal Le Cirque hoje à noite, linda? Me liga."

"Oi, Blair. Reservei uma mesa no Le Cirque..." Blair atirou a secretária eletrônica para fora da mesa-de-cabeceira e a desplugou. Não se importava que Owen tivesse a voz mais sensual e fosse o melhor beijador de toda Nova York. Ela não podia mais bancar a Audrey para o Cary dele, não depois de Cary se revelar um *papai* mentiroso, traidor, filho da puta e obsceno. Ela nem ligava se Owen dissesse a Yale que ela era uma doida idiota que não duraria mais de duas semanas lá. Foda-se Owen e foda-se Yale.

Ela pegou o telefone e discou o número do celular de Owen. Foi o único número que ele deu a ela, provavelmente porque era o único telefone que ele mesmo podia atender.

- Blair? - respondeu Owen ansioso ao primeiro toque.

- Por onde você andou? Fiquei tentando te achar o dia todo!

- Na escola? - rebateu Blair. - Sei que faz muito tempo para você, mas é para lá que eu vou durante a semana, o lugar onde nos ensinam coisas. Só estou em casa agora porque não estou me sentindo bem.

- Ah. Acho que não vai jantar, então?

A voz de Owen não parecia nada sexy, agora que ela sabia do completo babaca que ele era. Blair foi até o espelho de corpo inteiro e examinou o cabelo. Já parecia um pouco maior. Talvez não levasse tanto tempo para crescer de novo. Ou talvez o cortasse ainda mais curto. Ela puxou o cabelo para trás com força para ver como ficaria supercurto.

- Eu conheço sua filha - sibilou ela ao telefone enquanto andava para o armário e vasculhava a gaveta de cima até encontrar a pequena tesoura antiga de prata que herdara da avó e que nunca teve muita utilidade.

- B-blair... - gaguejou Owen.

- Vá se foder. - Blair desligou o telefone e o atirou na cama. Depois, pegando um punhado de cabelo, ela começou a retalhá-lo com a tesourinha de prata.

Adeus, Audrey Hepburn; olá, Mia Farrow em *O bebê de Rosemary!*

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

A FORMA MENOS DOLOROSA DE DIZER ADEUS

É triste, mas é verdade. A realidade do Dia dos Namorados é que ele exige dos relacionamentos coisas com que os relacionamentos podem não conseguir lidar. O que você faz quando os dois sabem que acabou e você só quer se afastar para poder começar a estourar os cartões de crédito em presentes para si mesma em vez de para outra pessoa? Na minha vasta experiência com rompimentos dolorosos, quanta menos você disser melhor. Não estrague as coisas. Um simples gesto significa muito mais. Um convite para fazer alguma coisa "com a turma" em vez de sozinhos. Um beijo terno no rosto. Um aceno de adeus. E não ouse devolver presente nenhum. Eles são seus! Fique com eles.

UMA COISA QUE VOCÊ PODE NÃO TER PERCEBIDO SOBRE MIM

Eu *sou* real. Isso quer dizer que faço aniversário. Na segunda que vem farei 18 anos, vou dar uma festa e todos estão convidados.

Sei o que você está pensando. É *segunda-feira*. Mas na verdade, o que mais você tem para fazer numa segunda à noite? O dever de casa de latim? Uma máscara facial? Além disso, a semana vai *voar* depois disso, eu prometo.

Quando? Segunda, das 9 da noite até amanhecer.

Onde? No Gnome. Não esquenta se nunca ouviu falar dele.

Ninguém ouviu. É um clube novíssimo e muito maneiro na Bond Street que vai fazer a inauguração na noite da minha festa. Não é doce?

O que levar? Você mesmo, seus amigos mais lindos e, é claro, um presente!

Flagra

B ausente da escola pelo segundo dia seguido. **D** esperando no saguão do **Plaza Hotel** parecendo nervoso com a roupa nova elegante Agnès B. **S** no ateliê de **Les Best** experimentando um lindo vestido amarelo girassol para uma sessão de fotos. **J** andando no circular da rua 79, indo e voltando pelo parque durante *horas*. **A** tocando guitarra no trem de volta de Scarsdale, onde ele ficou escondido por dias. **N** correndo pelo Central Park - uma vida tão limpa resulta num cara cheio de energia!

Seu e-mail

P: Cara Gossip Girl,

Beijei uma menina (sou menina também), mas isso não quer dizer nada. Na verdade, tem um garoto de que eu gosto. O que devo dizer a essa menina sem magoar os sentimentos dela, porque ela é minha amiga?

- dois problemas

R: Cara dois,

Nunca acreditei muito na teoria de que beijar alguém é uma promessa de que você não vai beijar mais ninguém. Beijar é divertido. Por que se limitar só a um beijador? O truque é dizer a pessoa que você só está se divertindo, não pretende se casar nem nada. Aliás, é melhor fazer isso *antes* de beijar, e não depois.

-GG

P: Estou presa na reabilitação e posso entrar na Web, mas algumas contas de e-mail estão bloqueadas e por isso não posso mandar uma mensagem aquele garoto que estou namorando e sinto saudade dele. Ele até me mandou rosas! Por sorte eu posso entrar no seu site e aí posso dizer ao mundo que estou apaixonada. Talvez, quando eu sair daqui, a gente possa tomar umas pra comemorar. Por minha conta.

- rehab babe

R: Cara babe,

Em vez de a gente beber quando você sair, você devia começar o seu próprio site. Ou escrever um livro. É só uma sugestão.

-GG

Não se esqueçam da minha festa... Esperem a lista de presentes!

Pra você que me ama,
gossip girl

o estilo de vida dos ricos e famosos

Na quarta-feira depois da aula, Dan estava parado no saguão do Plaza Hotel, remexendo no colarinho do paletó do novo terno Agnès B. preto e agarrado ao caderninho com capa de couro vermelho que Mystery tinha dado a ele no Dia dos Namorados.

Ele só havia ido ao Plaza uma vez, quando ele e Vanessa foram ao Central Park para filmar patinadores do gelo e ela teve de usar o banheiro. Mesmo no novo terno elegante ele se sentia deslocado naquele ambiente suntuoso.

Mas estava começando a se acostumar com isso. Afinal, estava prestes a se tomar um autor muito famoso que ia tomar chá com a agente em hotéis de luxo regularmente.

Plebeu em um castelo de espelhos, pensou de, formando o começo de um poema.

- Daniel! - Dan ouviu Rusty Klein gritar do outro lado da sala. Desta vez ela estava usando a peruca vermelha em grossas mechas dos dois lados da cabeça, e sua imensa constituição de mais de 1,80 metro estava coberta por um robe de gueixa japonês preto e incomum pontilhado de florezinhas brancas, acompanhado de botas de veludo preto com saltos agulha - como se ela já não fosse alta o bastante. Mystery estava ao lado dela parecendo um fantasma faminto em um vestido esfarrapado cor de ameixa e botas gastas de couro marrom. A clavícula se destacava do corpo esquelético como uma asa de avião e os lábios estavam tão rachados que eram completamente brancos.

A princesa esquelética é carregada em um raio de pó.

- Oi. - Dan as cumprimentou casualmente, como se ele sempre fosse ao Plaza depois da aula. Dentro da camisa Agnès B. branca, a caneta antigravidade de prata que Mystery lhe dera batia no peito pálido. - Obrigado pelos presentes. Rusty arrastou-o para um abraço de urso, sufocando-o com o desagradável perfume de óleo de peixe e manchando a bochecha dele de batom rosa-alaranjado.

- Mystery e eu nos divertimos *muito* comprando para você, querido! Tivemos de nos *obrigar* a parar.

Mystery passou a língua nos dentes amarelos.

- Estávamos bebendo martinis e desconstruindo Kafka como duas velhas patetas - grasnou ela, parecendo que estava bêbada e não dormia há semanas. Ela piscou os olhos cinza sonolentos. - Agora que você chegou, posso comer. Você me mata de fome.

Ossos envolvidos em asas de mariposa costurados com teias de aranha.

- É por aqui. - Rusty deu uma risadinha, ignorando a estranha declaração de Mystery. Ela os conduziu pelo imenso saguão, para dentro de um grande salão de chá cheio de espelhos dourados, cristal tilintando e senhoras abertamente perfumadas com cabelos recém-penteados. A mesa redonda com toalha branca tinha sido posta com um serviço de chá de prata e uma bandeja de prata em três camadas cheia de bolos recém-assados, potes de geléia e minúsculos sanduíches de pepino no pão sem casca. Duas taças de martini pela metade estavam sobre a mesa, prontas para ser esvaziadas.

- Fizemos uma festinha para comemorar a estréia de Mystery - explicou Rusty alegremente. Ela se sentou e virou o resto da bebida.

A rainha da poesia dá um arranco tentador.

Dan se sentou ao lado dela e pôs o caderninho de couro vermelho na mesa.

- Que estréia?

Rusty pegou um bolo de blueberry e o lambuzou de manteiga, enfiando tudo em sua enorme boca rosa-alaranjada, onde desapareceu imediatamente.

- Meu Deus, você trouxe seu bloco de anotações. Anda escrevendo tudo? Lembre-se, nada e inconseqüente! - Ela piscou para Mystery. - Quem sabe? Tudo pode acabar num

livro!

Mystery riu e olhou para Dan.

- Terminei meu romance - confidenciou ela com a voz rouca.

Casa em chamas! Casa em chamas!

Dan passou o polegar nos dentes do garfo enquanto absorvia a informação. Mystery tinha terminado de escrever todo um romance em menos de uma semana e só o que ele fez foi escrever um poema vagabundo de Dia dos Namorados para Vanessa. Ele nem conseguiu suportar ler a resposta de Vanessa depois de lhe mandar o poema, de tão ruim que ficou.

- Mas eu pensei que tivesse acabado de começar – disse ele, sentindo-se estranhamente traído.

- E foi. Mas no domingo à noite eu caí do platô e continuei com ímpeto, e só consegui parar de escrever quanto terminei.

Mandei por e-mail para Rusty hoje ao amanhecer, assim que a limpeza das mas estava chegando. Ela já leu todo o livro.

Diz que sou a Virginia Woolf do futuro!

- Achei que você fosse a Sylvia Plath do futuro – acusou Dan, rabugento.

A princesa mariposa evita roubar carne.

Mystery sacudiu os ombros magros e despejou uma colherada de açúcar no martíni, mexendo-o pensativamente antes de pegar a taça com as duas mãos e tomar um gole.

- Aliás, vamos falar de *você*, Dannyboy. - Rusty praticamente gritou. - Ah, que merda. - Ela pegou o celular rosa da bolsa, apertou uns botões e o ergueu para ouvir. - Esperem um pouco, meus amores. Tenho de pegar meus recados.

Dan esperou, observando Mystery enfiar tantas colheres de açúcar no martíni que parecia menos um martíni e mais um 7-Eleven lamacento. Ele não tinha percebido antes, mas as unhas tortas e roídas de Mystery eram tão amarelas quanto os dentes.

Rusty atirou o celular no meio da mesa.

- Acho que você devia escrever suas memórias – disse ela a Dan, pegando outro bolo e quebrando-o ao meio. - *Memórias de um jovem poeta*. Adoro! - gritou ela. - Você é o Rilke do futuro!

A rainha dos palhaços tira um coelho rosa dos cabelos.

Dan pegou a caneta. Queria escrever algo sobre as unhas amarelas de Mystery no bloco de anotações e como era surpreendente que ele não conseguisse se desligar delas. Na verdade, elas deixavam-no *excitado*.

- Mas como posso escrever minhas memórias se só o que eu faço é ir a escola? - argumentou ele, infeliz. – Nada grande acontece comigo. - Ele pegou a chaleira com as mãos trêmulas e despejou um chá Earl Grey quente e fragrante em sua xícara branca. Ah, *caféina*.

Rusty bateu na capa do bloco de anotações com as unhas compridas e rosa-alaranjadas.

- *Pequenas coisas*, querido. Pequenas coisas. E você pode pensar em adiar a faculdade e escrever por um ou dois anos, como Mystery. - Ela limpou a boca com um guardanapo de tecido branco, manchando-o de batom. - Inscrevi você e Mystery em um recital de poesia no Rivington Rover Poetry Club amanhã à noite. Buckley já está distribuindo as filipetas. É a nova moda. Todos os velhos clubes de poesia estio voltando. Vocês conseguirão se sair bem. E digo mais: a poesia é o rock'n'roll do futuro!

Mystery deu uma risadinha e chutou a canela de Dan debaixo da mesa como uma bêbada imbecil. Dan ficou tentado a retribuir o chute porque meio que doeu, mas não queria ser imaturo.

Rusty estalou os longos dedos e o garçom apareceu instantaneamente.

- Dê a estas crianças o que o coração delas desejar - orientou ela. - Tenho de correr, meus queridos. Mamãe tem uma reunião. - Ela soprou beijos para os dois e depois saiu estalando os saltos pela sala com o vestido de gueixa, virando cabeças com suas tranças enormes e estatura imensa.

A mãe pássaro voa do ninho, deixando a princesa e o plebeu de bico aberto.

Mystery engoliu o resto do martini de Rusty e olhou com um ar exausto para Dan com os olhos cinza caídos.

- Toda vez que Rusty fala seu nome eu sinto o coração descer até a coxa - confessou ela guturalmente. - Fiquei dominada pelo desejo a semana toda, mas consegui canalizar essa energia animal em meu livro. - Ela deu um risinho. Os dentes pareciam ter sido pintados de lápis de cor amarelo. - Algumas partes dele são totalmente pornôs.

O plebeu se transforma em príncipe. Para cunhar uma expressão, estou entronizando.

Dan pegou um sanduíche de pepino e o enfiou na boca, mastigando-o violentamente sem sequer sentir o sabor. Ele devia ir para casa e escrever suas memórias. Devia ter uma namorada. Devia dar o fora nessa garota decididamente insana, excitada e de dentes amarelos. Mas a verdade era que ele também estava excitado. Ele perdeu a virgindade duas vezes e mal podia esperar para perdê-la vezes sem conta.

- Vamos - chamou Mystery, estendendo a mão de unhas amarelas. - Vamos pegar um quarto e colocar na conta da Rusty.

Dan pegou o bloco de anotações e seguiu-a para a recepção. A poesia que se danasse. Ele não conseguia resistir a seguir esta historia até o próximo capítulo.

I de love

Jenny não conseguia ter certeza se o L que lhe mandara um bilhete no Dia dos Namorados era realmente o garoto da Bendel's. Podia ser um nerd total ou um velho pervertido e grosseiro, mas no fundo ela estava apaixonada por ele. Sentia-se como uma garota em um conto de fadas apaixonada por um mascarado, e estava decidida a andar no circular da rua 79 até encontrá-lo pessoalmente. Segunda e terça ela rodou sozinha no ônibus até as sete da noite, sem sorte. Na quarta depois da aula, Elise foi com ela.

- Não entendi. Por que estamos fazendo isso de novo? - perguntou Elise. Ela já havia terminado todo o dever de casa e estava olhando pela janela por sobre o ombro de Jenny, quase chorando de tédio.

- Eu te disse. Deixei meu gorro favorito no ônibus hoje de manhã e, se eu pegar vários ônibus, tenho certeza de que vou encontrar - mentiu Jenny.

- Alguém provavelmente pegou - argumentou Elise. - Aquele seu gorro bonitinho, vermelho e felpudo? Tenho certeza de que alguém pegou.

Uma mulher de meia-idade e tornozelos inchados, usando um impermeável deselegante e lendo o *Wall Street Journal*, olhou para elas como as pessoas sempre olham para adolescentes quando estão falando em público. Tipo assim, pode por favor apertar o botão mute? Bem, *com licença*.

- Só este último e depois a gente pode ir pra casa – prometeu Jenny, embora tenha prometido a mesma coisa dois ônibus atrás.

Elise pôs a mão no joelho de meias pretas de Jenny e deixou a mão ali.

- Eu não ligo. Não tenho nada melhor para fazer mesmo.

Jenny esperou que Elise tirasse a mão.

- O que está fazendo? - sussurrou ela alto.

- Com o quê?

- *Com a sua mão.*

- O livro diz para expressar seu afeto com carícias delicadas - declarou Elise.

- Mas não quero que você expresse. Além disso, estamos em um *ônibus* - sibilou Jenny, empurrando a mão de Elise para longe. A última coisa que ela queria era que L visse ela e Elise *acariciando-se. Meu Deus.* Que coisa constrangedora.

- Qual é o problema com isso? - reclamou Elise, esmurrando a perna de Jenny assim que o ônibus passou por uma lombada. Jenny escorregou do banco e caiu no chão, a bunda batendo com força nos sapatos da vizinha.

Jenny fechou os olhos, mortificada demais para abri-los.

Se seu admirador secreto estivesse vendo agora, não ia mais escrever nenhum bilhete de amor para ela. O ônibus deu um solavanco em outra lombada enquanto rugia pelo parque e os peitos de Jenny balançaram impiedosamente, como se ela já não tivesse o bastante.

- Vem. - Alguém pegou o braço dela.

- Vá se foder – murmurou Jenny, totalmente humilhada.

Ela afastou a mão com uma pancada e lutou para se colocar de pé. Uma cabeça loura assomou acima dela. Alto. Nariz bonito. Olhos castanho-claros com cílios alourados. Era *ele* o garoto da Bendel's!

- Você está bem? - perguntou ele. - Tem um banco vazio aqui atrás. Por que não se senta?

- Ele pegou a mão dela e a empurrou para trás através da multidão.

Jenny escorregou para o banco duro e estreito e olhou para o garoto, o coração aos saltos. Ele parecia ter uns 16 anos e era perfeito, simplesmente perfeito.

- Você é L? - perguntou ela sem fôlego.

Ele sorriu, tímido. Um dos dentes da frente estava meio lascado.

- Sou. Meu nome é Leo - respondeu ele.

Leo. É claro.

- Eu sou Jennifer! - Ela praticamente gritou, de tão excitada que estava.

- Jennifer - repetiu Leo, como se fosse o nome mais extraordinariamente bonito que ele já ouviu.

Elise se enfiou por entre a multidão da hora do rush e semicerrou os olhos azuis para Jenny.

- Ei, desculpe por ter te empurrado. Você tá legal?

Leo deu seu adorável sorriso de dente lascado para ela como que para dizer que qualquer amiga de Jenny era amiga dele.

O primeiro instinto de Jenny foi rosnar para Elise fechar a matraca, para que ela e Leo pudessem se conhecer em paz. Mas ela não queria que Leo pensasse que ela fosse uma piranha total. O homem sentado ao lado dela se levantou e Jenny deu um tapinha no banco.

- Senta.

Elise largou o corrimão e caiu com um baque no banco.

- Oi - disse ela, olhando para Leo. Ela bateu o joelho na perna de Jenny quando o reconheceu. - *Oi.*

- Elise, este é Leo. Leo está é Elise. - Jenny os apresentou com gentileza. O ônibus parou abruptamente e Leo colocou a mão no ombro dela para se apoiar. *Ai, meu Deus. Ele tocou em mim! Ele tocou em mim!*

Jenny podia sentir Elise analisá-los enquanto tentava deduzir o que estava acontecendo.

- Você também é da Constaace Billard? – perguntou Leo a Elise.

Elise assentiu, parecendo totalmente confusa. De repente, Jenny se sentiu mal por ela. Ela colocou o braço em volta da amiga e sorriu para Leo.

- É minha melhor amiga.

Elise deu uma risadinha e deixou a cabeça tombar no ombro de Jenny.

- Acho que você encontrou seu gorro - cochichou ela baixinho.

- É - Jenny riu de volta, aliviada por Elise ser legal o bastante para não fazer perguntas demais. Quando ficassem sozinhas, ela explicaria tudo, como grandes amigas deviam fazer. Ela olhou para o rosto perfeitamente estruturado e perfeitamente pintável de Leo, desfalecendo quando de lampejou novamente o sorriso tímido de dente lascado. – Eu sabia que seu nome não podia ser Lance.

v rejeita a oportunidade de filmar peixes em decomposição!

- Fico feliz por você ter vindo - disse Ken Mogul na quarta à tarde quando Vanessa se juntou a ele em um reservado no Chippies, a nova cafeteria de Williamsburg, na rua em que ela morava. Ele empurrou uma caneca fumegante de capuccino para ela. - Pedi para nós dois. Espero que esteja bom para você.

Vanessa se sentou com a parca preta e pegou a caneca com as duas mãos, franzindo os lábios enquanto soprava a espuma leitosa e quente.

- Obrigada por ficar comigo naquela coisa grotesca do desfile. Foi uma besteirada e tanto.

-Ela estremeceu, odiando o modo como ficava quando falava com Ken Mogul. Tipo uma presunçosa idiota descerebrada.

Ken empurrou os óculos escuros Persol de aro de tartaruga para o alto dos cabelos ruivos elegantemente cortados e se inclinou por sobre a mesa, pronto para falar de negócios.

- Gostaria que fosse comigo a Cannes na primavera. Vou te apresentar a outros cineastas independentes brilhantes. Podemos trocar energia e ter novas idéias juntos. Depois quero que você adie a faculdade por um ou dois anos para fazer alguns filmes comigo. Vai ser mágico, posso sentir isso.

Enya tocava no sistema de som. Vanessa abriu o casaco e o fechou novamente. Ela odiava Enya.

- Eu tinha começado um novo projeto na América do Sul - continuou Ken Mogul. - Abre com gaiotas alimentando os filhotes com carne de peixes em decomposição e depois passa a gorilas na floresta tropical abandonando a cria. Depois vou cortar para as ruas do Rio, onde as crianças estão se prostituindo em troca de drogas. Não comecei a filmar ainda, mas estava pensando se você podia entrar nessa e conhecer algumas *crianças*, *fazer amizade* com elas, pegar as *histórias* delas. Por acaso não sabe português, não é? Vanessa sacudiu a cabeça. *será que ele estava brincando?*

- Espanhol?

Ela sacudiu a cabeça novamente.

- Não importa. Teremos um intérprete, ou encontraremos algumas crianças que falem inglês. Todas as suas despesas serão pagas pela Duke Productions. Lembra do Duke, da festa Better Than Naked?

Vanessa assentiu com um sorriso de diversão. Como podia se esquecer de Duke, o cara mais burro do planeta?

- Você terá um carro, um apartamento, equipamento gratuito e tudo o que precisar - acrescentou Ken. - Está nessa comigo?

Vanessa percebeu pela primeira vez que Ken Mogul tinha muito pouca definição na área do queixo. Na verdade, ele praticamente não tinha queixo.

- Eu sempre quis ir a Cannes - respondeu ela, bebendo pensativamente o capuccino. - E esse seu novo projeto parece realmente... espantoso. Mas já fui aceita na NYU. Quero ir para lá desde que eu tinha onze anos. Não há como adiar.

- Mas e o meu filme? Prostituição infantil! Animais abandonando a cria! É revolucionário! - Ken Mogul soltava perdigotos, cuspiendo em todo o balcão. Vanessa pensou que, se ele tivesse mais queixo, o cuspe não iria tão longe.

Por sobre o ombro de Ken, Vanessa percebeu uma filipeta azul-clara alfinetada num quadro de avisos.

*Canal Aberto na Rivington Rover Poetry Club
Apresenta Recitais de
Daniel Humphrey e Mystery Craze
Quinta-feira, 20 horas*

Não surpreende que Dan a tivesse evitado a semana toda. Ele estava ocupado ficando famoso.

- Vanessa? Ainda está nessa comigo? - perguntou Ken. - A primeira lição a aprender nesse negócio é que o relógio não para.

Vanessa deu seu sorriso de Mona Lisa meio divertido, meio irritado. Embora estivesse lisonjeada que Ken a tenha convidado para trabalhar com ele, ela não tinha a intenção de se tomar uma mini-Mogul. Queria desenvolver a *própria* voz e a *própria* carreira, e não dedicar toda a energia no trabalho de outra pessoa, mesmo sendo brilhante. Ela sacudiu a cabeça escura quase raspada.

- Desculpe.

O queixo de Ken Mogul, que quase não estava ali, desapareceu completamente enquanto ele perdia totalmente a compostura.

- Eu nunca propus parceria a ninguém - disse ele ferozmente. - Está é a oportunidade da sua vida. Estou te dando a chance de fazer um filme de destaque antes que você faça vinte anos. Nunca se ouviu falar disso!

Aquele cara velho no desfile da Cult of Humanity tinha aconselhado Vanessa a não levar o talento muito a sério. Ken obviamente levava o dele a sério *demais*. Ela se levantou e arrancou a filipeta azul-clara do quadro de avisos atrás da cabeça de Ken. Ela e Dan deviam estar trabalhando num filme *juntos*, mas, se ela pudesse dar um pulo no clube e filmá-lo falando sem que ele percebesse, seria ainda melhor. Dan sempre ficava melhor quando não sabia que estava sendo visto.

- Obrigada. Eu fico honrada, realmente fico. Mas estou trabalhando numa coisa nova, minha. Acho que prefiro terminar.

Ken Mogul empurrou os óculos de sol para o nariz e olhou pela janela.

- O prejuízo é seu.

- Obrigada pelo café - disse Vanessa, embora ele não estivesse mais olhando para ela, que dobrou a filipeta azul e a enfiou no bolso. - Boa sorte em Cannes.

Ken Mogul fechou a parca Prada forrada de pele e puxou o capuz por sobre a cabeça, como que para bloqueá-la totalmente.

- Tchau.

Vanessa foi para casa preparar o equipamento de filmagem e pensar no que precisava levar para o recital no Rivington Rover Poetry Club amanhã à noite. Quando Dan terminasse o recital, ela surgiria da multidão e o surpreenderia com uma enorme caneca de Irish coffee, a bebida favorita dele. Depois eles contariam histórias sobre todos os débeis mentais famosos que tinham conhecido na semana anterior. E ela o levaria para casa e o lembraria do que ele andou perdendo. Ela ia mostrar como perder a virgindade novamente do modo como ele escreveu naquele poema maluco.

Como se ele precisasse de uma aula.

s reinventa a lágrima

- Quer levar Mookie para passear comigo? – perguntou Aaron a Blair através da porta fechada do quarto dela. Era quarta-feira à tarde e Blair tinha se entocado no quarto desde segunda, só abrindo a porta para receber baguetes de brie e tomate e canecas de chocolate quente que Myrtle levava para ela às dez da manhã e às cinco da tarde. Tinha inclusive abusado da boa-fé do médico da família, pedindo a ele que escrevesse um atestado, livrando-a da escola por uma semana. Ela não estava exatamente doente, garantiu o médico a mãe dela. Escolas como a Constance simplesmente exigiam demais das meninas, em especial das terceiranistas, e depois havia toda aquela pressão tradicional para entrar em uma das melhores universidades do país. Blair simplesmente precisava de alguns dias de descanso e ficaria bem de novo.

Bem, não é bem assim. Blair estava usando os poucos dias de descanso para se reinventar totalmente de novo. Tipo Madonna.

Aaron empurrou a porta e enfiou a cabeça para dentro. O ar estava pungente do cheiro químico de fumaça de cigarro misturado com desinfetante bucal de menta. A cabeça de Blair estava embrulhada em uma echarpe Pucci preta e rosa, e ela se recostava na cama com os tornozelos nus cruzados, usando um roupão branco felpudo e fumando um Merit Ultra Light com uma longa piteira preta. O look era muito Greta-Garbo-escondida, que era exatamente o efeito que ela pretendia.

Do outro lado do quarto, O *grande Gatsby*, com Robert Redford e Mia Farrow, rolava silenciosamente na TV Blair deu uma tragada no cigarro, olhando dramaticamente a uma curta distância. Não conseguia suportar olhar para Aaron porque ele estava usando o suéter de Harvard de novo, como se estivesse especialmente vestido para irritá-la. Ela já arrancara o pingente de Yale do dossel da cama e o atirara pela janela do banheiro com o velho suéter de Yale do pai.

- Se não se importa, gostaria que, por favor, desse o fora do meu quarto.

- Eu já estava saindo - respondeu Aaron. - Ei, tem falado com Serena ultimamente?

Blair sacudiu a cabeça.

- Por quê?

- Por nada. - Aaron deu de ombros, pouco à vontade. Ele tem saído com os colegas de Scarsdale desde a sexta à noite e não tem visto nem falado com Serena desde o desfile da Les Best. Aaron pegou uma lata de cigarros naturais do bolso traseiro e a atirou na cama de Blair. - Experimenta esse - aconselhou. - É cem por cento natural, e o cheiro é melhor do que essa merda produzida em massa.

Blair chutou a lata no chão.

- Bom passeio pra você.

Aaron fechou a porta do quarto atrás de si e saiu com Mookie. Entrou no parque pela rua 72, tomando o caminho que levava a uma pequena passarela de madeira sobre um córrego que alimentava o lago. De vez em quando Mookie parava para cavar furiosamente na neve com as patas castanhas e brancas, como se estivesse procurando um brinquedo que tinha deixado ali no vedo anterior. Depois, por fim, desistia e voltava a trotar.

Uma lourinha com óculos de sol e um boné azul dos Yankees corria usando a camiseta I LOVE AARON sobre o abrigo aveludado vermelho; a mesma camiseta I LOVE AARON que Serena tinha usado no desfile da Les Best. Aaron tinha quase certeza de que a loura era a atriz Renée Zwingdinger, ou sei lá qual era o nome dela, mas não conseguia ter certeza absoluta. Era muito engraçado pensar que atrizes e modelos famosas podiam usar blusas com seu nome quando ele era só um cara que saiu com uma garota bonita que ele achava que não ia mais sair com ele.

Quando a passarela de madeira entrou no campo de visão, Aaron percebeu que ela estava cheia de gente e aparelhagem, uma espécie de equipe de filmagem. À medida que se aproximou, ele viu que na água congelada, do outro lado da passarela, um cameraman estava de pé numa pequena balsa inflável, ajustando o tripé.

Aaron deixou Mookie caçar esquilos debaixo de uma áyore enquanto via os procedimentos. O amontoado de gente na ponte se dividiu e revelou uma garota usando um vestido de verão amarelo-girassol muito pequeno e sandálias azuis, os cabelos louros voando no vento gelado. Era Serena, é claro.

Era inconfundível.

De repente Mookie disparou pela neve na direção de Serena, latindo com deleite e abanando o rabinho coto de boxer.

- Mookie, não! - gritou Aaron. Todos na passarela, inclusive Serena, viraram-se para ver.

- Mookie! - guinchou Serena, abaixando-se para beijar o cachorro no focinho úmido enquanto ele rebojava excitado entre as pernas dela. - Como é que tá, lindinho?

Aaron andou para a passarela, as mãos enfiadas bem no fundo dos bolsos da calça verde-oliva.

- Desculpe - murmurou ele para a turma de maquiadores e cabeleireiros.

- Está tudo bem - disse Serena, levantando-se. Ela afastou a comitiva e beijou Aaron levemente no rosto. Seu vestido amarelo tinha estampas de pássaros azuis iridescentes e o brilho labial cheirava a melão. - Estamos fotografando para uma propaganda de perfume. Você pode ver, se quiser.

Aaron continuou com as mãos nos bolsos. Havia um milhão de coisas que ela podia ter dito para fazê-lo se sentir culpado por ter se escondido em Scarsdale e não ter ligado para ela, mas Serena era elegante demais para isso. Ela estava verdadeiramente magnífica, o que era parte do motivo pelo qual ele a teria deixado. Era esforço demais acompanhar o passo de alguém que brilhava tanto como Serena.

- Eu não quero te atrapalhar - disse Aaron. Ele abriu a lata de cigarros natura is e ofereceu a ela. Ela pegou um e o colocou entre os lábios pintados de brilho coral enquanto ele o acendia para ela. - Ah, e obrigado pelas rosas.

Serena exalou, soprando a fumaça doce no ar gelado.

- Não fizemos nossas tatuagens.

Aaron sorriu ternamente.

- O que talvez tenha sido uma boa idéia.

Uma lágrima perfeita começou a se formar no canto do olho direito de Serena e tremulou na beira da pálpebra inferior.

- Vamos terminar isso! - gritou o fotógrafo de seu barco inflável.

Serena se virou para acenar para ele, o vestido amarelo agitando-se em volta dos joelhos e o cabelo louro voando. Naquele momento, a lágrima caiu em sua adorável bochecha, uma ilustração perfeita de toda emoção humana que a Les Best queria transmitir no anúncio do novo perfume. Eles eliminariam o cigarro da mão de Serena e o arrepio de frio nos braços e nas pernas, mas você se surpreenderia com a facilidade com que isso é feito.

a reabilitação é o novo spa

Depois de ver *O grande Gatsby* duas vezes seguidas, Blair desligou a TV e pegou o telefone. Estava ansiosa para conversar com alguém, para fazer com que o mundo soubesse que ela ainda estava viva, apesar de tudo. O caso era que ela ficava absolutamente *apavorada* com a possibilidade de falar com qualquer solteiro que conhecesse, inclusive o pai gay que morava na França, com quem ela sempre contou para se confortar. Se ao menos houvesse outra pessoa, alguém novo e diferente que...

Na verdade, havia *uma* pessoa com quem podia tolerar falar. E por que diabos não devia ligar para ele quando ele tinha ligado inesperadamente na semana anterior enquanto ela cortava o cabelo?

Ela apertou a tecla de discagem rápida para o celular de Nate e, para sua surpresa, ele atendeu.

- Natie? - entendeu ela ao telefone. - Eu soube o que aconteceu. Como você está? Está tudo bem?

- Tá, na verdade eu estou bem mesmo – respondeu Nate, parecendo estranhamente careta.

- Meu pai ainda me aporrinha muito sobre o que aconteceu e eu não sei como isso

vai afetar minhas chances de entrar pra Brown, mas eu estou bem.

Blair apontou os dedos nus para o ar e fez uma careta para o esmalte rosa-algodão-doce de um dia que ela mesma pintara de puro tédio.

- Coitadinho - suspirou ela, solidária. - A reabilitação deve ser um porre total.

- Hmm, na verdade... e eu sei que isso parece estranho... estou começando meio que a *gostar* de lá – admitiu Nate. - Eu não queria ser obrigado a ficar lá o tempo todo, mas é um lugar legal mesmo, moderno e é, tipo assim, sei lá... *relaxante* fazer uma coisa que não tem nada a ver com a escola.

- É mesmo? - Blair afofou os travesseiros atrás de si e se sentou reta na cama. A reabilitação era *relaxante*? Talvez fosse exatamente do que ela precisava - um intervalo da trabalhadeira de sua existência cotidiana. Ela podia se imaginar enrolada num roupão

branco de spa, o rosto coberto com uma máscara verde de argila, os pés e as mãos cheios de agulhas de acupuntura, bebendo chás de ervas desintoxicantes enquanto se recostava em um sofá-cama batendo papo com um psicólogo atencioso de jaleco branco de linho. “Se você pudesse ser um animal, que animal seria”? – o psicólogo perguntaria a ela.

Nada muito desafiador.

Reabilitação. Por que não tinha pensado nisso antes? É claro que podia haver alguma terapia envolvida, mas ela nunca teve problemas em falar de si mesma. E, o melhor de tudo, *Nate estaria lá* - os dois juntos e sozinhos novamente, longe da cidade e de toda a sua bagagem confusa. Ela sempre sonhou em passar um fim de semana com Nate em um hotel romântico no Cape ou nos Hamptons. Uma clínica de reabilitação em Greenwich, Connecticut, seria quase igualmente bom. Claro que ela achava que queria apagar o Nate arrogante, livrar-se da presença dele de sua vida totalmente, mas Nate parecia que estava mudando de vida total, o que era exatamente o que ela tentava fazer!

- Então, como é que a gente entra na reabilitação mesmo? Dá pra se inscrever, ou tem de ser mandado para lá por alguém? - perguntou Blair, olhando para si mesma no espelho nas costas da porta do armário. Com o cabelo retalhado e a cara lívida, parecia tanto uma viciada em heroína que eles certamente a admitiriam.

- Acho que você pode se inscrever, mas quem seria maluco pra fazer uma coisa dessas? - perguntou Nate.

Blair sorriu. *Ela seria.*

- E aí, quer sair amanhã a noite ou coisa assim? – perguntou ela. - Sei que agi como uma piranha às vezes, Nate, mas eu sempre acabo sentindo a sua falta.

- Desculpe. Tenho de ir para o grupo da Breakaway respondeu Nate. Ele não via Georgie desde a noite da tempestade de neve e Jackie tinha prometido que Georgie voltaria ao grupo amanhã. - Eu pego o trem, então só vou chegar em casa muito tarde.

- Tá legal. Mas vamos sair juntos um dia desses, tá? - disse Blair. - Você sabe que me ama - acrescentou ela num sussurro sedutor e desligou.

Pulando da cama com uma energia recém-descoberta, ela tirou o cachecol Pucci da cabeça e passou uma bisnaguinha de gel capilar texturizante Bed Head no pouco cabelo que restava.

Depois ela abriu a porta do quarto pela primeira vez em toda a semana...

- Mãe! - gritou ela no corredor. - Vem aqui rápido. Preciso que me ajude com uma coisa. Que maneira melhor de uma protagonista fazer um retorno triunfal do que sair de uma reabilitação, fresca e rejuvenescida, com o protagonista lindo a seu lado?

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

AS LÁGRIMAS DE SERENA

O pessoal da Les Best não perdeu tempo em fazer a propaganda do novo perfume e agora todos vocês a viram. Magnifique, non? O perfume só estará disponível em abril, a não ser que, como eu, vocês tenham acesso a coisas que os outros não tem. Tem um aroma pesado de jasmim, com toques sutis de sândalo e patchouli. Estou usando o perfume agora e tenho de admitir que é tão divino quanta a propaganda. Mas quando uma certa loura esta envolvida, não devíamos esperar nada menos do que isso, não é?

HERDEIRA ADOLESCENTE DOA PARTE DA HERANÇA À REABILITAÇÃO

Parece que a pobre menininha rica de *N* foi picada pela mosca da generosidade. Para mostrar gratidão aos que a ajudaram nas ultimas semanas, ela esta financiando a construção de estábulos de ponta na propriedade Breakaway da desconexa Connecticut. Os estábulos abrigarão cavalos, porcos, cabras, cães, gatos e galinhas, que serão usados para fins terapêuticos, é claro. Aparentemente as cabras leiteiras podem fazer maravilhas com a cabeça de viciados em coca. Só esperamos que as mãos de nossa amada herdeira fiquem longe do armário de remédios dos estábulos!

Seu e-mail

P: Oi, GG

Sou paciente ambulatorial da Breakaway e estava lá hoje quando aquela garota de cabelo curto e doido e botas de pele chegou e atirou o cartão de crédito platinado dela pra enfermeira da recepção. Ela queria um quarto particular por duas semanas, de preferência com vista para a fonte.

Se ligaaaa! Eles disseram a ela que ela só podia ficar se estivesse prejudicando a si mesma ou aos outros, mas que ela era bem-vinda para se juntar ao grupo de adolescentes, se ela quisesse.

- sun

R: Oi, sun,

Fico surpresa que ela não tenha agendado uma série da máscaras faciais! Se você é do grupo de adolescentes, eu ficaria longe dela. Parece que ela esta em missão.

-GG

Flagra

J e os dois novos amigos no **Bowlmor Lanes**. Estavam tão bonitinhos juntos, mas eu estava lá, e um trio nunca dá certo. *S* mandada da escola para casa, doente de bronquite. Isso ensinará a ela a usar roupas de verão no verão! *B* comprando roupas para a reabilitação em uma loja elegante na **Mulberry Street**. Se ela vai fazer o papel de junkie desesperada, tem de parecer autêntica. *D* no metrô praticando para o recital do **Rivington Rover Poetry Club**, sussurrando para si mesmo acima do barulho do trem.

Está na hora de sair e fazer alguma coisa cultural pelo menos uma vez. Vejo vocês no recital hoje à noite!

Pra você que me ama,
gossip girl

em nome da arte

- Que bom que você está aqui - disse Dan a Mystery enquanto ela passava os dedos roídos e amarelos pelo cabelo desganhado e na moda dele. Por total coincidência, ele e Mystery chegaram ao Rivington Rover Poetry Club ao mesmo tempo, e nos últimos 15 minutos ficaram fumando Camels sem filtro e se apalpando em um banco do banheiro das mulheres totalmente grafite, tentando não enlouquecer com o recital. - Estou meio nervoso.

- Não fique. - Mystery afrouxou a gravata-borboleta dele e pegou a mão de Dan. - Vem. Vamos ver o que conseguimos.

Eles saíram do toalete das mulheres de mãos dadas, Mystery num vestido de seda amarelo-canário transparente através do qual a calcinha de algodão preta era totalmente visível e Dan com seu terno novo: Bonnie e Clyde da poesia.

O pequeno clube no porão escuro já estava lotado de pessoas bebendo café, recostadas nos velhos sofás esfarrapados que pontilhavam o ambiente causalmente. Uma bola de discoteca girava ao acaso no teto preto e no sistema de som Morrissey gemia uma música deprimente de seu disco mais recente.

As luzes piscaram duas vezes e uma japonesa minúscula, usando uma malha preta com calça de balé rosa, subiu ao palco.

- Bem-vindos ao canal aberto do Rivington Rover. É tão especial ter vocês aqui - sussurrou ela no microfone. - Hoje à noite dois dos mais especiais poetas de Nova York recitarão para nós simultaneamente. Tenho a honra de ceder o palco a Mystery Craze e Daniel Humphrey!

A sala escura e apinhada irrompeu em aplausos.

- Eu soube que eles ficaram acordados a noite toda com E e escreveram um livro juntos - cochichou alguém.

- Ouvi dizer que eram casados.

- Eu soube que eles eram gêmeos fraternos, separados ao nascimento - assinalou mais alguém.

Vanessa entrou pelos fundos do clube sem ser vista.

- Que diabo de nome é Mystery Craze? - Ela se perguntou enquanto colocava a câmera no olho e dava um zoom no palco.

Todo o corpo de Dan estava coberto de um suor frio e anormal. Tudo estava acontecendo rápido demais. Ele nem teve a oportunidade de pensar em como passou da poesia estranha e soturna, escrita em cadernos que ninguém lia, para se apresentar num palco com uma garota quase famosa em um clube cool, usando um terno elegante de grife. Mas não havia tempo para duvidar de si mesmo. Ele atuou em peças, representou nos filmes de Vanessa. Era o Rilke do futuro. Ele tirou o paletó e enrolou as mangas da camisa. Podia fazer isso. Mystery já estava esperando por ele no palco, os dedos ossudos agarrados ao microfone numa expectativa intensa. Dan podia ver agora que havia dois microfones, um para ele e outro para ela.

- Qual é seu substantivo preferido? - perguntou Mystery ao público com sua voz baixa e rouca.

- Torta! - gritou um cara de rabo-de-cavalo e obviamente de porre na primeira fila.
- Você é a antítese da torta - sibilou Mystery para Dan enquanto ele subia ao palco. - Quero te comer vivo.
Dan pigarreou e pegou o microfone para se preparar.
- Qual é seu verbo preferido? - perguntou ele em resposta, surpreso pela segurança que demonstrava.
- Trepar - respondeu Mystery friamente. Ela baixou as mãos e os joelhos, deslizando para ele com o microfone entre os dentes. - Trepar - repetiu ela, formigando entre as pernas e movendo o corpo lentamente até que o rosto dos dois ficasse a centímetros de distância. O vestido amarelo deixava os dentes dela ainda mais amarelos.
A câmera tremeu nas mãos de Vanessa. Então era por *isso* que ela não ouviu um pio de Dan ultimamente, nem mesmo para trabalhar em *A construção da poesia*. Dan andou fazendo poesia com Mystery Craze. E embora doesse ver o cara que ela amava por quase três anos cair na conversa de uma garota cujo nome verdadeiro provavelmente era algo totalmente entediante e nada poético como Jane James, Vanessa não conseguiu parar de filmar. Algo estava acontecendo com Dan que tinha de ser registrado em filme. Parecia que ele estava se descobrindo bem diante dos olhos dela.
- Alimente-me - grunhiu Dan no microfone enquanto Mystery se contorcia abaixo dele. - Revele seu corpo nu em meu prato.
O público uivou e gritou de deleite. Dan nem conseguia acreditar na diversão total que estava tendo. Ele era um poeta rock'n'roll, um deus do sexo! Esqueça Rilke, ele era Jim Morrison! Arrastou Mystery do chão e mergulhou em sua boca num beijo de deus do rock ansioso e durão.
Vanessa continuou filmando, as lágrimas quente descendo pelo rosto pálido. Não conseguia parar, e não estava fazendo isso para se torturar. Estava fazendo em nome de sua arte.
No palco, Dan desabotoou a camisa e Mystery lambeu o peito dele.
- Oh, papai - sussurrou ela com a voz rouca.
Ah, *irmaozinho*.

a diva faz sua entrada

- Boas-vindas a todos. - Jackie Davis cumprimentou o grupo de terapia de adolescentes da sexta à tarde da Breakaway. - É um prazer receber de volta nossa velha amiga Georgina Spark. - Ela bateu a caneta no clipboard. - Também estamos esperando uma nova amiga hoje. Mas, enquanto esperamos por ela, eu gostaria de reconhecer dois membros do grupo por sua coragem e por demonstrarem o que gosto de chamar de *construção da vida* para o resto de nós. - Ela deu um sorriso animador para Nate. - Nate, gostaria de nos contar o que aconteceu na sexta passada, agora que Georgie voltou?
Nate inclinou a cadeira para trás e depois a ajustou novamente. Do outro lado do círculo, Georgie estava sentada com as pernas cruzadas, usando um short curto de cetim laranja e sandálias de couro laranja, o que era uma opção meio estranha para o meio de inverno, mas ela não tem saído muito ultimamente. Seu luxuriante cabelo escuro caía sobre o rosto de Branca de Neve enquanto ela olhava para ele com um sorriso tímido nos lábios vermelho-escuros.

Nate esfregou as mãos nas calças Ralph Lauren verde-oliva. Meu Deus, ele queria beijá-la. Os outros membros do grupo esperavam ansiosamente. Eles sabiam que uma merda séria tinha rolado, mas ainda não tinham ouvido a história toda.

- Vá em frente, Nate – instigou Jackie.

- Na sexta-feira eu estava na casa da Georgie e a gente estava se divertindo, hmmm, se conhecendo - começou a explicar.

- Depois eu percebi que Georgie estava tipo tendo sua própria festinha exclusiva no armário de remédios. Quando ela caiu dura, eu meio que fiquei preocupado. Então liguei pra Jackie.

- Foi um pedido de socorro - entoou Georgie com um entusiasmo falso.

Nate riu para si mesmo. Ela ainda estava mal, mas era tão irresistível. E ele estava feliz por ter de ir a reabilitação por seis meses inteiros, porque na verdade ele queria ajudá-la da forma como Georgie o ajudou.

- Levamos Georgie para a clínica bem a tempo. Ela vai morar aqui por um período e esta se saindo tão maravilhosamente bem, não é, Georgie? - disse Jackie efusivamente.

Georgie assentiu e se abraçou, um sorriso plácido colado na cara.

- O bolo de carne do jantar de ontem estava inacreditável.

- Vamos juntar as mãos e aplaudir os dois por sua coragem! – gritou Jackie. Cada membro do grupo se levantou e aplaudiu, inclusive Georgie e Nate.

- Oi - disse Georgie a Nate e lambeu os lábios vermelho-sangue.

- Oi - disse Nate como resposta.

- É por aqui, senhorita.

Blair alisou as sobrancelhas recém-tiradas e passou brilho rosa nos lábios úmidos enquanto seguia um dos membros da equipe da Breakaway para a sala onde a sessão de terapia do grupo de adolescentes já estava em andamento. Ela usava o novo vestido Diane von Furstenberg vermelho, preto e roxo combinando com o par favorito de botas de cano alto de camurça preta pontudas, e estava positivamente transbordando de empolgação com a idéia de vomitar as tripas na frente de um público arrebatado que incluiria Nate.

- Bem-vinda, Blair Waldorf- cumprimentou-a uma mulher malvestida usando um feio batom marrom quando o membro da equipe abriu a porta. Ela andou e acompanhou Blair a sala. - Sou Jackie Davis, a facilitadora do grupo de adolescentes. Por favor, entre e sente-se.

Blair deu uma olhada no grupo. Lá estava Nate, o Nate dela, formidável como sempre em sua calça verde-oliva que realçava os maravilhosos olhos verdes. Para sua consternação, a única cadeira vazia ficava ao lado da de Jackie, uma pessoa que Blair já podia dizer que era uma chata total.

- Todos podem se sentar novamente - instruiu Jackie, tomando seu lugar. - Agora, o que gostamos de fazer quando um novo membro se junta ao grupo é correr a roda dizendo quem somos e a coisa ou a circunstância que nos trouxe aqui. Sejam o mais específicos e concisos possível. Lembrem-se, dar nome a fraqueza é o primeiro passo para assumir o controle dela. Não se preocupe, Blair. - Jackie pôs a mão tranquilizadora no braço de Blair. - Não vou começar por você. Billy, gostaria de começar?

Um garoto atarracado e musculoso com um suéter branco de Dartmouth esfregou as mãos nervosamente.

- Eu sou Billy White. Sou viciado em levantar peso e tomar bebidas anabolizantes - anunciou ele. - Sou um bulímico de exercícios.

Nate foi o seguinte. Ele não conseguia acreditar que Blair realmente tivesse aparecido na Breakaway, mas ele a conhecia há bastante tempo para saber que ela era capaz de tudo.

- Sou Nate e eu costumava fumar maconha todo dia. Mas tenho de dizer, ultimamente não tenho vontade nenhuma disso. -Era meio estranho admitir isso na frente de Blair, a garota da época em que ele ficava permanentemente chapado.

As sobranceiras de Blair se ergueram com uma surpresa agradável. Será que Nate estava realmente se reformando? Ele estava fazendo isso por *ela*?

- Eu sou Hannah Koto - disse a garota sentada ao lado de Nate. - Eu tomava E todo dia desde a morte do meu cachorro no último verão. -Ela olhou para Jackie. - Desculpe.

Ecstasy - esclareceu ela.

- Sou o Campbell e sou um alcoólatra em formação. - Era um garoto louro que parecia não ter mais de dez anos. - Acabei com as adegas de vinho dos meus pais em Darien e em Cape Cod.

- Eu sou Georgie e já fiz de tudo - disse uma menina admiravelmente bonita com cabelos castanhos longos e sedosos enormes olhos castanhos e lábios vermelho-escuros. Usava um short curto de cetim laranja Miu Miu e lindas sandálias de couro tangerina Jimmy Choo, notou Blair com inveja. - Gosto de comprimidos, mas ultimamente eu tinha medo de dormir um dia e não acordar mais. Agora que sei que tenho um cavaleiro da armadura reluzente... -Ela bateu as pálpebras castanhas e grossas na direção de Nate. Blair ficou rosa de raiva.

- Obrigada, Georgie - interrompeu Jackie antes que Georgie pudesse dizer qualquer coisa que colocasse em risco seu controle sobre o grupo. - O próximo?

- Eu sou Jodie e sou alcoólatra também - disse a menina gorducha sentada ao lado de Blair. - Até perfume eu bebi uma vez.

- Eu também - interrompeu Blair, ansiosa para superar a performance de Georgie. Ela descruzou e recruzou as pernas, dando a sala um vislumbre de suas meias arrastão pretas e sensuais através do talho em sua roupa. - Eu sou Blair e... -Ela hesitou. Por onde começar? Ela respirou fundo, de um jeito teatral. - Meus pais se divorciaram no ano passado. Acontece que meu pai era gay e estava traindo minha mãe com o assistente dela, que só tinha 21 anos. Eles ainda estão juntos e agora moram num chateau em um vinhedo da França. Minha mãe acaba de se casar com aquele empreiteiro anormal gordo e grosseiro e agora eles vão ter um bebê, embora ela tenha, tipo assim, uns cem anos de idade. É uma menina, eles souberam. Eu devia me candidatar a Yale, mas minha entrevista foi um horror. Então um velho amigo do meu pai disse que faria uma entrevista de ex-aluno comigo. Ele era muito atraente e eu nunca tinha saído com um cara mais velho antes, então eu meio que fiquei com ele. - Ela deu um olhar de desculpas para Nate. Ele a perdoava por ser namorada, como Blair o perdoava por se afastar dela. Jackie ouvia boquiaberta. Estava acostumada a garotos no grupo de adolescentes dando um pouco mais de detalhes do que o necessário, mas nunca tinha visto ninguém que parecesse gostar tanto de falar de si mesmo.

- Acho que parte do motivo para eu cortar meu cabelo todo foi que eu estava tentando ficar feia, embora eu não percebesse isso na época. Achei que o cabelo curto podia me dar um look legal. Mas acho que eu talvez estivesse tentando trazer toda a feiúra de

dentro para fora, sabe? E na semana passada eu matei aula e fiquei em casa. Não estava realmente doente, eu só não podia...

- Desculpe interromper, mas se puder simplesmente dar nome a seu problema... - disse Jackie quando percebeu que Blair não estava nem perto de terminar.

Blair franziu a testa e girou o anelzinho de rubi em volta do dedo. Parecia que tinha de ter um problema *específico* ou seria expulsa.

- Às vezes, quando estou triste... o que, considerando minha vida agora, é o tempo todo... Eu como muito, ou eu como alguma coisa que não devia, e depois vou vomitar. -

Pronto, isso parecia convincente.

Jackie assentiu.

- Pode dar um nome ao seu problema, Blair? Há um nome para isso, você sabe.

Blair olhou para ela.

- Regurgitação induzida por estresse? - respondeu ela com firmeza. Ela sabia que Jackie queria que ela dissesse *bulimia*, mas era uma palavra tão grosseira que ela se recusava a proferir, especialmente na frente de Nate. Bulimia era para manés.

O resto da sala abafou o riso. Jackie estava ansiosa para colocar o grupo de volta aos trilhos depois do solilóquio de Blair.

- Bem, acho que é uma maneira de dizer – observou ela, tomando nota em seu clipboard. Ela olhou para cima e alisou os cabelos castanhos crespos.

- Agora é a minha vez. Sou Jackie Davis e meu trabalho é ajudar todo mundo a se *libertar!* - Ela socou o ar e deixou escapar um pequeno uivo como se estivesse em um jogo de basquete e seu time tivesse feito um ponto. Ela esperou que os membros do grupo socassem o ar e uivassem com ela, mas eles só a encararam com o olhar vazio. - Tudo bem. Ótimo. Agora quero que todos formem duplas. Vamos fazer um pequeno exercício que gosto de chamar de "Vai pro inferno, demônio!". Um de vocês será a coisa que acabaram de nomear, a coisa da qual vocês estão tentando se libertar. Quero que o outro fique de cara para o primeiro e diga para o demônio ir embora. Diga tudo o que quiser, mas com *sentimento*. Fazendo com que seja *real*. Tudo bem, vamos lá, formem duplas. Nós somos só sete, então alguém terá de formar dupla comigo.

Hannah ergueu a mão.

- Peraí. Estamos falando do *seu* demônio ou do nosso demônio?

- Do *seu* demônio - esclareceu Jackie. - Isso vai ajudá-la a se exercitar!

Blair esperou que Nate fosse na direção dela, mas, antes que ele sequer tivesse uma oportunidade, a piranha branquela do short de cetim totalmente inadequado andou afetada até ele e pegou a mão de Nate.

- Meu parceiro? - Blair ouviu o gemido dela. Todos os outros já estavam em duplas, então Blair ficou presa a Jackie.

- Muito bem, Blair! – guinchou Jackie para ela. Usava uma sombra marrom empelotada e os olhos dela eram castanho-sapo. - Vamos dizer ao demônio aonde ir!

De repente Blair se perguntou se a reabilitação era realmente o lugar certo para ela.

- Tenho de ir ao banheiro - anunciou ela. Ela esperava que o exercício estivesse terminado quando voltasse, e aí podia conseguir uma cadeira ao lado de Nate antes que os outros de sentassem.

Jackie olhou para ela cheia de suspeita.

- Tudo bem, mas vá rápido. E deixe-me lembrá-la de que todos os toaletes são monitorados.

Blair revirou os olhos enquanto abria a porta e andava pelo corredor até o banheiro das mulheres. Ela lavou as mãos e retocou o brilho labial, abriu o vestido e olhou os espelhos com o peito nu, só para dar um showzinho a quem estivesse olhando. Depois voltou pelo corredor e espiou pela porta novamente, verificando para ver se tinham terminado o exercício.

Nate e aquela puta de shortinho Miu Miu Georgie estavam de pe perto da porta. As mãos dela estavam nos ombros de Nate e o rosto dos dois estava a centímetros de distância.

- Andei pensando numa forma de agradecer a você pelas rosas. - Blair pensou ter ouvido Shortinho sussurrar. - Quero te dar um passeio de pônei.

Ela não estava falando com o demônio dela, percebeu Blair. Estava falando com *Nate*. Blair esperou que Nate expressasse horror e repulsa ao que Shortinho estava dizendo, mas só o que ele fez foi rir para ela com a língua de fora, como se estivesse ansioso para ouvir mais.

- Vou cobrir você de... - Blair não esperou para ouvir o resto da frase de Georgie. Estava bastante óbvio por que Nate gostava tanto da reabilitação e por que ele estava se reformando com tanta rapidez. Ela voltou pela porta para o corredor, pegando o celular da bolsa para ligar para a mãe. Um carro devia vir e pegá-la em duas horas para levá-la de volta a cidade, mas de jeito nenhum ela ia esperar tanto tempo. A reabilitação não era nenhum spa; era só outra sala de aula cheia de manés ridículos que precisavam cair na vida.

- Não pode usar isto aqui, senhorita! - gritou uma ajudante para ela no corredor. Blair olhou para ela e marchou pelo corredor até o saguão. Uma das recepcionistas estava lendo um jornal com um anúncio colorido de página inteira das Lágrimas de Serena no verso.

De repente alguma coisa ocorreu a Blair. Ela nunca pensou realmente nisso antes, mas Serena van der Woodsen – sua suposta melhor amiga - era a rainha absoluta do retorno. No outono Serena tinha sido expulsa do internato e voltado para casa na cidade com a reputação tão manchada que só as puxasacos mais desesperadas falavam com ela. Mas, em uma série de pontas que roubaram o filme, Serena tinha reconquistado todo mundo, inclusive Blair, e agora ela era a estrela da campanha publicitária da porra de um perfume internacional. Se alguém podia ajudar Blair a voltar ao topo e fazer com que todos se apaixonassem por ela de novo, esse alguém era Serena.

Blair abriu as portas de vidro da clínica de reabilitação e ficou parada no alto da escada de mármore, arfando no frio. Rapidamente, ela procurou o número do telefone de Serena no celular.

- Blair? - gritou Serena, a ligação pipocando. – Achei que estivesse puta comigo. - Ela tossiu alto. - Meu Deus, estou doente.

- Onde você está? - perguntou Blair. - Está em um táxi?

- É - respondeu Serena. - Vou para a estréia de um filme com algumas pessoas que conheci nas fotos do perfume. Quer ir?

- Não posso - respondeu Blair. - Serena, preciso que você venha aqui. Diga ao táxi para pegar a 1-95 para Greenwich. Saída 3. Tem um lugar chamado Breakaway na Lake Avenue. Diga a ele para parar e pedir informações, se não conseguir encontrar. Tá legal?

- Greenwich? Mas vai me custar umas cem pratas! - concordou Serena. - O que é que tá pegando, Blair? Por que está em Greenwich? Isso não tem nada a ver com aquele cara velho que vi com você na outra noite, tem?

- Eu pago a corrida - interrompeu Blair impaciente. - Vou te contar tudo quando você chegar. Você vem, S? – perguntou ela, usando o apelido carinhoso que não usava desde que eram garotinhas.

Serena hesitou, mas Blair sabia que ela estava intrigada com a idéia de uma aventura com a velha amiga. O telefone estalou quando ela ouviu Serena dar as orientações ao motorista.

- Tenho de desligar porque a bateria do celular esta arriando - gritou Serena. –Já vou chegar aí, tá? Ah, e a propósito, Aaron e eu terminamos.

Blair puxou o ar frio pelas narinas, os lábios com uma camada recente de brilho virando-se para cima num sorriso presunçoso enquanto ela absorvia a informação.

- Vamos conversar quando você chegar. - Desligando, ela se sentou nos degraus frios e duros e abotoou o casaco de cashmere azul-celeste, puxando o capuz sobre a cabeça antes de acender um Merit Ultra Light. Se alguém passasse por ela na estrada, veria uma garota misteriosa num casaco azul de capuz, parecendo desafiadoramente certa de si mesma, embora a trama tivesse mudado e o roteiro precisasse ser totalmente reescrito.

do que falamos quando não falamos de amor

- Peguem os casacos, todas - disse Serena as alunas do primeiro ano do grupo de discussão na segunda-feira. – Vamos conversar tomando chocolate quente no Jackson Hole.

- Não se preocupem, temos permissão – acrescentou Blair, olhando-se no espelho do refeitório. Tinha voltado ao salão para refazer o cabelo e agora parecia Edie Sedgwick dos tempos da Factory de Andy Warhol. Era totalmente estranho.

- Uau – exclamou Jenny baixinho, olhando-a. – Você está ótima. - Jenny estava tão feliz desde que conheceu Leo que estava praticamente explodindo de amor por todo mundo que encontrava.

Blair se virou, lembrando-se de uma coisa.

- Já viu seu e-mail? - perguntou ela.

Os olhos de Jenny se acenderam.

- Ah, sim. Já, eu vi!

Blair pensou em assumir o crédito pelo óbvio estado de completo êxtase de Jenny, mas era mais divertido ver Jenny brilhar e ficar nas sombras. Talvez não seja uma coisa tão horrível assim ser uma irmã mais velha, afinal. Ela percebeu que Elise Wells usava um suéter preto puído e apertado em vez de um de seus cardigãs rosa de grife. Ótimo. Talvez a mãe dela finalmente tenha assassinado o pai por ser um babaca total.

- Como vão as coisas com seu pai, Elise? – perguntou Serena, praticamente lendo o pensamento de Blair.

Para surpresa de Blair, Elise sorriu, feliz.

- Ótimas. Ele e mamãe viajaram juntos neste fim de semana. - Ela riu e cutucou o braço de Jenny. - Mas isso não importa. Acho que Jenny tem uma coisa a dizer.

Jenny sabia que seu rosto estava vermelho feito uma beterraba, mas ela não ligava.

- Estou apaixonada - declarou ela.

Serena e Blair trocaram olhares depreciativos. A ltima coisa de que queriam falar era de *amor*.

- Vamos, peguem os casacos - instou Serena. –Vamos nos reunir fora daqui.

O ar no Jackson Hole da Madison Avenue estava espesso do cheiro de gordura de hambúrguer e o som abafado de fofoca. Enquanto o grupo de discussão andava e se sentava a uma mesa perto da janela de vidro, Kati Farkas e Isabel Coates se espremiavam num canto, discutindo os últimos desenvolvimentos sem que ninguém pudesse ouvir.

- Já soube do Nate Archibald e aquela garota de Connecticut? - perguntou Kati. Tinha cortado o cabelo curto no fim de semana e seu nariz germânico parecia duas vezes maior. - Eles foram pegos transando no armário de vassouras da clínica e agora ele tem de fazer terapia particular na cidade.

- Peraí, achei que era *Blair* e Nate no armário de vassouras - fungou Isabel. Ela usava uma amostra do Lágrimas de Serena que tinha pegado com o amigo publicitário da mãe que trabalhava na *vogue*. Fazia seu nariz escorrer.

- Não, idiota. Blair está vendo aquele cara velho, lembra? Mas ela não vai ter mais o bebê. Teve um aborto espontâneo. É por isso que ela faltou tanto às aulas.

- Ouvi dizer que Blair e Serena mandaram as solicitações para o sistema de universidades da Califórnia – disse Laura Salmon. - Elas estão fazendo admissões, e aí você descobre qual universidade pode te aceitar, tipo assim, umas semanas depois de se candidatar. - Ela ergueu as sobrancelhas finas cor de morango. - Ei, de repente a gente devia fazer a mesma coisa!

Não que qualquer uma delas *realmente* tivesse pensado em ir para qualquer universidade da Califórnia.

- E aí, como é que foi fazer aquele comercial de perfume? - perguntou Mary Goldberg a Serena enquanto as meninas do grupo de discussão A esperavam pelo chocolate quente. Cassie Inwirth e Vicky Reinerson apuraram o ouvido. As três meninas tinham cortado o cabelo curto no fim de semana, mas, como nenhuma delas tinha visto Gianni na Garren, os cortes eram só imitações fraquinhas do cabelo antigo de Blair e *nada* comparável ao novo corte.

- Frio - respondeu Serena. Ela assoou o nariz em um guardanapo de papel e depois puxou os longos cabelos dourados para o alto da cabeça, torceu-o em um coque e enfiou uma caneta por dentro para prendê-lo.

É claro que agora todas queriam não ter cortado o cabelo.

- Na verdade eu prefiro não falar nisso – acrescentou ela misteriosamente.

Blair se inclinou sobre a mesa.

- Ela e Aaron terminaram durante as fotos - disse ela as meninas do primeiro ano num sussurro confidencial. Endireitou-se na cadeira novamente. - Fim de papo.

O garçom trouxe o chocolate quente, em canecas fumegantes e enormes, carregadas de Reddi-Wip.

- Podemos falar de amor agora?- perguntou Jenny meio trêmula. Ela olhou em volta para o salão abarrotado. Se tivesse sorte, Leo podia até aparecer ali para ela poder exibi-lo.

- Não! - gritaram Serena e Blair em uníssono. Elas trouxeram o grupo especificamente ao Jackson Hole para não ter de falar de meninos, comida, pais, escola, *nada*. O que elas queriam era beber o chocolate quente e curtir a companhia uma da outra.

De repente um silêncio caiu sobre o restaurante quando Chuck Bass rodopiou com um chapéu de pele de raposa e um casaco azul-bebê, o anel rosa com monograma piscando enquanto ele entregava filipetas cor-de-rosa a todos que estavam ali.

- Ou vai ou é careta! - gritava ele, adejando pela porta em uma nuvem de Lágrimas de Serena tão de repente como entrou.

A filipeta era um convite para uma festa na segunda a noite, e segundos depois todo o restaurante zumbia.

- Você vai?

- Peraí. Acha que é realmente a festa *sai do armário* do Chuck?

- Não. É o aniversário dele. Não leu?

- Mas a gente foi colega de jardim-de-infância. O aniversário dele é em *setembro*. E nem é uma festa dele. É de uma garota. Ele só está distribuindo as filipetas.

- Eu ainda acho que ele é bi. Eu o vi com uma garota da L'École Française no sábado, e eles estavam praticamente *transando*.

- Quem era aquele cara, aliás?- gemeu Cassie Inwirth.

- Sabe aquele site www.gossipgirl.net? Pois é, acho que é ele!- anunciou Mary Goldberg.

- Acha que a Gossip Girl é ele?- opôs-se Vicky Reinerson.

- De jeito nenhum! - gritaram Serena e Blair.

Nunca se sabe.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente !

NÃO QUE EU SEJA GANANCIOSA NEM NADA DISSO

Agora todos vocês já viram a filipeta convidando todos para minha festa na segunda à noite. E, se você não viu, onde é que estava? Escondido debaixo de uma pedra? Por favor, não se incomode em aparecer a não ser que *leve* uma das coisas que se seguem:

Um filhote de poodle toy caramelo

O máximo de frascos de Lágrimas de Serena. *Sei* que há uma lista de espera, mas eu sou viciada!

Passagens de primeira *classe* para Cannes em maio

Diamantes

Um senso de humor incrível

Todos os caras lindos de sua agenda de endereços

Flagra

N e a namorada branquinha completamente rica em um passeio de charrete no **Central Park**. Acho que ela conseguiu um dia de folga da reabilitação por bom comportamento. *S* e *B* na **Les Best** experimentando toda a linha de outono. *V* entregando um envelope de cânhamo ao departamento de teatro da **Riverside Prep**. Você não acha que ela realmente estava entregando aquele filme ao professor de teatro de *D*, acha? Aí, isso é que é dedicação! *D* e aquela poeta maluca gritando disparates da janela do apartamento dela em **Chinatown**. A pequena *J* e o novo galã olhando tatuagens na **Stink**, uma loja no East Village. Vamos rezar para que eles só estejam olhando.

E QUANTO ÀQUELAS PERGUNTAS IMPORTANTÍSSIMAS...

Será que *N* e sua herdeira malcomportada continuarão a ser um artigo genuíno?

B vai mesmo superar *N*? Vai deixar o cabelo crescer? E – ainda bem que a resposta virá logo - vai entrar para Yale??

Será que *S* e *B* vão continuar amigas ... pelo menos até a formatura?

S se tornará uma supermodelo insossa, redundante e comedora de aipo? Será que vai ficar com um cara por mais de cinco minutos?

J e o novo garoto vão viver felizes para sempre? O novo namorado dela vai tentar romper?

V vai olha para *D* novamente?

D continuará saindo com aquela poeta de dentes amarelos? Será que os dentes *dele* vão acabar amarelos também? Ele realmente vai escrever as memórias?

Será que o resto de nós vai entrar para a faculdade? O mais importante, vamos todos nos formar?

Você vai descobrir quem eu sou?

Logo tudo ficara claro como cristal.

Vejo vocês na minha festa segunda à noite, e não se esqueçam de levar pelo menos *uma* coisa da lista. Au revoir!

Pra você que me ama,
gossip girl

FIM

